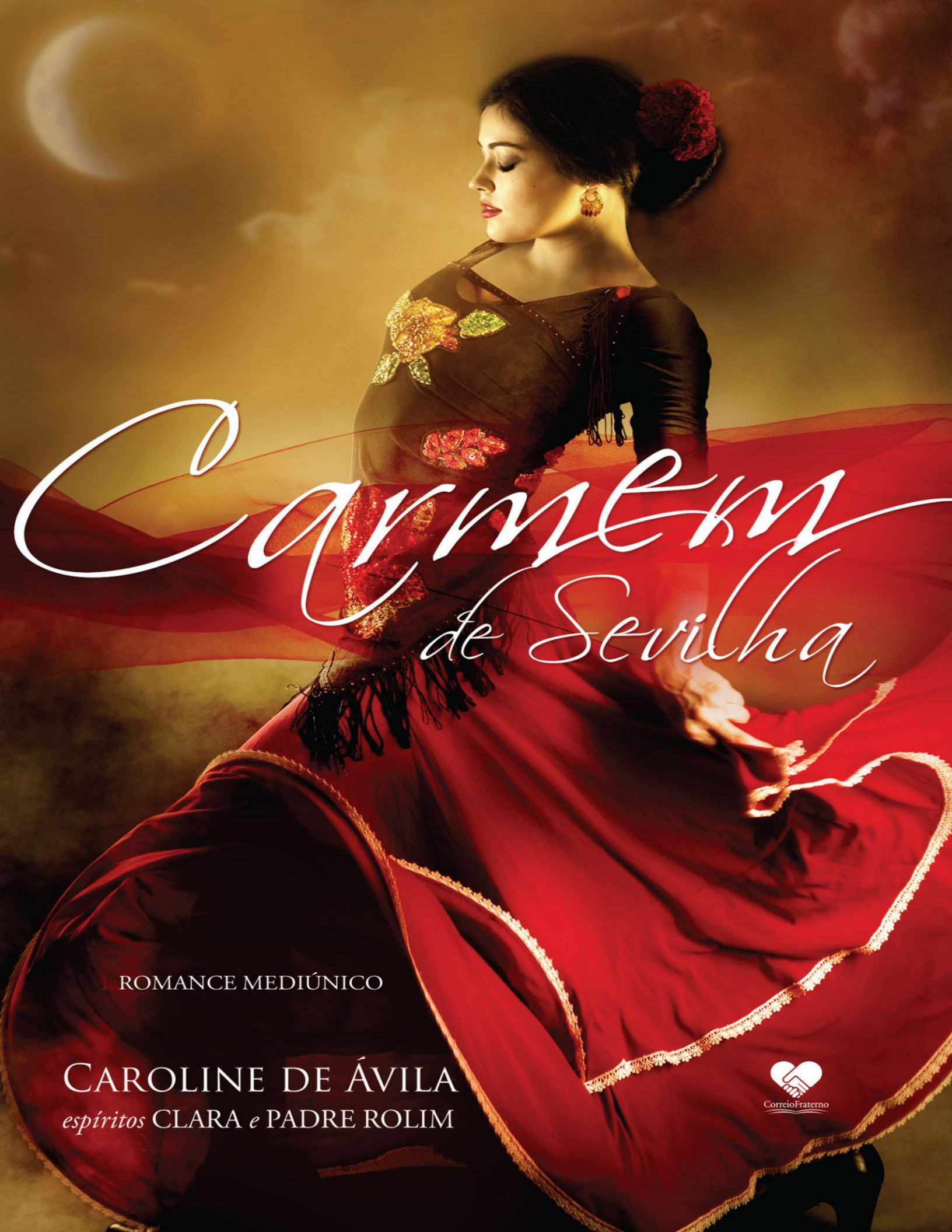

Carmem
de Sevilha
ROMANCE MEDIÚNICO
CAROLINE DE ÁVILA
espíritos CLARA e PADRE ROLIM
CorreioFraterno

© 2016 Caroline de Ávila

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

1ª edição eletrônica: setembro de 2020

Coordenação Editorial: Cristian Fernandes
Capa e projeto gráfico de miolo: André Stenico
Projeto eletrônico: Joyce Ferreira
Preparação de texto: Eliana Haddad e Izabel Vitusso

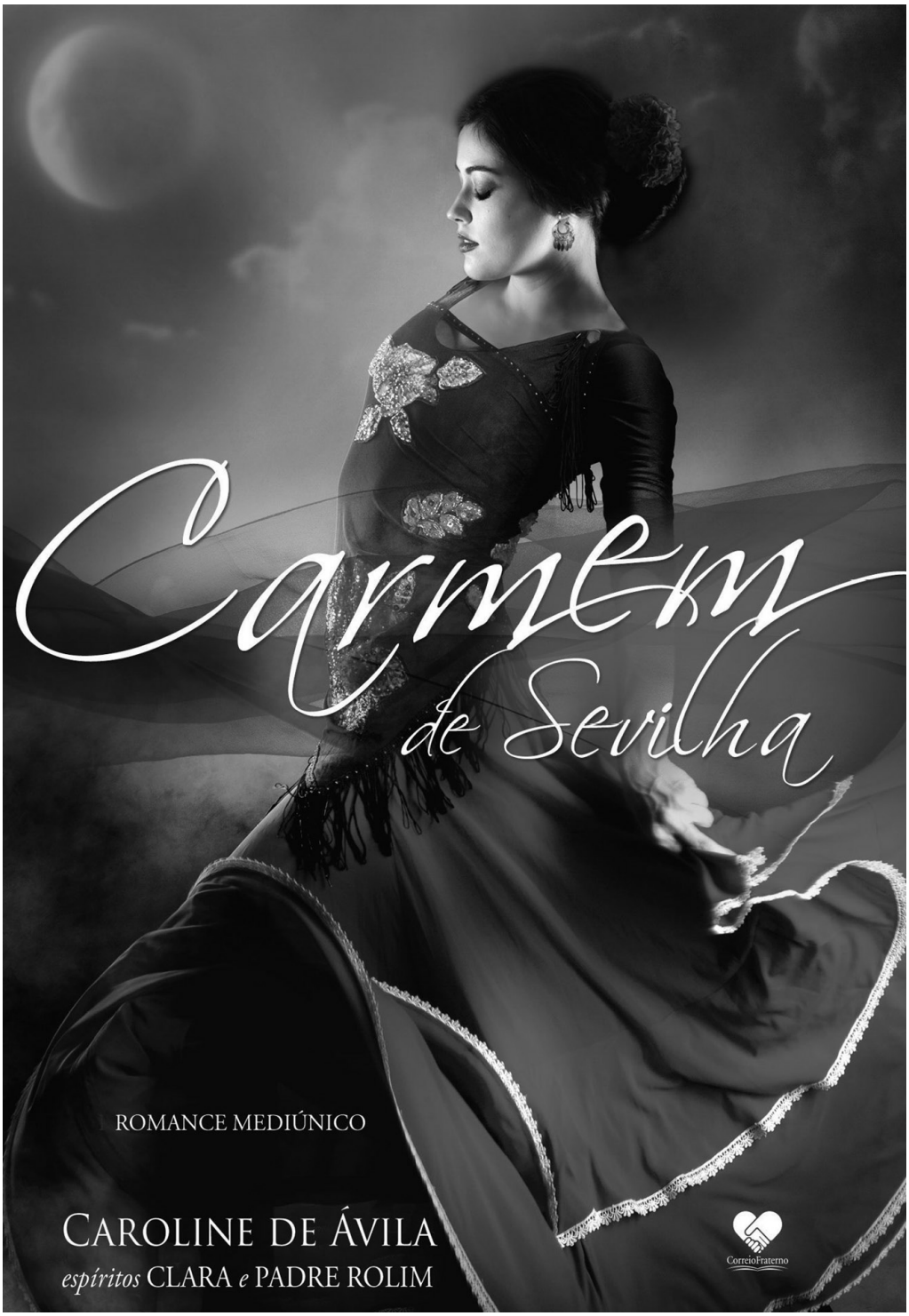
ISBN 978-65-86480-10-8

Carmem de Sevilha | Clara e Padre Rolim (espíritos); Caroline de Ávila

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Editora Espírita Correio Fraterno
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955
CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP
Telefone: 11 4109-2939
correiofraterno@correiofraterno.com.br
www.correiofraterno.com.br

Vinculada ao LAR da CRIANÇA EMMANUEL www.laremmanuel.org.br


Carmem
de Sevilha
ROMANCE MEDIÚNICO
CAROLINE DE ÁVILA
espíritos CLARA e PADRE ROLIM
CorreioFraterno

A Deus, sobre todas as coisas, a Jesus, à espiritualidade querida, à minha família, aos amigos e ao meu amor, minha eterna gratidão.

Sumário

Prefácio
O amor pela dança
A revolta do barão
O encontro com Manolo
Felicidade no campo
O desespero do abandono
Carmem, a cigana
Sucesso e dinheiro
Um estranho em Veneza
Tristeza e desalento
Amor e perdão
Palavras Finais

Prefácio

AO CONTAR ESTA história, percebo que ela não vem simplesmente de mim, vem de algo bem maior que clareia o nosso entendimento em relação a coisas que não sabemos explicar ou entender. Após este livro, me liberto de algumas ideias pré-concebidas e me prendo às demais que se afirmam: que finais felizes existem, que a verdade é imutável e que Deus nunca nos abandona.

Tudo depende de nós, juntamente com Deus. Existem e existirão sempre pessoas do 'outro lado', no 'céu', no 'astral', que nos amam e nos mostram ter um sentimento incondicional. Este amor não se aplica às regras e às leis dos homens e sim às leis do Pai e do Universo. É o incorreto no correto. É o avesso no lado certo. É o ruim no bom. É saber sem ter lido, é sentir sem ter vivido, é amar sem ter amado.

Ana foi uma menina sonhadora e ambiciosa. Sofreu muito e foi capaz de várias atrocidades para chegar aonde queria. Mas, graças às leis divinas, Manolo surgiu em seu caminho, mostrando do que um verdadeiro amor de outras vidas poderia ser capaz. E graças a este amor, Ana faz as pazes consigo antes de sua partida e escreve um novo fim.

"Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim." – Francisco Cândido Xavier

1
O amor pela dança

ACORDEI CEDO... DORMI mal... Os pensamentos não me deixaram esta noite. Estou sem forças para me levantar. Procuro atingir meus pensamentos e volto lá atrás na minha juventude, onde tudo começou. Quem diria que eu, aos meus 61 anos, pudesse me lembrar de coisas tão distantes de forma tão detalhada! Minha vida não tem mais sentido, estou só. Todos se foram e junto com a solidão ganhei uma doença que definha meu corpo aos poucos. Tenho câncer nos ossos e dependo de todos aqui do abrigo para tudo. Que ironia do destino, que ironia do destino! Eu, uma mulher que nunca dependeu de ninguém para nada, que sempre se exercitou e considerou seus ossos como seu próprio alicerce!

Amanhece o dia... Não consigo percebê-lo. Sempre amei o dia, o amanhecer, no entanto hoje nada me encanta. Só a força dos pensamentos que me roubam a atenção. Mesmo que quisesse detê-los, não conseguiria. Eles são fortes o bastante para prender a minha atenção e me encher os olhos de lágrimas, de saudade, de remorso, de alegria e de sofrimento...

Ano de 1818, eu desfrutava de meus 14 anos, filha de família nobre em Madri. Possuía influência em toda a alta sociedade e era conhecida como Ana Bernardez. Mas isso nunca me chamara à atenção. Eu tinha o tino rebelde, do contra, e por causa disso e pela repulsa que a alta sociedade burguesa me causava, encontrei a minha salvação, ou minha total perdição!

Sorrio e choro quando me lembro o quanto eu amei, de toda minha alma, e o que tive que passar por isso.

As mulheres em Madri aprendiam a dançar desde novas. Principalmente nas famílias tradicionais, que criam quase uma obrigatoriedade em torno da dança flamenca, para uma espanhola prendada. Mas na minha época, nossos aprendizados eram apenas para adicionar aos primores de uma moça de família tradicional, como adendo ao concurso de um bom casamento. Eu, sinceramente, odiava usar uma coisa tão primorosa para conseguir um 'bom partido'. Na minha cabeça o bom casamento vinha do bom sentimento e nada mais. Mas como filha de tradicional família, fiz aulas de dança desde pequena e me apaixonei por ela desde o início.

Aos 14 anos, meus pais acharam por bem me tirar das aulas, porque eu respirava, comia e bebia dança. E os planos não eram esses...

Você já se apaixonou por alguém ou por algo? E depois de sentir e conviver conseguiu ficar longe? Para uma adolescente de 14 anos isso é impossível! É nesta idade que estamos com os hormônios e todas as forças possíveis para um começo de vida, para aprender a andar com as próprias pernas.

Não consegui ficar longe da dança. Mas, para continuar, só se conseguisse algum lugar que não fosse descoberto por meus pais e pela sociedade tão adoecida naquela cidade. Durante um ano, não consegui imaginar lugar algum para que pudesse dançar.

Minha mãe, Maria da Consolação, era o oposto de mim. Mãe doada, mulher dotada de personalidade passiva e submissa. Possuía uma beleza clássica, cabelos dourados e sempre presos em um coque, roupas elegantes e com detalhes luxuosos, porém, delicados. Meus traços eram como de meu pai, possuía os cabelos negros e ondulados, os lábios medianos e covinhas no rosto.

Ela se perdia em cuidados para me tirar a tristeza e a atenção pelos meus desejos de dançar novamente. Minha mãe tinha uma paixão louca por mim. Me tinha como seu bibelô, sua bonequinha. Achava que poderia fazer o que quisesse comigo... Eu a amava muito, mas não gostava da forma com que ela queria induzir a minha vida, como se fosse a única coisa a se fazer.

Eu sempre me pegava sonhando, imaginando grandes palcos, muitas pessoas, dizendo sempre a mim mesmo: A vida é mais que isso! Não pode ser simplesmente crescer, casar e viver para família, marido que talvez você nem o ame, e filhos.

E com intuito de tentar me alegrar, mamãe sempre dizia:

– Meu anjo... Não fique assim! Você já está chegando na idade de conhecer um rapaz de sua classe. Vão se casar, ter filhos e você será uma exímia dona de casa!

Dona de casa, eu? – retrucava em pensamento, porque nunca poderia expor esses pensamentos. Seria um crime!

A única pessoa em quem eu podia confiar e dividir meus segredos era minha tia Mercedez. Tia Mercedez era muito parecida com minha mãe em seus traços, cabelos dourados, traços finos, estatura mediana e uma elegância e altivez invejáveis. Minha tia já teve os mesmos sonhos que os meus, mas em sua época, não havia outra saída, a não ser seguir o que lhe era imposto, arranjar um noivo, casar e ter filhos.

Ela sempre me dizia: "Ana, hoje eu vivo frustrada por não ter seguido meu coração, mas ao mesmo tempo, amo meus filhos e meu marido! Penso que teria sido tão mais fácil tê-los depois, quando eu já estivesse independente e bem resolvida em minha vida! Mas imagine eu dizer uma coisa dessas a alguém! Ainda bem que tenho você para dividir este segredo. Você é mais que minha sobrinha, é minha amiga" – dizia em nossos momentos de confidência.

Esses assuntos jamais poderiam sair da boca de mulher. Não era permitido e as mulheres à frente de seu tempo eram excluídas da sociedade. Pensávamos igual e sonhávamos em segredo.

Ai que saudades de Tia Mercedez! Como ela foi importante em minha vida! Além de entender meus sonhos, se comprometeu a encontrar um lugar para eu dançar sem que meus pais desconfiassem: "Ana, se este é seu sonho, farei de tudo para ajudá-la a realizá-lo. Os tempos hoje em dia são diferentes. A Europa está mudando e crescendo. Você poderá almejar algo melhor para você e sinto que outros tipos de vida existirão para nós, mulheres, daqui para frente" – dizia.

A única pessoa neste mundo que não poderia sonhar com este plano de eu voltar a dançar era meu pai. Juan Bernardez, homem altivo, corpo quase atlético, moreno claro, muito bonito, tanto quanto minha mãe que era clara, e delicada. Os dois faziam um casal maravilhoso, e ele, desfrutando de seus 45 anos, era homem influente e respeitado na sociedade, pela sua rigidez e franqueza de caráter.

Eu e meu pai nunca nos entendíamos direito. Nossas ideias sempre divergiam. Quando resolveu me tirar da dança fui quase agredida fisicamente por ele, por eu lhe dizer que ele não tinha o

direito de fazer aquilo, por me tirar algo tão importante na minha vida. Escapei por pouco!

Se não fosse minha mãe e sua forma de conduzir a situação, nem sei. Mamãe tinha uma fragilidade estampada e usava isso para amenizar a agressividade de meu pai. Ela sempre atuava muito bem. Se tivesse uma cabeça mais aberta, poderia ser atriz ou cantora de ópera. Ela fingia que estava desmaiando e caía como uma folha ao se despender da árvore, sem medo de se machucar. Meu pai, apesar da rispidez, era alucinado por ela e isso o desordenava por inteiro.

Eu tinha três irmãos, todos bem mais velhos que eu e casados. O mais velho, Juan filho, nesta época estava com 25 anos e já era casado há cinco anos. Era o parceiro de meu pai nos negócios, porém não levava o trabalho muito a sério. Infelizmente ele adorava um jogo e vivia colocando suas economias em risco. Eu quase não o via, porque ele sempre sumia.

Minha cunhada Maria Andaluz, jovem, vinte anos, morena, cabelos negros e longos, postura sisuda, cansada de viver só e por não terem filhos, acabou desistindo de seu casamento, levando-o pelas aparências. Diziam as más línguas que ela tinha um caso com seu primo, Roberto Andaluz.

O segundo irmão, Antônio, 24 anos, casado, tão sisudo quanto meu pai, também ajudava nos negócios e, diferentemente de Juan Filho, amava os negócios. Antônio tinha três filhos, aos quais era muito apegado. Apesar de sua maneira bruta de se expressar, amava sua família e vivia para ela. Nós não combinávamos muito bem. Quando era solteiro, vivia fazendo intrigas, dando razões a meu a pai para que eu não saísse de casa. E ainda acredito que minhas aulas de dança foram cortadas por causa dele. Ele adorava me ver presa e, por ele, eu seria a única filha a não se casar e a ficar cuidando de meus pais na velhice.

A terceira irmã, Maria Clara, 23 anos, casada, era o oposto de mim. Parecia fisicamente muito com minha mãe, e sua personalidade também. Vivia para a família e se considerava muito feliz por tudo que construíra. Achava que eu era a ovelha negra da família, porque nunca fazia o que era esperado de uma dama da minha idade.

Só tia Mercedez compreendia minha maneira de ser, meus sonhos. Quando completei meus 15 anos, as portas se abriram em uma festa deslumbrante. O sonho da maioria das meninas da minha idade, menos por mim. Meu coração estava em outro lugar. Estava na música e na dança! Somente lá.

Durante a festa, tive duas grandes surpresas. Tia Mercedez me trouxe a notícia de um lugar para que eu pudesse voltar a dançar. “Ana, é um lugar onde as mulheres se apresentam e lá seu pai nunca saberá que você está indo. É outro tipo de gente. Você vai gostar! Ouça bem, você vai me prometer que irá dançar, mas não vai se misturar com as pessoas, muitas delas com tristes vícios!”

Aquela era a melhor notícia que recebia naqueles últimos tempos! Foi o melhor presente que eu poderia receber! Eu prometo! Prometo que continuarei sendo honesta e seguirei os bons costumes, disse a ela abraçando-a e explodindo de felicidade!

Num súbito de mau agouro, meu pai me chama todo solícito:

– Ana venha cá, tenho boas novidades. Sabe quem acabou de pedir sua mão? O noivo mais desejado de Madri e quiçá da Europa!

Carlos, era o nome dele, vivia me fazendo galanteios e eu nunca dava a menor importância. Ele era um homem lindo, moreno, alto, olhos amendoados, expressão forte, postura esguia, mas algo nele não me soava bem. Ele tinha um olhar meticuloso e isto não me causava bons sentimentos.

– Dance com ele, minha filha! Ele pode ser seu futuro marido! Estou tão feliz! – dizia meu pai, enquanto meu mundo girava e caía sobre minhas costas. Enquanto Carlos pegava em minhas

mãos e sorria para mim com ar galanteador, eu sentia repulsa àquela atitude.

– Parabéns, Ana, fico muito feliz por poder participar desta comemoração junto de você.

– Carlos, não se precipite, eu estou dançando com você a pedido de meu pai, mas isto não quer dizer que aceitei seu convite. Nós não temos nada em comum. Nos conhecemos há algum tempo e nunca nenhum sentimento contrário passou pela minha cabeça, a não ser o respeito e educação a que devo aos amigos da família.

Os olhos de Carlos triscaram de fogo, de tanto ódio! Ele parou de dançar e fitou-me como se eu estivesse desafiando o rei do mundo. Como se eu não pudesse negar-lhe o pedido de casamento. Ao mesmo tempo, senti um frio na espinha e minha sorte foi a chegada do meu irmão Antônio, que me puxou dos braços de Carlos e se pôs a dançar.

– Ana, afaste-se deste homem. Ele possui atitudes lascivas, por fora da máscara que usa nos salões da grande sociedade europeia. Ele não serve para você, Ana.

– Eu sei que ele não serve, mas diga isso ao nosso pai, já que ele só tem ouvidos para você.

– Que ironia, hein? Agora você precisa de mim! Eu tentarei convencer e mostrar isso a meu pai, apesar de ele gostar de Carlos como um filho.

– Antônio, você faria isso por mim? Eu ficaria muito grata, já que sinto repulsa por este homem, só de pensar em alguma possibilidade de casamento.

– Faria... Apesar de você não acreditar, zelo por sua integridade.

No decorrer da festa, meu irmão Antônio não deu brechas para que Carlos se aproximasse de mim.

Os dias foram passando e a situação de um modo geral melhorou. Consegui, com a ajuda de minha tia Mercedez, inclusive para justificar as minhas saídas de casa, um lugar para dançar e meu pai parou de insistir para que eu aceitasse me casar com Carlos, graças ao meu irmão e minha tia, eu estava feliz! Feliz e completa!

2
A revolta do barão

ALGUNS MESES DEPOIS, acordo assustada com meu pai gritando na entrada de casa, no andar debaixo. Sua voz parecia de um urso raivoso, querendo matar a presa:

– Ana!!! Ana! Ana! Sua maldita traidora! Sua pecadora! Onde você está?!

Senti logo que tudo estava perdido. Meu pai havia descoberto! Mas como? Como não me importava. Só teria que sair dali o mais rápido possível, antes que ele me visse. Tentei me vestir bem rápido, mas era tarde, ele já estava ali!

Ele abriu a porta e seu olhar era puro ódio. Pôs-se a me agredir, física e verbalmente. Lembro como se fosse hoje...

– Sua maldita! Traidora! Como você pôde...

– Papai! Por favor! Não! Não me bata! Papai! Não!

– Eu quero te matar, Ana! Você traiu sua família, sujou o nosso nome, nossa reputação! Todos estão rindo de mim! Dizendo que possuo uma prostituta dentro de casa! Como você pôde? Como?

Ele me batia repetidas vezes com um chicote, marcando meu corpo inteiro. Jurei que morreria naquele momento, mas, como sempre, minha mãe, minha protetora, chegou e conseguiu frear o ímpeto de meu pai.

– Juan! Pelo amor de Deus! Seja lá o que houver acontecido. Você não tem o direito de matar a minha filha! Pare com isso agora ou terá que me matar também!

– Você não sabe o que está dizendo, mulher! Nossa filha é uma vagabunda! Você não sabe de nada! Ela nos traiu!

– Mas como? Diga-me, Juan, para que eu possa entender tamanho ódio!

– Mulher, Ana continua dançando e isto não é o pior, o pior é que...

Naquele momento, meu pai caiu em choro. Nunca o vi chorar, principalmente daquele jeito. Sabia que o local que estava frequentando não era muito bem visto, mas minha conduta não havia mudado.

– Juan! Meu Deus, acalme-se, homem. Não se descontrole assim, por favor. Diga-me o que está acontecendo? Mas agressão física não trará o leite derramado!

– Você não faz ideia da vergonha que Ana nos fez passar. Ela jogou o nome de nossa família na lama, jogou nossa reputação no lixo!

Ah, a culpa era minha? Eu dançando, sem fazer mais nada de errado! E meu irmão, viciado em jogo, já não tinha jogado o nome da família e os bens juntos? Santa hipocrisia... Tive que me

segurar, antes que ele me matasse...

– Consolação, Ana está dançando em um cabaré, junto com aquele povo imundo, fazendo sabe-se lá o quê! Ela foge à tarde e vai para lá se prostituir, junto com aquelas mulheres!

– O quê? Ana?

– Isso não! Eu sou limpa e pura do mesmo jeito que sempre fui! Apenas danço e não preciso fazer o que eles fazem, porque tenho onde morar e onde me alimentar! O senhor deveria antes saber o que acontece com as pessoas, para entender o por quê de terem certas atitudes que não condizem com os padrões esperados.

Naquele instante, meu pai não se conteve. Voltou a me espancar e, graças a mais um 'desmaio' de minha mãe, ele parou! Louvados sejam os desmaios!

– Mulher! Acorde! Por favor, não faça isso comigo! Está vendo, Ana! Você está matando seus pais de desgosto! Isto é um sacrilégio! Deus há de lhe castigar por isso!

Ao ouvir aquilo, vendo meu pai carregando minha mãe nos braços, senti um frio inexplicável na barriga. Ah! Se ele soubesse o quanto essas palavras pesariam mais tarde em minha vida! Ah! Se ele soubesse...

Eu estava toda machucada, com arranhões em alto relevo na minha pele por causa das chicotadas. Alguns sangravam e outros ardiam, mas nada comparado à dor que eu sentia por dentro. Minha família não acreditava em mim e meu pai me odiava, e o pior, dessa vez minha mãe havia desmaiado de verdade...

Tive que cuidar sozinha dos ferimentos e pensar no que fazer da minha vida dali em diante. Tentei limpar os ferimentos e senti tanta dor no peito! Meu pai conseguiu fazer minha mãe acordar e não voltou mais ao meu quarto. Mas ela, sim, voltou.

Ela era dócil e desfrutava de seus quarenta anos de abnegação e dedicação. Já eu, era mais impulsiva, mais ativa como meu pai. Enquanto os olhos de minha mãe mostravam doçura e uma tristeza longínqua, os meus olhos eram ativos e vibrantes.

– Está melhor, filha?

– Mãe, minha vida aqui nessa casa acabou. Não tenho mais por que continuar aqui...

– Não diga isso, meu amor. Nós vamos superar isso, você vai parar de desobedecer a seu pai, eu te ajudarei e tudo se resolverá!

– Não, mãe, eu não vou parar. Vou-me embora daqui e hei de realizar meu sonho. Eu sinto falta de algo a mais, sinto falta de aplausos, de paixão nos olhos das pessoas. Quero ser dançarina! É isso que eu quero e é disso que eu preciso!

– Não, minha filha, não fale assim! E nós? E eu? E nossos aplausos, meu amor? Você quer matar seus pais de desgosto? Eu não posso lhe apoiar nisso! É inconcebível, por amor que tenha a Deus, e se não houver amor, que seja por temor! Não me diga uma blasfêmia dessas!

– Amor a Deus? Que amor, mãe? Que Deus é esse que quer me encurralar em uma jaula, cortar as minhas asas e me impedir de voar?

– Ana! Não diga isso! Deus não tem nada a ver com isso! Eu não suporto! Você quer matar sua mãe? Eu não vou lhe ajudar neste pecado que quer cometer, não conte comigo. Não trairei a confiança de seu pai, que tem devotado todo seu tempo para o nosso sustento e nosso conforto. Pense nisso, Ana, em tudo que temos feito por você, realizando todos os seus caprichos!

– Mas mãe, eu quero mais!

– Basta, Ana! Basta! Pronto. Os curativos estão feitos. Deite um pouco e descanse. Mais tarde

eu volto para lhe trazer o jantar. Mas pense, Ana, em suas escolhas, porque, do contrário, ficará sem sua família.

Minha mãe estava arrasada, ela não me entendia. Achava que tudo aquilo era fruto da educação que haviam me dado! Como ela conseguia ser tão submissa? Eu também não conseguia entendê-la e não conseguia também parar de chorar. Que mal eu fiz para receber castigo tão rude? Meu único prazer era o palco, nunca havia feito nada que desonrasse meu nome e principalmente minha família. Sempre tratei todos com cordialidade nos cabarés, mas nunca me misturava demais. Nunca me deixei levar pelas ilusões. Realmente não entendia por que estava pagando um preço tão caro por algo que não fiz. Que sociedade hipócrita! Quantos possuíam atitudes lascivas, desonestas e eram respeitados porque mantinham as aparências!

Não sei o que doía mais, meu peito ou meu corpo por causa da surra. Como as pessoas que eu mais amava podiam me dar as costas e me julgar daquela forma? Não perdoarei meus pais pelo que me fizeram! – pensava. – Preciso dar um jeito de sair desta casa e desta cidade para sempre! Eu amo o sucesso que faço nos palcos. Quero ser idolatrada, quero mais! Muito mais que esta vidinha medíocre!

Custei a dormir. Tive um sonho tão bom... Sonhei com uma mulher linda. Parecia um anjo, cabelos louros e cacheados. Olhos azuis como o céu limpo em dia de primavera. Os sonhos eram sempre muito reais. Até hoje não sei se realmente foi sonho ou realidade. Tratando-me com intimidade, ela se aproximou e me abraçou. Eu sentia que a amava tanto, sem mesmo saber nada sobre ela. Só de me abraçar, desabei a chorar.

Minha vida acabou naquela casa. Eu morri por dentro!

– Ana, sei que os tempos não são fáceis e que o preconceito ainda assola a sociedade, mas não se esqueça de que tem um compromisso junto a seus pais. Sei do seu amor pela dança, mas o seu caminho no momento é outro. Você veio para se ajustar com seus pais ante a Lei Maior. Há tempos vocês vivem em guerras constantes, mesmo após o desencarne. Depois de tanta luta, por fim, se sensibilizaram pelo processo de culpa e, através da benevolência divina, obtiveram a permissão para voltarem à Terra como pais e filha. Pense, Ana, nem sempre o que pensamos ser o melhor para nossas vidas se ajusta com o nosso compromisso assumido para que recuperemos a nossa integridade espiritual, depois de tantos delitos.

– É verdade, você tem razão. Mas eu sinto uma loucura pelos palcos e pela dança, não sei se consigo superar esta falta. Apesar de sentir que você tem razão, não consigo entender por que as coisas não são mais fáceis. Eu poderia continuar em casa, se meus pais confiassem em mim.

– Minha querida, a conquista da confiança vem com a presença e com o tempo. Já pensou que o comportamento de seu pai, intenso ou não, tem como razão lhe cercear cair novamente em faltas do passado? Você precisa lutar e ter atitudes que façam com que seus pais voltem a confiar em você e para que vocês se ajustem, levando em conta tantos desacertos de outrora. E após a vitória de suas conquistas, você poderá dançar livre e com a confiança e amor de todos juntos. Agora vá, meu anjo, não esqueça que estarei sempre aqui para ampará-la em tudo que precisar.

Meus sonhos sempre foram diferentes, a maioria deles era muito real: ou me avisava algo que estava por vir ou eu me encontrava com esta mulher que me transmitia tanta paz...

Acordei mais calma, mas meu corpo todo doía por causa da surra. Aos poucos, fui me lembrando dos últimos episódios e senti uma angústia muito grande! Apesar das palavras daquela mulher em meu sonho, era muito difícil manter a calma. Como seria minha vida dali para frente?

Precisava pensar e pesar os prós e os contras. Eu tinha um sonho, um amor louco pela dança, mas, do outro lado, havia minha família, o que me machucava muito. Como eu poderia viver sem um deles? Seria infeliz de qualquer jeito. Eu amava minha família, apesar das diferenças.

Pensei que, se houvesse um Deus, diferente daquele que media dois pesos e duas medidas, como eu o entendia, ele poderia me ajudar. E rezei, implorando um auxílio. É o que já devia ter feito antes. Deveria ter buscado recursos que me clareassem as ideias e os sentimentos.

As palavras daquela mulher e de minha mãe não saíam da minha cabeça. Eu tinha uma escolha e não sabia o que fazer. Se ficasse, com certeza me casaria com alguém sem amor e nunca a faria feliz e, se fosse embora, não veria minha família nunca mais! Poderia me considerar deserdada. Era difícil, muito difícil.

Tentei me levantar um pouco e ir tomar água, mas tudo doía. Fui bem devagar e meus pais, que estavam na sala, não me viram chegando à escada. Eles estavam na sala de jantar que ficava embaixo, perto do salão de recepção. Choravam juntos, enquanto a comida permanecia intacta.

Ouvi primeiro minha mãe dizer:

– Não vai comer, Juan?

– Não tenho fome...

– Não fique assim, Juan, tudo vai passar. Você sabe como Ana é sonhadora...

– Não, Consolação, perdemos a nossa filha.

– Não diga isso! Esta juventude de hoje é muito rebelde e Ana amadurecerá e verá que está errada.

– Não sei, nem sei se a perdoarei por tamanha desonra. É inadmissível mantê-la nesta casa. Penso que deveríamos mandá-la para um internato, onde ela pudesse receber a educação que lhe falta para se tornar uma moça direita. Isso se ainda for moça...

– Será, Juan? Tem certeza de que isso seja necessário? Acho muito pesado nossa filha viver longe do lar, do amparo da família nesta fase de transformação em que ela se encontra.

– Não vejo outra saída. Conversei com bispo Antônio e ele me aconselhou a tirar Ana desta cidade, até mesmo para que este vexame passe e as pessoas se esqueçam do ocorrido.

Minha cabeça girava. Meu coração pulsava rápido e tive que me segurar para não cair. Estava tudo acabado. Eu não suportaria viver daquela forma! Em clausura! Sem ver pessoas? Sem me comunicar com ninguém e ser tratada como uma criminosa?

Ouvindo-os, concluí que meus pais haviam me dado uma sentença e aquilo era tudo que eu tinha. Há pouco, havia a escolha e agora, só uma saída. Ir embora de casa. Mas quem? Quem poderia me ajudar? No meio daquela sociedade injusta e tão doentia na qual eu vivia, não havia ninguém em quem confiar!

Voltei para o quarto e caí em prantos. Eles não me amavam. Eles estavam preocupados com o que os outros pensavam e nunca confiaram em mim. Eu estava morta por dentro. Me senti fria, amargurada. Aquela pessoa expressiva nos sentimentos, cheia de alegria, de energia, havia morrido naquele momento. Eu não tinha nada e nem ninguém. Somente tia Mercedez me entendia... Mas é claro! Tia Mercedez! Ela poderia me ajudar. Com certeza não me daria as costas. Eu só tinha que arranjar um jeito para receber sua visita e tudo estaria resolvido.

Mais tarde mamãe mandou me servir uma sopa e água. Não queria me ver. Certamente eu a faria lembrar da vergonha que estava escancarada na família perante a sociedade. Isso era mais importante para eles. Eu não, e nada que eu sentisse...

Não consegui comer, bebi apenas água. A cortina havia se fechado para mim, eles não me amavam. Isso doía! Parecia uma lacuna aberta e latejante dentro de mim. Como se tudo em que eu acreditasse houvesse perdido o sentido e a verdade naquele momento.

Eu amava muito meus pais e agora perceber-lhes a indiferença era pior do que tudo. A sociedade inteira poderia me dar às costas, meus irmãos, mas eles... eles não.

Eu era fruto daquele amor. Como podiam me desprezar daquele jeito? Já meu irmão, por ser homem, ninguém o acusava, por conta de seu vício por jogos e por colocar a família dele em apuros financeiros, correndo o risco de deixar todos na sarjeta.

Meu amor pela dança não me deixava enxergar os riscos que eu corria, pela proximidade com o mundo da prostituição. Mas não era o mundo dos vícios que me atraía, como a meu irmão. Eu sonhava com uma sociedade diferente, com direito à liberdade. Achava que Deus era muito diferente do que eles pregavam. Eu sempre acreditei na igualdade. Algo que demoraria um tempo ainda para se tornar realidade.

Acabei adormecendo de novo, mas sem sonhos. Pelo menos que eu me lembre. Dormi muito pouco e o dia amanheceu com meus olhos já abertos. Mal o dia havia clareado, bateram em nossa porta. E com tanta intensidade que não tive como não escutar.

O que seria agora? Será que aconteceu algo? Mais uma vez, a passos lentos e com o corpo todo doído, me aproximei da escada, mas fiquei escondida para que eu pudesse ouvir a conversa.

– Carlos? Cedo assim? O que ele queria? Que homem petulante e chato! Eu sinceramente não gostava dele! Pediu à criada que chamasse minha mãe, o que não era muito bom. Depois que o dispensei, ele havia diminuído as visitas a meus pais. Com a desculpa de vê-los, ficava me importunando em casa. Eu não estava nem um pouco interessada em relacionamentos. Minha vida era dançar e ponto.

– Senhora Consolação, bom dia. Como tem passado?

– Indo, meu filho, com as graças de Deus. E você?

– Não muito bem, soube do ocorrido. Lamento tamanha desonra e venho me oferecer pessoalmente para ajudá-los no que for preciso. Mamãe, abalada emocionalmente, desata em choro.

– Meu Deus, estamos perdidos! Todos estão sabendo! Que desonra! Não haverá mais como manter Ana nesta casa, muito menos na cidade!

– Senhora, sabe que eu a estimo como mãe e estou aqui não para apontar erros ou julgar, mas bem sabe que a atitude de Ana foi irrevogavelmente imperdoável, principalmente no meio social em que vivemos. Os grandes são o exemplo para os menores. Digo mais uma vez, estarei de prontidão para ajudá-los no que for possível para afastar Ana sem maiores alardes.

– Meu filho, nem sei como agradecer-lhe a gentileza. Você sabe bem que eu e Juan o estimamos muito. Irei conversar com ele e entraremos em contato.

– Só não demore, senhora Consolação, o caso é de urgência e tamanha gravidade que ninguém em internato algum a aceitará. Pensaremos em outra saída.

– Pensamos em internato, mas como as notícias ecoaram rapidamente, teremos que descartar esta hipótese. Prometo resolver o quanto antes e o procuraremos. Precisarei de seus préstimos.

Até hoje odeio este homem! Maldito seja! Como ele pôde? Foi ele, só podia ser ele! Ele não sabe perder e joga sujo, o maldito! Agora está tudo esclarecido. Foi ele quem fez meu pai descobrir tudo, é claro! Eu neguei e ele não aceitou 'não' como resposta. Quem mais faria uma sujeira

dessas comigo? Odeio este homem! Ele pensou em tudo e quer agora que eu esteja a mercê dele conquistando a confiança dos meus pais. Eu o odeio! Preciso esfriar minha cabeça, preciso falar com tia Mercedez, agora mais do que nunca.

Carlos me paga! Ele me paga! Acha que é esperto? Vai perder esta batalha e como vai!

Voltei para o quarto e demorei um bom tempo para conter minhas lágrimas de desespero e de ódio. Como ele pôde? Eu estava revoltada, com ódio. Tudo agora estava claro. Havia sido ele, lógico? Quem mais?

Não esqueço do seu olhar em minha festa! Isso realmente não ficaria assim. Ele conseguiu destruir a minha vida. Eu preciso de tia Mercedez, preciso muito!

– Mãeee! Mamãe!

– Filha já acordou?

– Sim, mamãe, meu corpo dói muito...

– Ana, não sei o que farei para reverter essa situação até tudo se normalizar. Eu estou muito decepcionada com você. Agora, imagine seu pai!

– Mãe, eu não quero falar disso agora. Estou muito triste com isso tudo, porque eu não fiz nada de mais; apenas dancei. Mas isso não vem ao caso agora. Eu preciso de um favor seu. Queria muito ver tia Mercedez, queria me aconselhar com ela.

– Tudo bem, filha. Já que não posso ser útil em nada, mandarei chamar sua tia.

– Mãe... não é nada disso, mas sinto que terei pouco tempo aqui perto de minha família.

– Filha, não diga uma coisa dessas. Meu coração fica em pedaços, só de pensar nisso! – Sinto uma angústia tão grande que nem sei como expressá-la à senhora.

– Tudo isso é passageiro. Com o tempo as pessoas esquecem e você terá oportunidade de viver em paz novamente.

Paz? Pensei: Como podia viver em paz, estando presa em uma gaiola que, além de tudo, é pequena demais para o meu tamanho. Mas preferi não responder para não me desentender com minha mãe.

Agora, teria que correr contra o tempo para ver minha tia e arquitetar um plano. Teria que ir embora de qualquer jeito, mas precisava da ajuda para conseguir dinheiro e sair da cidade sem fazer alarde.

Mamãe foi descendo e chamando o serviçal para que ele chamasse tia Mercedez com urgência. Eu sabia que ela só estava fazendo aquilo com a intenção de pedir a minha tia que conversasse comigo e me convencesse a acatar as ordens de meu pai.

Ela morria de ciúmes de minha tia, disso eu tinha certeza. Nós nos dávamos muito bem. Minha mãe conversaria com tia Mercedez, que com certeza acharia suas ideias restritas como ela, que só se importava com o que os outros pensavam.

Enfim... minha tia veio e pudemos conversar.

– Ana! O que é isso? Você está muito abatida e toda marcada!

– Tia! Que bom que você veio, tenho tanta coisa para falar! Preciso de sua ajuda.

– Sua mãe já me adiantou o que aconteceu nos últimos dias. Agora, o que me intriga é saber quem descobriu e contou para o seu pai.

– Eu não sei, tia... Está tudo muito confuso... Meus pais não me querem aqui e o ordinário do Carlos já esteve aqui para fazer intrigas e complicar ainda mais as coisas. Ele é um crápula e tem a pior das intenções. Eu sinto isso, só meus pais que não enxergam...

– Eu sei, ele também não me engana... Os olhos dele são de pessoa ardilosa.

– Tia, eu preciso que você me ajude a sair daqui. Ouvi uma conversa de Carlos com mamãe, dizendo que convento nenhum me aceitaria e que ele arranjará algum lugar para eu viver por um tempo. Você sabe o que isso significa! Tenho certeza de que ele foi meu delator!

– Ana, não se preocupe, eu darei uma solução. Vou conversar com sua mãe e convencê-la a deixar você ir para a casa de campo comigo por uns tempos e de lá nós damos um jeito. Eu a entendo, Ana. Sei o que se passa com você. Uma alma liberta, tendo que se submeter às expectativas que não são suas. Mas pense. É isso mesmo que você deseja? Porque o preço a ser pago às vezes é alto, minha querida.

– Não tenho dúvidas, tia. E nem sei como agradecer! Graças a Deus, uma luz no final do túnel! Tenho algumas joias para vender, mas como sabe, estou proibida de sair de casa.

– Sim, eu sei, pode deixar, minha filha, também tenho algumas e umas economias. Verei o que fazer. Mas fique tranquila, tudo se resolverá, e se alimente, minha querida, senão não conseguiremos nada.

– Tudo bem, tia, me alimentarei, pode deixar. Agora que conversei com você, me sinto mais aliviada.

– Que bom, Ana, acima de tudo, somos amigas e estamos aqui para isso. Uma apoiar e aliviar a outra.

– Já desço e converso com sua mãe. Agora, temos que ser o mais discretas possível, porque se foi mesmo Carlos, ele estará de olho em quem quer que seja.

– A minha vontade é acabar com ele, tia. Mas não sujo minhas mãos com alguém tão ordinário!

– Acalme-se, Ana. Vai dar tudo certo. Explicarei a sua mãe que iremos para a casa de campo e que quando eu retornar, você ficará em segurança e uma pessoa ficará vigiando.

– Meu Deus! Titia me dá uma angústia, mas é o melhor a fazer, porque de qualquer forma ia acabar ficando longe de meus pais mesmo. Melhor que ficar perto daquele monstro! Pelo menos eu ficarei livre para dançar! Tia, o que me deixa triste é que meus pais ficarão sós. Meus irmãos, você sabe como eles são. Cada um tem sua vida e nunca aparecem. E meus pais nunca irão me perdoar por isto.

– Nem a mim, Ana. Nem a mim!

Só estou fazendo isso por entender a sua dor. A que um dia eu senti também.

Os dias se passaram e a ansiedade só aumentava. Tia Mercedez vendeu algumas joias minhas no mercado para arrecadar dinheiro, me ajudou com algumas economias e os preparativos para a viagem à casa de campo estavam prontos.

Mamãe estava reluzente e elétrica, acreditando fielmente que tudo ficaria bem e que convenceria meu pai a me perdoar, por uma coisa que eu não havia feito.

Eu tinha uma mistura de euforia e medo dentro de mim. Não sabia realmente o que aconteceria dali para frente. A casa de campo ficava em Sevilha e os planos eram de que de lá eu chegaria em Paris, onde tudo seria bem mais fácil, onde tudo acontecia e com certeza a minha vida seguiria o caminho que eu desejava.

Mamãe fazia de tudo para me agradar e ao mesmo tempo me reprimir.

"Ana, as coisas não são como você quer. Tudo na vida é abdicação, ainda mais entre nós, mulheres. Fomos feitas para servir a família" – dizia.

Para não criar nenhuma discussão nova, ouvia em silêncio, apesar de não gostar daquelas ideias.

Nunca enxerguei a vida por aquele ângulo. Não sabia se eu estava errada, mas sentia que eu via tudo de forma bem diferente. Sempre fui alheia a meu tempo.

Para mim as pessoas eram iguais, independentemente do sexo, com os mesmos direitos. Não que uma mulher deixasse sua feminilidade de lado ou um homem deixasse de ser homem. Mas sim o fato de as pessoas terem sentimentos e desde que isso não ultrapassasse o limite do outro, ou, desrespeitasse alguém, deveria ser valorizado. Cada um na sua própria caminhada e pronto.

Sempre fui muito prática neste ponto. Por isso que todos são infelizes. Cada um representa um papel que não é seu, dança conforme a música do outro e não se dá o trabalho de compor a própria melodia. E eu queria compor a minha própria música e dançar a minha dança, que somente eu sabia.

Por isso, talvez, me sentisse estranha, diferente, mas sempre admirando e respeitando as diferenças

O ser humano é muito mais do que uma simples aparência. Eu sentia isso quando rezava e fechava os olhos. Já sentiu que carrega um universo dentro de você? Era assim que eu me via. Um universo.

As coisas foram acontecendo, como os olhares de meu pai prostrados sobre mim, triscando de ódio, e os esforços de minha mãe para me agradar e, ao mesmo tempo, tentando me convencer a ser quem eu não era. Meus irmãos incentivaram papai com euforia.

– Ela não tem este direito, ela, ela, ela...

Eles nem falavam comigo mais, como se isso fosse um esforço. Penso hoje que isso para eles foi alívio.

3
O encontro com Manol

CHEGOU O DIA. Tudo estava preparado. Tia Mercedez estava me esperando para partirmos. Eu tinha uma mistura de euforia e dor. O dia tinha cheiro de despedida. Olhei tudo o que deixava com o meu quarto, feito a meu gosto. Era o mais simples da casa, porém o mais aconchegante. Branco, cortinas brancas com babados feitos a mão em pontas; armário de madeira escura, tapete felpudo, em cores de arco-íris; cama com a colcha e os travesseiros brancos e bordados em linha azul claro, em formato redondo irregular. Olhei para tudo aquilo e algo em mim já denunciava que seria a última vez. Talvez não, suspirava, com os olhos marejados e as pontas da frente do cabelo molhadas por lágrimas que teimavam em cair.

Vesti-me adequadamente como uma dama e como mamãe iria gostar. O vestido era longo de um tom salmão, pano leve; um chapéu do mesmo tom, com poucos detalhes em renda gripir. Nada muito pesado para me sentir mais à vontade durante a viagem à casa de campo em Sevilha.

Um frio me desceu pela garganta em direção à barriga e decidi não pensar mais e agir. Desci as escadas me despedindo de tudo. Olhei para o crucifixo acima da porta da sala e neste momento pensei em Jesus. Eu estava encurralada. Tudo havia mudado tão rápido!

Mamãe já me esperava com os olhos cheios de lágrimas que teimavam em cair pelo seu rosto, por mais que ela segurasse.

– Mãe! Não fique assim, é só por um tempo – eu tentava confortá-la, enquanto meu coração sabia que seria para sempre.

– Ai, minha filha, dói tanto... Eu sei que é por um tempo, mas nunca tive você longe de mim assim!

– Mãe, você tem que ser forte. Essa foi a sua escolha e, além do mais, tem papai e três filhos para cuidar! Eu lhe escrevo, prometo. Não fique assim. Por mais que eu não entenda sua cabeça, não quero vê-la sofrer!

– Tudo bem, minha filha, não vamos discutir. É melhor pararmos por aqui. Separou tudo? Roupas, objetos pessoais, sapatos?

– Mãe... eu sei me cuidar...

– Ah! Estou mandando um compartimento com comida e algumas coisinhas para viagem.

– Mãe – parei com um enorme nó na garganta.

– Diga, Ana.

– Eu te amo. Naquela hora, as lágrimas escorriam e não pude deixar de chorar pela ausência de meu pai. Ele não quis se despedir de mim.

– Ele não veio, mãe.

– Não, Ana, ele não veio. Você conhece seu pai. Mas, por dentro, ele sofre e espera que este pesadelo acabe. É muito difícil para ele lhe perdoar. Você sabe disso.

– Eu sei – suspirei.

Abraçamo-nos por um longo tempo, enquanto os criados colocavam minhas coisas na charrete. E quando tudo estava pronto, larguei os braços relutantes de minha mãe e parti, deixando-a em prantos. Doeu-me muito, mais do que deveria. Eu estava magoada com eles, no entanto, eu era bem parecida com meu pai. Dura.

Chorei pelo caminho e, quando cheguei à casa de tia Mercedez, não pude deixar de me contagiar com seu entusiasmo. Parecia uma adolescente quando sai de casa sozinha pela primeira para fazer suas próprias compras.

– Ana! Você está linda! Nem parece que vamos para casa de campo! – disse, ela procurando me animar.

Sorri desinteressada e ela insistiu.

– Ah! anime-se! A casa continua linda como sempre e cheia de lugares para passear. O tempo vai passar rápido e tudo voltará a ser como antes – continuou.

Não pude me conter, soltando um largo sorriso, o sorriso que ela tanto esperava.

– Oi, Ana?

A filha de tia Mercedez apareceu, acenando para mim. Paloma, seu nome; filha única. Tínhamos apenas três anos de diferença, sendo ela mais velha do que eu. Paloma era de estatura baixa, cabelos castanhos escuros, longos e ondulados, corpo esguio e pele amorenada. Tinha traços fortes como seu pai, sobrancelha bem marcada e lábios bem torneados.

Nós fomos muito amigas na infância, porém, com o passar do tempo, Paloma só se metia em confusões, culpando sempre a mim por seus desatinos. A amizade foi acabando e eu a via esporadicamente, sem maiores envolvimentos. Minha tia insistia muito para que fôssemos amigas, mas isso nunca dava certo. Eu sempre encontrava uma forma de escapar de suas investidas.

– Ana, Paloma nos acompanhará à casa de campo.

– Mas, tia! ... Oi, Paloma, me desculpe, não foi o que quis dizer – me justifiquei ao ouvir os planos. – Estou cheia de problemas e não sei se serei uma boa companhia – disse tentando consertar a grosseria.

– Por isso mesmo, Ana. Imaginei que quisesse ficar mais só, sair sozinha, e insisti para que Paloma viesse – tia Mercedez deu uma de suas costumeiras piscadelas.

Só ela para me tirar do mau humor. Relaxei a feição e cheguei a pensar que tia Mercedez poderia estar com algum tipo de tique nervoso. Sorri.

– Tudo bem, tia, sem problemas, me desculpe, Paloma.

– Sem problemas, Ana. Serei uma ótima companheira.

Por mais que eu tentasse, não conseguia confiar em Paloma. Sentia algum tipo de especulação sempre que me olhava e isso não era nada agradável.

Mesmo contrariada, não poderia me indispor com tia Mercedez, já que ela havia se proposto a me ajudar tanto. Mas não deixava de imaginar que a qualquer momento eu poderia ter problemas com Paloma, e ela poderia se tornar o pivô de uma catástrofe ainda maior, colocando tudo a perder na minha fuga. Não tinha, porém, outra saída e o que eu poderia fazer era torcer para que tudo desse certo, e fazer de tudo para que nada escapasse perto dela.

Os preparativos já estavam prontos para a partida e tia Mercedez veio até mim, tirando-me dos meus pensamentos medrosos, trazendo-me à realidade.

– Ana, já está tudo pronto, mas primeiro quero lhe apresentar uma pessoa. Manolo, venha aqui, quero lhe apresentar nossa pupila!

– Ana, este é Manolo, ele é nosso fiel escudeiro. Pode confiar nele sempre, em tudo. Ele será seu companheiro de viagem daqui para frente. – Mais uma piscadela.

Tia Mercedez quis que eu entendesse que Manolo me protegeria. Achei um pouco estranho, já que pessoas como ele não eram bem vistas em minha sociedade, mas algo nos olhos dele me passava confiança e firmeza de caráter.

Ele era um cigano, com certeza. Nunca me enganei com as pessoas. Eu tinha uma intuição que me guiava no caminho.

Sempre me simpatizara com os ciganos, percebendo que muitos deles tinham a palavra e a firmeza de caráter tão pouco comuns nos homens de nossa sociedade. Manolo era um homem lindo, alto, de pele morena avermelhada, traços fortes como lábios e sobrancelha, cabelos negros, olhos escuros e nariz reto como dos gregos. Apesar de sua aparência inebriante, seus olhos eram doces e fraternos.

– Seja bem-vindo, Manolo, e obrigada por nos ajudar. Sorri.

– Muito obrigado, senhorita Ana, conte comigo – disse retribuindo meu sorriso e me dando um nocaute com o seu.

Percebendo meu embaraço, tia Mercedez sorriu e começou a confidenciar algumas coisas sobre Manolo antes que Paloma voltasse:

– Manolo é um anjo em nossas vidas, Ana. Ele deixou seu povo para nos acompanhar e cuidar da casa de campo. Nós o conhecemos há muito tempo e depois fomos socorridos por ele em uma possível emboscada à casa de campo, e sua gente nos recebeu de braços abertos e nos protegeu. Tornei-me amiga deles e me apaixonei por sua cultura, por seus costumes. Depois do ocorrido, nunca mais me separei deles. Mantenho sempre contato e Manolo divide seu precioso tempo com os seus e conosco. Sinto-me honrada por sua fidelidade. Além de prestar um serviço excelente, já o consideramos da família! – derramou-se tia Mercedez com seu entusiasmo nato.

Manolo deveria ter no máximo vinte a 22 anos. Era extremamente bonito. Não pude me esquivar do encantamento que seus olhos e sorriso me provocaram. Nunca havia sentido algo assim.

Sorri internamente ao perceber que poderia ser realmente de outro planeta. Rebelde, dançarina e ainda gostava de ciganos. Ciganos lindos, porém, ciganos. Eu estava perdida mesmo e coitados dos meus pais. Tudo que era impossível ou proibido era o que eu gostava e queria. Ironia do destino, só poderia ser...

– Senhoras, está tudo pronto. Vocês irão na charrete e o criado já está a postos para guiá-las. Eu os irei escoltando a cavalo no caminho.

– Tudo bem. Disse tia Mercedez.

– Vamos? Paloma! Vamos antes que o dia termine. Deixe o restante de sua vaidade para os outros dias!

– Já estou indo, mamãe!

– Ana, vamos?

– Hã? Como, tia?

– Ana, acorde, em que mundo você está?

– Algum longe deste aqui – disse sorrindo. Eu não conseguia parar de olhar para Manolo e deixar de admirá-lo. Voltando à realidade, não pude deixar de sentir uma pontada de angústia em meu peito e acabei externando este sentimento com um longo suspiro.

– Senhorita Ana, vai dar tudo certo. Este é seu destino. Tenha fé. Estarei sempre ao seu lado até que não precise mais de mim – disse sorrindo.

Ao que percebi, Manolo já estava sabendo de tudo; titia teria se encarregado de informá-lo da gravidade do problema. Senti-me segura com suas palavras e as entendi como uma promessa. "Estarei ao seu lado"... Isto me aqueceu o coração de alguma forma e corei.

– Obrigada por suas palavras e espero poder contar com você sempre.

Trocamos os olhares e neste instante parecia que o mundo havia parado. Tudo perfeito e mágico. Eu queria entrar em sua alma e ler o que existia ali dentro e pelo visto, ele, o mesmo.

– Manolo? Que bom vê-lo! Você hoje está mais bonito que o habitual... Como consegue? Paloma aparece para mais uma vez me chamar à realidade. Perfeito.

– São seus olhos, querida Paloma, são seus olhos – Manolo responde retornando seu olhar ao meu e fazendo-me entorpecer o corpo.

Quem é este homem, meu Deus? Ou, como era ele? Um cigano, lindo, educado e fiel. O que mais eu poderia querer ou esperar da vida? Se não fosse o dom que Paloma tinha para acabar com tudo, eu diria que esta viagem seria perfeita!

– Vamos, meninas! – gritou tia Mercedez já a postos na charrete.

– Vamos – eu disse, tentando desvencilhar o meu olhar.

Entramos na charrete e, quando Manolo viu que estava tudo na mais perfeita ordem, subiu em um cavalo e partiu à frente, fazendo círculos em volta da charrete de tempo em tempo. Sempre que passava pelo meu lado, eu cruzava os olhos com os dele e sentia uma ansiedade nova correr por meus pensamentos. Ele estava tomando conta de tudo, principalmente de nossa segurança.

Paloma sempre tentava se exibir de todas as formas, mas Manolo só tinha olhos para mim. O rubor invadia minha face e o ódio tomava conta da dela.

A viagem transcorreu tranquila e durante a noite descansaríamos no acampamento dos ciganos, da família de Manolo. Até a chegada, meus pensamentos estavam absortos em meu pai, minha mãe e meus irmãos. Nunca mais os veria... Isso doía muito em meu peito, só de pensar, a dor tomava conta de mim. Ficava pensando na dor exposta no rosto de minha mãe, nas lágrimas que cairiam e no rancor carregado por meu pai.

Percebendo o tumulto de pensamentos em meus olhos, tia Mercedez tentava sempre me tranquilizar:

– Ana, vai dar tudo certo. Você vai adorar a viagem, o acampamento, e podemos voltar logo, se quiser.

– Tudo bem, tia Mercedez, está tudo bem...

Minha respiração tinha uma mistura de angústia e vazio. Como se todo ar que eu inspirasse e expirasse não fosse o suficiente para tampar minha lacuna. Por mais que Manolo chamasse minha atenção e me provocasse torpor, a dor continuava a sangrar como ferida aberta e, mesmo com todos ao meu redor, as lágrimas teimavam em cair latejando em meu âmago.

Era como se meus próprios pais fossem meus juízes e os responsáveis a dar a minha pena por 'má conduta'. Tudo ao meu redor me convidava a sorrir para o novo, mas eu não conseguia ver nada.

Eu queria sim realizar o meu sonho, mas não daquela forma. Não arrancando parte de mim e daqueles que eu amava. Isto não. Mas já era tarde. Eles deram a sentença. Se eu ficasse um tempo na casa de campo e voltasse, eles iriam me entregar ao primeiro noivo interessado, como se dispensa algo que já não serve para o próprio uso. Estaria presa de qualquer forma. Melhor, então, que eu desse um fim nisso, para que as mágoas não fossem maiores.

Tia Mercedez sabia que aconteceria e o que eu pensava. Ela sabia tão bem quanto eu do que meus pais eram capazes para se manter socialmente e foi por isso que resolveu me ajudar. Voltando para casa, minha sentença já estava revogada e nada poderíamos fazer. Ainda mais com meus três irmãos como advogados de acusação diante de minha tia, a única na defesa.

Quando chegamos perto do acampamento, o barulho me chamou a atenção e, por fim, me tirou um pouco do real pesadelo.

Todos gritavam com alegria ao ver a chegada do filho querido. Manolo parecia o príncipe daquele povo. Por um instante cheguei a pensar: "Como um homem idolatrado daquela maneira poderia ser tão fiel e tão passivo diante das ordens de minha tia? Eles deveriam pagá-lo muito bem por seus préstimos, mas ele superava a expectativa de meus tios, não como empregado, mas como protetor e isso, com certeza, não tinha preço que o pagasse. Faltava alguma explicação, algo mais plausível. Eu iria descobrir.

– Manolo! Meu filho! Filho amado! – disse uma das mulheres mais velhas. Ela era linda, apesar da idade e parecia-se com Manolo. Devia ser sua mãe ou alguma parente. Como a pele deles era bonita! Era como se o sol não as castigasse, e sim acariciasse. Ela tinha os olhos verdes claros, vivos, dentes perfeitos e lineares, cabelos castanhos longos, um vestido colorido e bem rodado e, como adornos, inundava-se de pulseiras, colares, tornozeleiras e uma linda tiara sobre seus cabelos esvoaçantes.

– Tia Zu! – gritou Manolo com entusiasmo. – Senhorita Ana, tenho o prazer em lhe apresentar aquela que me tem por filho e me criou como um rei.

– Ora, deixe de bobagem, seu tolo! Você é a luz que guia os meus passos, você é meu sol! Dê cá um abraço que eu já estava indo para os braços de Deus de saudades suas!

Manolo a abraçava e girava sorrindo como uma criança feliz, que não via sua protetora há muito tempo.

Fiquei atraída por aquele povo. Todos se pareciam muito. Banhados pelo sol e de beleza intrigante. A força de suas atitudes e demonstração de sentimentos casava com seus traços físicos. Fisionomia imponente, olhar penetrante, alegria à flor da pele. Era tudo à flor da pele, muito forte e presencial. Eles não se preocupavam com a nossa presença. Mas demonstravam como se estivessem nos esperando, como se fôssemos queridos e não estivéssemos invadindo seu espaço.

– Ora, ora, vejam só... fitou-me Zu com um olhar enigmático, reparando e adentrando meus olhos, como se quisesse ler minha alma.

– Mercedez, como vai, minha querida? Paola, seja bem-vinda – disse por fim sem tirar os olhos de mim. – E você? Deve ser Ana, não é?

Senti um nó na garganta como se fosse desabar em lágrimas. Eles já sabiam de mim, da minha história. Senti vergonha, senti pena de mim, como se estivesse sido desgarrada de meu rebanho. O filho pródigo, talvez. Baixei os olhos e respondi com os olhos abaixados para tentar impedir que as lágrimas caíssem.

– Sim, senhora Zu, eu sou Ana. Obrigada por nos receber junto a seu povo.

– Vocês são mais que bem-vindos, sempre serão! Além do mais, eu já estava esperando-a há muitos anos! – disse-me sorrindo e me abraçando com euforia, pegando minha face e beijando minhas bochechas já ruborizadas pela surpresa, ao mesmo tempo que eu sorria de alívio.

– Há muitos anos senhora Zu? – perguntei intrigada com sua afirmação estranha.

– Por favor, não me chame de senhora! Isso pesa ainda mais em minhas rugas!

– Desculpe-me, Zu! Sorri sem graça. Me sentia à vontade com aquela mulher. Apesar de ainda meio estranha naquele lugar, algo me dizia que eu estava no meio de pessoas de bem e queridas.

– Sim, Ana, eu vejo sua chegada há algum tempo. Desde quando conheci sua tia Mercedez.

– Tia Zu tem visões, Ana – interrompeu Manolo. – Ela possui alguns poderes ocultos, coisas não muito cultivadas em seu povo. Eu creio.

– Poderes ocultos? Mas como assim? Como de uma bruxa? Quando vi, já havia perguntado, eu não queria chamá-la de bruxa, já que havia simpatizado tanto com ela. – Desculpe, Zu, não foi o que eu quis dizer. Quis dizer, como os de uma bruxa. Ai, a senhora entendeu?

Fique tranquila. Os *gadjos* não entendem os nossos conhecimentos sobrenaturais e acham que agimos para o mal. Mas ao contrário do seu povo, aqui esses conhecimentos são muito respeitados.

– *Gadjos*? – perguntei.

– Sim, *gadjos* são homens diferentes de nosso povo, em geral os homens brancos, um povo bem diferente do nosso.

– Ah, certo – concluí boquiaberta, sem entender muito o que ela estava dizendo.

– Ana, nós vamos passar uns dias aqui e você compreenderá melhor os costumes deste povo, que já é tão querido para mim! – disse tia Mercedez com carinho. Vamos nos alojar, tomar um banho e comer que estou faminta, Zu!

Sorriram todos, e eu, ainda um pouco deslocada, fiquei olhando minha tia sem deixar de perceber como ela se tornava outra pessoa perto deles, sem cerimônia, sem pormenores.

Existiam muitas coisas que eu não conhecia sobre tia Mercedez. Coisas bem intrigantes e interessantes. Ela era bem diferente de minha mãe. Parecia ser bem moderna para o seu tempo e isso me fazia sentir um pouco mais à vontade. Com certeza, esse era um dos motivos de ela esconder seu verdadeiro eu, de toda a família, já que o único que a compreendia e fazia de tudo para agradá-la era meu tio Paulo.

Tio Paulo era alegre, amante da música, marido dedicado. Fazia de tudo para agradar tia Mercedez. Realmente os dois tinham muita afinidade e uma vida que só eles compartilhavam entre si. Suspirei com saudade. Figura simpática meu tio Paulo. Sentiria saudades dele, com certeza. De sua personalidade, de sua voz forte e grave, de suas músicas alegres, tocando sua guitarra com humor.

Tio Paulo, era um homem alto, magro, olhos grandes e infantis. Cabelos negros e ondulados, sobrancelhas grossas, nariz um pouco achatado, lábios grandes e dentes largos. Um grandalhão simpático e alegre. Este era meu tio Paulo! Não era de beleza desenhada, mas o conjunto de personalidade e físico o tornava bonitão. Sorri sozinha em pensamento, enquanto pensava nele. E não poderia deixar de me perguntar como eles conseguiam ter uma filha tão avessa?

Fitei Paloma caminhando em direção à mãe e me deparei com muita diferença. Tia Mercedez era simpática por natureza. Sua personalidade combinava com aquele povo. Era fácil entender sua proximidade. Minha tia era de estatura pequena, personalidade forte, traços finos, olhar

imponente, postura reta, disciplina nos passos e bagunça no jeito. Alegre, irreverente, brava quando necessário, sensata, sonhadora. Duas vertentes bem interessantes e bem ruins quando ela ficava brava. Um grito de personalidade. Sorri. Eu estava bem saudosa daqueles que eu amava e me despedindo mentalmente de todos.

Não sabia se veria minha tia novamente, minha mãe, meu pai, minha família, minha vida, o que me deixava muito nostálgica.

Paloma sentia instintivamente sua diferença e pequenez de personalidade e fazia de tudo para chamar atenção enquanto passava. Levantava o vestido para mostrar os tornozelos e panturrilhas o tempo todo. Isso quando não dava um jeitinho de levantar um pouco mais. Toda sua tentativa de chamar a atenção estava sendo em vão. Os ciganos pareciam não se importar. Pelo que pude notar, as ciganas geralmente levantavam seus vestidos para deslizarem livremente pelo acampamento. Apenas Paloma não percebeu isto e tentava ser mais sensual que as ciganas, o que se tornava desagradável demais.

Não conseguindo chamar a atenção de quem pretendia, forçou um pouco mais:

– Manolo! Meu vestido está tão pesado! Você poderia, por gentileza, me ajudar com ele? – disse sorrindo, derretendo-se toda. Olhei para Manolo imediatamente com repreensão no olhar, sem ao menos perceber o que estava fazendo. Ele sorriu ao perceber minha contrariedade e respondeu com ironia:

– Ora, senhorita, pensei que fosse uma dama da alta sociedade e já estivesse acostumada com vestidos ainda mais pesados que este. O rubor e mau humor de Paloma se intensificaram ainda mais, por ser contrariada em suas investidas, fazendo-a retrucar como uma criança dando birra e fazendo biquinho:

– Tudo bem, já que ninguém pode me ajudar eu carrego sozinha mesmo.

– Pobre coitada da senhorita, Manolo! Eu a ajudo com o maior prazer! – disse um dos homens zombando de Paloma, arrancando risadas do bando.

– Obrigada, Zano, eu mesma carrego – arrematou ela entre os dentes.

– Ana, este é o nosso Zano. O amigo mais fiel e engraçado de todos – apresentou Manolo, dando tapinhas no ombro de Zano e sorrindo com zombaria de criança.

– Muito prazer, senhorita. Se precisar de meus préstimos – olhou como se estivesse se oferecendo para mim e me beijando a mão. Apesar da intenção irreverente, seu olhar era bom, simpático aos meus sentidos. Seus traços eram mais finos, corpo magro, quase franzino, olhar lânguido que me fizeram sorrir de imediato. Sua tez contrastava o sorriso largo e zombeteiro, como de humoristas, causando em mim empatia imediata.

– Pode deixar, Zano! – sorri com a mesma zombaria e olhando para Paloma. – Agradeço seus préstimos, tão valiosos e dispensados outrora por 'outras'. – Rimos todos.

– Manolo! Gostei dela! – disse Zano, gargalhando. – Tia Zu tinha razão, você sempre será uma de nós. Jamais aguentaria o mundo formal dos *gadjos*. Seja bem-vinda! –disse sorridente e, como Zu, apertando minha face com euforia e beijando minha tez com respeito e alegria.

Nunca em toda a minha vida um irmão meu havia me tratado assim. Zano me conquistou de imediato, como um irmão querido, apesar de minha expressão externar a surpresa que ele havia arrancado de mim.

– Obrigada, Zano, sinto-me feliz, mas me diga, eu sou uma de vocês? Não entendi. Suspirei confusa. Meus pais não são meus pais?

– Não, Ana, nada disso. Interveio Manolo, percebendo minha aflição. É uma longa história. Seus pais são seus pais, não se preocupe. São coisas em que acreditamos, como em outras vidas. Depois explico melhor. Agora vá descansar e tomar um banho – disse-me sorrindo, fazendo-me ruborizar e arrancando gargalhadas de Zano.

– Isso, minha querida Ana, vá antes que seja tarde demais! – brincaram comigo, numa breve despedida.

– Tudo bem, eu já entendi – falei sentindo-me ruborizar ainda mais, sem deixar de sonhar com o possível dia de me sentir nos braços de Manolo. Então, vejo-os mais tarde – falei, seguindo em busca da barraca onde dormiria.

– Até, senhorita! – disseram-me sorrindo.

Fui caminhando, admirando tudo ao meu redor. A curiosidade me tirou da tristeza e os sorrisos das pessoas ao me fitarem faziam-me sorrir também. Cumprimentei a todos quando cruzava com seus olhares de boas-vindas, lembrando-me da docilidade do olhar daquela mulher com quem sempre sonhava. Senti saudades dela e um agradecimento interior por estar ali. Com certeza ela estava me ajudando. Porque a única certeza que eu tinha era que ela me amava, e muito.

Por mais que a diferença daquelas pessoas fosse gritante, quanto ao luxo em que eu vivia, sentia-me mais à vontade naquele lugar e mais querida. Eu estava me encontrando, esta era a verdade que brotava em meu coração.

A barraca onde eu dormiria era de cor marrom, tendo por dentro cristais pendurados e minhas coisas colocadas no canto direito. O lugar onde eu dormiria parecia um sonho.

Uma cama macia ao chão era protegida por uma colcha trabalhada a mão, de camurça branca, pintada em tons de arco-íris. Como eles sabiam que eu amava arco-íris? Suspirei encantada. O chão era todo forrado com a mesma camurça. Os raios de sol que entravam na barraca pelas arestas reluziam nos cristais de diversos tamanhos, fazendo-os colorir nos tons do meu tão querido arco-íris. As cores suaves davam um aspecto muito aconchegante e um ar de conto de fadas.

– Meu refúgio – suspirei em voz alta.

– Gostou? – perguntou Zu, ao entrar na barraca com sorriso estampado no rosto e carinho nos olhos.

– Sim, muito, Zu! Mas como? Como vocês sabiam do que eu mais gostava?

– Eu sabia, Ana. Sabia que você gostaria e que seria necessário você se sentir bem nesta fase por que está passando. Você sempre gostou do arco-íris, do céu e da lua, que eu me lembre. Sorriu. Você já pertenceu ao nosso povo em outras vidas e sempre fomos muito próximas. Mesmo sabendo que não vai ficar aqui por muito tempo, quero que se sinta bem, que se sinta acolhida por seu povo e, se desejar, volte sempre que quiser.

Confusa com as palavras de Zu, perguntei intrigada:

– Outras vidas? Como assim? – Nunca haviam me dito coisa igual, apesar de eu sentir ser possível tudo aquilo.

– Vou lhe explicar depois, mas só para saciar sua curiosidade, que não é pouca, saiba que na cultura de nosso povo acreditamos em outras vidas e na evolução da alma. Presumo que tenha voltado como *gadjo* porque você os odiava e já foi tirada de seu povo por um deles, tornando-se escrava de suas vontades. Você se apaixonou por ele e foi embora, atrás dele. Sofreu muito, foi muito humilhada e, ao voltar para nós, morreu de tristeza anos depois. E agora as coisas se inverteram. Aquele que lhe tirou de nós nasceu em nosso povo e você nasceu no lugar dele, para

que o perdão fosse demonstrado.

– Não entendo, Zu, é muito diferente de minhas crenças, apesar de eu sentir verdadeiras suas palavras. Quero saber mais sobre isso mas, de qualquer forma, sinto-me bem aqui e muito querida. Obrigada! – eu disse sorrindo e abraçando-a com carinho.

Eu gostava muito dela, como uma mãe. Aquilo tudo era novo para mim, mas não tão estranho. Eu sempre questionava muitas coisas e comportamentos da Igreja. Eu tinha o meu Deus particular, aquele em que eu acreditava. Para mim, ele não tinha dois pesos e nem duas medidas, como os homens da Igreja. Era bom e justo, simplesmente. Era amor. O temor eu sempre deixei para os *gadjos*.

– Se importa? Perguntou Zu, pegando minha mão. Assenti com a cabeça e ela passou a viajar seus olhos nas linhas de minha mão esquerda. Humm!, seu caminho para mim é bem conhecido. Você veio como *gadjo* e ele não. Tomado pelo remorso e pelo amor, ele seguirá os seus passos. Mas, bem sei. Suspirou. Eu lhe conheço, filha, conheço sua ambição e ela é capaz de fazer você colocar tudo a perder.

– Ele? Ele quem, Zu? – perguntei com desespero, como se já soubesse a resposta e quisesse ouvir sua confirmação.

– Você já sente, eu sei. E com o decorrer do tempo mais saberá. Ele também não sabe, mas sente. E segue o coração, apesar de sua vaidade, sabe onde deve ir. Pelo menos até chegar lá. Você, ambiciosa; ele, vaidoso. A prova virá e a escolha a ser feita é do coração, caso contrário... – suspirou, fazendo uma pausa.

– Caso contrário? – incentivei o desfecho de suas palavras, sedenta por sua premonição.

– Caso contrário, solidão, morte – disse, suspirando e deixando-me dúvida.

– Desculpe, Zu, não posso crer nessas coisas. Agradeço o carinho, mas, não! Não consigo crer.

– Tudo bem, minha querida – expressou-se sorrindo, com os olhos cheios de ternura e com a voz doce e confortável. – Sei que na hora certa se lembrará de minhas palavras, mas, de qualquer forma, não se preocupe. Sua verdadeira natureza pode ajudá-la a encontrar o seu caminho. Siga seu coração, sempre. Agora, vamos tomar um delicioso banho no rio! – convidou-me sorrindo, tentando me animar.

– Rio? – perguntei-lhe espantada. Nunca havia tomado banho em um rio. Mamãe nunca permitiu, nem em passeios pela infância. Zu, eu não sei nadar!

– Não tenha medo, é bem raso, sem correnteza. Ficaremos em uma bacia formada na nascente. Vamos! – e saiu, puxando-me pelas mãos, enquanto minha cabeça vagava em uma confusão particular. Mistura de pensamentos novos e dúvidas, muitas dúvidas. Era como se eu estivesse nascendo de novo, em outro mundo. Vendo Zu me puxar em direção ao rio como uma criança abobada, Zano se debateu em risadas e por fim provocou, como sempre:

– Ei, tia Zu, já começou o tratamento de espanto? – Zano ria e dava mostras de seu bom humor.

O barulho do rio dava para ser ouvido de perto das barracas. Adentramos pela mata aberta rodeada por árvores grandes e um gramado baixo. Quando a mata começava a se fechar entre algumas rochas, surgia uma trilha pequena, conduzindo à bacia formada na nascente do rio. O lugar era fascinante. Uma água clara e límpida, coroada por rochas de tom areia, que ficavam douradas quando atingidas pelos raios de sol que teimavam em entrar pelas arestas das árvores. Um barulhinho delicioso da água, de paz, do pequeno rio e do canto feliz dos pássaros. Tia Mercedez e Paloma já estavam nadando e, quando me viram, acenaram.

– Ana, venha! A água está uma delícia! – disse minha tia, deslizando-se pela água convidativa.

– Não se preocupe. Os homens não vêm aqui. Este é o nosso lugar. A água é rasa, pode se deleitar e, quando estiverem prontas, comeremos com os nossos. Existem algumas pessoas para eu lhe apresentar. Estremeci, ao comentário, e assenti com a cabeça. À noite, pensei. O que seria de mim à noite, com ele perto de mim. Tentei desviar o pensamento e fui para o rio.

Realmente a água estava muito gostosa e o rio era bem raso. Ainda bem, porque seria um desastre. Meu receio foi passando logo e acabei me soltando nas águas e para os encantos daquele lugar. Paz! – pensei.

Tia Mercedez conseguiu me arrancar da água a contragosto. Acabei cedendo, porque a noite estava chegando e havia muito a conhecer daquele povo. Ciganos! Eu gostava deles e gostava dali.

Vesti-me com simplicidade e a noite caía com seu ar refrescante, ofuscando o calor do dia. Estávamos no verão. Ouvindo a música que vinha do centro do acampamento, tentei me apressar, mas não pude deixar de olhar minha barraca com admiração. Deparei-me com um prato reluzente e polido para ser usado como espelho. Olhei-me. Meus cabelos estavam soltos e caídos sob o vestido de tecido fino, na altura da cintura. Os cachos nas pontas brilhavam mais com aquele lugar. Meu rosto estava iluminado, leve, e não pude deixar de me contemplar e me achar bonita. Sorri e me senti feliz.

Saindo da barraca, avistei o grupo ao redor da fogueira. Duas mulheres ainda não conhecidas bailavam em torno das chamas e reluziam de tanta beleza. Seus vestidos rodados, seus pés descalços faziam parecer que estavam voando. Aquela dança, os rodopios sensuais; elas flutuavam!

Alguns homens permaneciam sentados, batendo palmas junto com tia Mercedez, Paloma e Zu. Na outra extremidade, ele, lindo, tocando uma guitarra e cantando fabulosamente bem. A claridade do fogo reluzia em seu corpo forte. Suas mãos dançavam naquelas cordas e seus olhos brilhantes me fitavam. Brilhantes como o fogo que triscava no meio. Um calor invadiu meu peito e por um segundo relembrei das palavras de Zu e tive certeza. Era ele. Era ele o sol dos meus passos. Era ele minha alegria, meu desatino, meu desconcerto. Fiquei imóvel olhando para ele, para aqueles olhos que me hipnotizavam. Percebendo minha presença e meu encanto estampado em meus olhos, Manolo virou-se para mim, como se ouvisse o meu pensamento. Seus olhos brilharam mais uma vez e seu sorriso se iluminou, como se estivesse compartilhando meus pensamentos. Sorri também sem perceber que todos já estavam nos observando. Fui arrancada de meu sonho pelas gargalhadas de Zano.

– Zano – eu sorri. – Sempre ele com suas verdades entre palhaçadas. Aproximei-me do grupo um pouco desconcertada e por fim os cumprimentei, dando boa noite.

– Boa noite, venha! – disse tia Mercedez, sorrindo feliz.

– Você está linda – expressou-se Manolo, hipnotizando-me uma vez mais com seu olhar.

Agradeci sorrindo em resposta, dizendo:

– Obrigada.

– Manolo! Você não disse nada sobre mim, nem me elogiou! – protestou Paloma com seus biquinhos infantis.

– Você também está linda, todas vocês estão! – falou sem tirar os olhos de mim. Eu estava muito feliz e minha vontade era sair pulando e gritando a todo vento que ele era meu, que eu o estava

amando! Tive que fingir uma normalidade inútil, já que minha respiração me condenava e meus olhos gritavam de alegria.

– Venha, minha filha, quero te apresentar nossos irmãos. Primeiro as mulheres! – indicou sorrindo. Esta é Jade, nossa alegria e nossa exímia dançarina, e esta é Sara, nossa fabulosa e sensual cigana. Seus pés voam! – disse tia Zu.

As duas mulheres eram lindas. Jade, seus olhos entregavam o porquê do nome; eram verdes como a pedra e contrastavam com o negro dos cabelos ondulados. As sobrancelhas arqueadas e lábios carnudos completavam a sua beleza, dando-lhe um ar infantil, de tão delicados os seus traços. Jade sorriu com alegria trigueira e Sara me olhou de cima a baixo com desdém. Tinha os olhos e cabelos negros cacheados, com traços finos e perfeitos. Seu corpo todo harmonizava com sua presença magnetizadora, de tão lindo que era.

– Muito prazer, Jade e Sara – sorri com delicadeza, tentando ignorar o desprezo que senti no momento. Tia Zu continuou me apresentando as pessoas ali presentes sem se ater à cena ocorrida.

– Estes são Paolo e Rudá, filhos de Pablo – disse apontando para ele –, nosso estimado líder. São irmãos de Manolo.

– Muito prazer, Paolo, Rudá e senhor Pablo. Obrigada por nos receber.

– Seja bem-vinda, Ana – declarou senhor Pablo, sorrindo.

Paolo e Rudá eram jovens. Tinham traços parecidos, mas não eram tão bonitos quanto Manolo. Cabelos longos e castanhos escuros amarrados para trás, olhos cor de mel, pequenos e amendoados. Fisicamente já eram bem formados, tão fortes quanto o irmão. Todos eles estampavam um sorriso bonito e muito simpático. Senhor Pablo, com seus cabelos longos e grisalhos, amarrados, e sua barba por fazer tinha igualmente ar de simpatia. Manolo era o que mais se parecia com o pai, mas mesmo assim ainda possuía um brilho especial.

Senti paz com o sorriso do senhor Pablo e não pude deixar de compará-lo com meu pai. Quanta diferença!

– Ana, estes são Igor e Zoé. É o casal mais velho e mais sábio de nossa família.

– Obrigada, Zu, muito prazer, Igor e Zoé! – cumprimentei-os com simpatia.

– Seja bem-vinda, Ana – disse Igor e por fim Zoé, concordando com suas palavras, sorrindo. Igor era um pouco mais claro que os demais, não pela tonalidade da pele, mas pelos seus cabelos, que eram de cor dourada, envolvidos em cachos. Olhos esverdeados, pequenos, com pequenas linhas de expressão em suas extremidades. Alto, forte pela aparência de sua idade. Até os mais magros eram fortes, o que se devia ao trabalho braçal constante. Zoé era pequena, delicada e seus cabelos eram de cor acobreado. Apesar de aparentar cerca de sessenta anos, seu rosto era muito bonito e possuía harmonia com as expressões do tempo. Rosto largo, redondo, sobrancelha arqueada e lábios mais finos.

Fiquei encantada com o que via, as pessoas, suas diferenças. O novo sempre me atraiu. E tudo aquilo que estava acontecendo era bom, trazia esperança de uma vida nova e atenuava a dor em meu peito, que não estava esquecida.

A noite transcorreu tranquila, regada de música, dança e amor, um novo amor. O primeiro e talvez o único. Manolo me cercava de olhares. Cantamos juntos, sorrimos, e a sintonia fluía naturalmente, não exigindo de nós qualquer esforço para ser agradável um ao outro, o que deixava Paloma contrariada. Segurei várias vezes a vontade de rir. Ela fazia de tudo para chamar

a atenção de todos, principalmente daquele que era o centro das atenções, o que bastou dar um único sorriso para que eu me apaixonasse e visse tudo mudar, do dia para noite em minha vida. E eu sentia que seria para sempre. De alguma forma este sentimento já estava seguro e garantido dentro de mim. Eu não sabia se seria recíproco, mas sabia que uma parte do vazio que eu sentia havia encontrado seu lugar e que este lugar não teria espaço para outra pessoa.

Comemos ao redor da fogueira, bebemos vinho e rimos muito. Todos se expressavam muito bem e dançavam quando tinham vontade. Riam alto, quando estavam muito alegres, choraram quando a emoção era invadida por alguma música e, por fim, dançavam quando a alma pedia. Eram livres. Faziam o que seus corações pediam, muito diferentes das pessoas com quem eu estava acostumada a conviver, cheias de 'não me toque', disfarces de personalidade e sentimentos.

– Chega, cansei de tocar. Pai, você continua? – disse Manolo ao senhor Pablo.

– Sim, filho, claro!

– Ana, me permite a honra de uma dança? – convidou-me Manolo, com um sorriso desafiador, como se quisesse me testar. Sorri e consenti com a cabeça. Desafios sempre me atiçavam e eu estava pronta para ver o que ele estava planejando.

Senhor Pablo tocava tão bem ou melhor que Manolo. Começou a deslizar os dedos pela guitarra com uma música flamenca que possuía mistura de garra, prazer, força e presença. Eles realmente estavam me desafiando. Sorri com prazer e comecei a me posicionar e a me mover, de acordo com a melodia e seu ritmo forte. Olhei fixamente nos olhos de meu parceiro e, não sei como explicar, era como um *déjà vu*, eu já havia estado ali. Me senti poderosa, forte e imponente. Começamos a bailar no ritmo da música e a atração de um pelo outro fluía em nossos olhos. Havia força e sintonia nos movimentos. Nos tocamos e sentimos o calor um do outro. Fazíamos um par perfeito. A sintonia e a leveza dos movimentos, misturados com a precisão sensual de uma verdadeira dança flamenca, atraíram o olhar de todos enquanto dançávamos. A música ficou mais lenta, lamuriosa. Começamos a dançar mais próximos. Seus olhos juntos aos meus confirmavam que tínhamos muito a ver um com o outro e que estávamos felizes.

Dançamos mais três músicas, embalados no calor daquele momento. Naquele instante eu não conseguia mais pensar em nada. Paloma, inquieta ao perceber as evidências entre nós dois, deu um jeito para reivindicar a atenção de Manolo e dos demais.

– Agora é minha vez, Manolo! Disse. Você nunca dançou comigo e muito menos deste jeito! Quero que me embale também em seus braços!

Sentindo-me contrariada, respirei fundo e, com o rosto já ruborizado pela dança, percebia-me queimar um pouco mais. Me contive e por fim agradeci a Manolo pela dança.

– Obrigada, Manolo, estava precisando disso para me alegrar.

Não sei como, mas diante dele uma timidez quase nunca presente em minha personalidade se manifestava. Eu perdia o jeito e os modos, tornando-me uma completa desastrada. Enquanto eu agradecia, caminhava para trás e por pouco não joguei alguns copos no chão. Ele sorriu, divertindo-se com meu desajeito.

– Por nada, disponha sempre.

– Magnífico! Aplaudiu Zu com entusiasmo. Quanto tempo não vejo um espetáculo desses! Vocês foram perfeitos.

– Não exagere, tia Zu – sorriu Manolo sem tirar os olhos de mim, posicionando-se para a

próxima dança.

Eu olhava contrariada para aquela cena e me esforçava para disfarçar. O que me deixou mais tranquila foi quando senhor Pablo começou a tocar. A música era mais leve, alegre e nem um pouco envolvente. Música para se bater palmas e dançar com um irmão ou com um pai. Esta música eu fiz questão de cantar e aplaudir alegremente. Ria a gargalhadas por dentro. Paloma não disfarçava a contrariedade, chegando a se embolar nos passos.

As danças acabaram e aos poucos todos foram se despedindo para o descanso. Minha agitação não permitia que eu adormecesse. Fiquei ouvindo a voz do meu Manolo de longe e cada vez que a sentia próxima de mim, meu coração disparava. O silêncio aos poucos foi tomando seu lugar e eu fui me acalmando.

De repente, vi a sombra de um homem do lado de fora. Atenta, ouvi um suspiro que eu já sabia reconhecer. Era ele, Manolo, parado. Hesitou por um instante e caminhou em direção à sua barraca. Eu sorria por dentro com a certeza de que ele sentia também algo muito forte por mim. Minha vida começara a partir daquele momento. Meu destino estava começando a se concretizar e o porvir pertencia a Deus e nada mais.

Meus pensamentos divagaram entre os últimos acontecimentos e acabei adormecendo na calmaria daquele lugar. A noite transcorreu tranquila e a manhã logo chegou. Acordei com o movimento dos ciganos do lado de fora bem cedo e fiquei deitada ouvindo vozes. Senti saudades de minha mãe. Todas as manhãs, acordava com sua voz doce, ao me chamar, e seu olhar cheio de amor. Chorei e senti uma dor intensa em meu peito. Infelizmente nada poderia ser feito. A passividade dela havia nos afastado no momento em que ela escolhera ficar ao lado de meu pai. Sentiria saudades, sempre, e era o que eu poderia carregar dentro de mim, somente a saudade. Me olhei no prato espelhado. Meu rosto estava reluzente, apesar da dor que eu carregava. Poderíamos ser felizes, todos iguais, juntos e em harmonia. Seria tão mais fácil se as pessoas seguissem seus corações e ficassem juntas! Respeitando a individualidade de cada um – eu pensava.

Uma mistura de saudade, dor e mágoa surgiu em mim. Tampei meu rosto com as mãos, como num ato de dor e desespero, querendo arrancar aquele sentimento que insistia em aumentar.

Somente depois de um tempo senti uma aresta de sol entrando pela barraca entreaberta e lá estava ele. Retornei à realidade, tentando disfarçar o que eu carregava dentro da alma. Parado e olhando-me, seus olhos demonstravam compaixão ante o meu desespero. Ele parecia sentir e querer compartilhar da minha dor. E com sua descrição e hombridade, estendeu sua mão para mim, convidando-me a sair da cabana.

Juntos, caminhamos em silêncio. Nos sentamos em meio a um clarão da mata, cercado por cerrado e flores de cor amarela e rosa. O sol ainda fraco estava aconchegando o meu espírito triste.

– Ana, sei que o que você está passando é muito ruim, mas quero que saiba que estou aqui do seu lado e vou estar sempre.

Não pude me conter ao ouvir suas palavras e as lágrimas caíram pelo meu rosto. Não conseguia falar, mas ele conseguiu extrair de mim toda a dor, que se converteu em um choro compulsivo. Manolo me abraçou com carinho e eu me senti protegida. Quando viu que eu estava mais calma, pegou uma florzinha pequena e começou a fazer cócegas no meu nariz. Tentei tomar a florzinha dele e começamos a rir. Rimos como duas crianças e, por fim, nossos olhos mais uma vez se

encontraram não deixando outra saída, a não ser nos entregarmos ao amor. Beijamo-nos demoradamente. Abraçamo-nos como se apenas existissem só nós dois, o nosso mundo, aquele momento. Me entreguei em seus braços. Éramos um só e dúvida não existia ali. Eu, uma menina, ele, um homem. Por ele, sim, eu largaria tudo e viveria um dia de cada vez. Por ele a minha vida se tornaria outra.

Ficamos parados, juntos por horas, como se o mundo tivesse também parado para nós dois. Era tudo que eu mais queria. Manolo não tinha posses, mas já possuía o meu coração. Era tudo. Eu sentia que, desta vez, acreditando em outras vidas, estávamos preparados para ficar juntos.

– Ana, eu te amo – sussurrava ele ao meu ouvido.

– Eu também te amo.

Por mais alguns minutos, o silêncio tomou conta daquele momento. Só o sol, o vento e o canto dos pássaros testemunhavam aquele amor.

4
Felicidade no campo

Os dias transcorreram tranquilos e felizes. Apesar da ferida aberta pela saudade de minha família e da rejeição de meus pais, Manolo se desdobrava em cuidados e isso compensava tudo. Tentamos ser o mais discretos possível, mas estavam estampados em nossos olhos o envolvimento, o amor, o zelo e o cuidado em particular um com outro, o que acabava arrancando sorrisos de uns e ódio de outros. Paloma estava inconsolável.

Já estava tudo preparado para podermos partir para casa de campo de tia Mercedez. Apenas Manolo iria nos acompanhar. A saudade daqueles que eu considerava minha família já ardia em meu peito. Algo me dizia que depois que saíssemos de lá, as coisas não seriam mais tão belas. O amor, o zelo, as músicas, a alegria, tudo seria diferente. Sentia no âmago tempos difíceis.

Paloma já não conseguia disfarçar seu ódio, sendo ríspida comigo e com Manolo. E tia Mercedez estava nitidamente preocupada com aquela transformação.

Despedimo-nos de todos entre lágrimas e promessas de estarmos sempre juntos, apesar da distância. Chorei copiosamente nos braços de Zu, como num pedido de socorro, por saber que ali eu estava protegida e, longe deles, tudo seria diferente.

O meu mundo ficava em paz quando eu cruzava o olhar de Manolo. Tinha tanta vida, tanta coisa ali, que eu sentia que poderia vencer qualquer problema.

A viagem transcorreu tranquila. Saímos no início da manhã e, ao anoitecer, chegamos. A maior parte da viagem foi silenciosa. Cada um imerso em seus pensamentos. Eu em Manolo e Manolo em mim. Olhamo-nos e não havia necessidade de palavras. Existem coisas que palavras não descrevem.

Chegamos à casa de campo. Apesar da beleza que existia, em particular da primavera, senti um frio na espinha. Manolo, como sentindo meu temor, instintivamente segurou a minha mão, como se dissesse: calma, eu estou aqui. Consenti com um sorriso. Ele era tudo pra mim, como se eu sentisse que fomos feitos um para o outro, de tal maneira que olhares e pensamentos se completavam. Era como se a parte que faltava em mim estivesse ali, diante de mim, me dizendo de alguma forma que ali sempre estaria.

Apesar de meus pressentimentos, sentimentos desencontrados, misturados com a dor de deixar a família para trás, toda a minha alegria era devolvida com o olhar e o sorriso daquele homem.

A casa de campo era um dos lugares mais lindos que eu já havia conhecido. Construída com pedras, ganhava um ar rústico pelas plantas que cresciam subindo pelas paredes, pelo telhado, e que davam um toque de jardim habitável. Era toda rodeada por flores, e um jardim grande muito

bem cuidado era contornado por um pequeno riacho que passava em frente à casa, dando um formato de um lago enorme e semiaberto, para finalizar em uma linda e delicada cachoeira. O lugar era mágico, muitas árvores carregadas de frutas e uma linda área para cavalgar até a lagoa.

Descemos e sentimos o cheiro das flores abençoadas pela primavera. Começamos a pegar nossas coisas e guardar em nossos quartos. Cada um ficaria em um quarto.

Durante o jantar, tia Mercedez se esforçava para manter o clima agradável e feliz como estava no acampamento. Mas era impossível com o silêncio da casa, a falta dos amigos, o som da guitarra, as gargalhadas de Zano e o péssimo humor de Paloma.

Depois do jantar, fomos para a varanda sentir o frescor da noite e admirar a lua, que estava cheia. O céu, carregado de estrelas, estava simplesmente fantástico. Não precisávamos de lamparinas para iluminar o ambiente. O espetáculo da lua e das estrelas se encarregava disso. Paloma foi direto para o quarto dormir e tia Mercedez ficou conosco um pouco.

– Bem, crianças, vou me deitar. O dia foi longo e estou exausta! Fiquem com Deus, meus amados e juízo! – disse ela sorrindo e nos beijando a testa.

– Enfim sós! – brincou Manolo, olhando-me de um jeito que só ele conseguia fazer, fazendo meu rosto ruborizar imediatamente.

Rindo de minha timidez, disse-me convidando:

– Venha, minha estrela, vamos passear um pouco.

De braços dados, caminhando vagarosamente pelo jardim, fomos nos distanciando da casa. Ao passar pela primeira árvore, repentinamente Manolo me puxou para seus braços. Acho que se isso acontecer durante séculos, o meu coração irá sempre disparar, como se eu não tivesse memória e me apaixonasse pela mesma pessoa, todos os dias.

– Cada dia te amo mais – disse Manolo, cobrindo-me de beijos, apertando-me contra seu peito. Os carinhos envolventes, a intensidade dos beijos e um torpor imenso invadiram a minha alma. Naquele momento decidi que seria dele por completo.

– Manolo, eu quero selar este momento para sempre. Não importa o que aconteça, eu quero ser sua, ter a sua marca em mim para sempre.

Os olhos de Manolo, marejados de lágrimas, me olharam profundamente na alma, como se dissesse o mesmo. Nos amamos, como se não houvesse mundo, como se não fôssemos dois, e sim, um.

Ficamos um longo tempo admirando a lua e as estrelas. Deitados em silêncio e em paz...

Manolo era tudo para mim e eu já sabia que jamais amaria um homem assim novamente. Um amor verdadeiro, puro, imutável, que faz você se sentir plena com o outro, que o aceita como ele é. Um amor que revigora, que doa, que recebe, que contribui e compartilha, um sentimento amplo, que a tudo envolve.

A noite estava tão maravilhosa e completa que acabamos adormecendo um nos braços do outro. Abri os olhos com a claridade do sol e tive a sensação de que alguém nos olhava. Era Paloma, seus olhos fogueavam de ódio e ela, atônita, parada nos encarava com desprezo.

– Paloma? O que faz aqui? – perguntei.

– Você vai pagar caro por isso! – disse, voltando para a casa a passos duros.

Aquele mesmo frio no estômago que havia sentido quando cheguei à casa senti novamente. Passaram milhões de coisas em minha mente, o que ela poderia fazer, mas quando olhei do meu lado, Manolo dormindo, agarrado em mim, não consegui ficar presa aos pensamentos ruins. Eu

estava em júbilo! Ele estava ali ao meu lado. Isso bastava para todo o sempre.

Acordei Manolo sem dizer uma única palavra sobre Paloma. Ele me abraçava e me beijava repetidas vezes. Rimos muito. Estávamos felizes. Recompusemo-nos e fomos para a casa de campo.

Quando cheguei em casa me deparei com o olhar sorridente de tia Mercedez. Ela já sabia que ficaríamos juntos. Aliás, todos sabiam!

Os dias correram tranquilos, eu era amada, estava feliz. A ferida de ser rejeitada pelos meus pais já não doía tanto. Havia alguém que me aceitava e que me amava com todas as forças e eu sentia o mesmo por ele. Ele, como sempre, muito gentil, sempre sorrindo e me provocando com brincadeiras que só nós dois entendíamos.

Paloma, mal falava. Tia Mercedez nos cobria de atenções, tentando amenizar o clima pesado.

Os dias eram felizes e às noites, de amor e júbilo.

Em uma noite, estávamos abraçados admirando as estrelas pela janela do quarto, quando Manolo me disse:

– Ana, se eu deixar de existir em sua vida, quero que saiba que esses dias foram o suficiente para me tornar o homem mais feliz deste mundo!

– Por que você esta dizendo isso, meu amor! Vamos ficar juntos para sempre, seja lá o que Deus quiser de nossas vidas. Aconteça o que acontecer, estaremos juntos a não ser... que você não me queira mais.

– Não diga uma coisa dessas. Eu te amo! Estou realizado e acredito que nada mais neste mundo me faça tão completo! – disse Manolo, apertando-me contra o peito e beijando-me repetidas vezes, como sempre fazia.

Aquelas palavras me doeram profundamente no peito. E, sem ele, não sei o que seria de mim. Não existiria mais Ana. Ela estaria morta.

Os dias seguiram assim, com muito amor, muita alegria, apesar dos olhares maliciosos de Paloma. Tia Mercedez permanecia sempre muito alegre, solícita, carinhosa. Eu ficava impressionada de ver como a irmã da minha mãe podia ser tão diferente das outras pessoas, com um coração tão puro e uma mente tão aberta, sem preconceitos. Diferente da própria filha que mais parecia uma velha preconceituosa.

Às vezes me pegava relembrando minha mãe, meu pai, meus irmãos, mas aquilo era um passado que não voltaria mais. Sentia saudades. Quando percebia a minha distância e meus pensamentos vagos, Manolo me apertava em um abraço aconchegante e silencioso, como se compartilhasse da minha dor e me dissesse: “eu estou aqui”!

Era uma maneira segura de sofrer, porque de alguma forma eu estava amparada, por alguém que eu mais amaria em minha vida. Realmente o que eu sentia por ele não cabia em meu coração, na minha alma, mesmo quando pensávamos diferente, nos respeitávamos. O que importava, acima de tudo, era ficarmos juntos.

Certa noite eu estava me preparando para ir para meu quarto, quando Manolo me convidou para dar uma volta no jardim. Olhei-o desconfiada, pois percebi certa malícia em seu olhar. Disfarcei e consenti. Fomos caminhando vagarosamente em direção a um clarão que existia dentre as árvores maiores. Era um lugar mais distante da casa de campo. O cheiro era delicioso, de lavanda, espalhado pelo local. Ao atravessarmos um pequeno labirinto de trepadeiras, deparei-me com uma cabana feita de tecidos leves, soltos com as pontas ao vento. Havia dentro dela uma

esteira de madeira estendida ao chão, com frutas, vinho e especiarias. Velas perfumavam todo o seu interior, exalando o tão delicioso perfume de lavanda sentido anteriormente.

– Manolo, que lindo! Estou encantada! Como você consegue? Esse cheiro, tudo! Está tão lindo, muito obrigada, obrigada por ... – não me deixando terminar a frase, apertou-me em seus braços e me beijou demoradamente, fazendo-me sentir plena de felicidade. Ele poderia me olhar, me tocar e me beijar inúmeras vezes e minha emoção seria sempre a mesma. Pegou em minha mão, conduziu-me para dentro da cabana, onde comemos, bebemos um bom vinho e conversamos deliciosamente. O aroma delicado do perfume das velas, a tenda com a luz amarelada, do silêncio da floresta, tudo contribuía para que o ambiente se tornasse totalmente romântico convidando a explosão dos nossos sentimentos. Não existiam mesquinharias entre nós, nos amávamos e pronto.

Voltamos tarde para a casa de campo. Eu me sentia plena. Manolo, em suas palavras, em histórias contadas, em sua maneira de me olhar, demonstrava o mesmo. Ríamos juntos, falávamos sobre diversas coisas. Ele me contava sobre a vida do seu clã, dos ciganos, sua cultura. Me dizia como a música e a dança faziam parte de suas vidas, como algo natural, belo. Eu ficava admirada com a visão que eles tinham sobre a expressão da alma através da música e da dança. Seria tão mais fácil se todas as pessoas enxergassem a vida desta forma! Se tudo fosse mais simples, talvez eu ainda estivesse na casa dos meus pais, realizando um sonho que considerava belo e junto do meu amado Manolo. Hoje eu tenho certeza de que, se não fosse a dança o motivo de eu ser rejeitada pelos meus pais, seria por Manolo. Eles jamais aceitariam que eu amasse um cigano! Viver de aparências e seguir uma sociedade altamente doentia, essa era a verdade. Onde os pobres não têm vez e a alegria é pecado. Convenções e aparência, tudo falso e carregado de inverdades. Casamentos arranjados, amores falsos, pessoas infelizes. Era disso que a podre alta sociedade era feita. Nada de alma, tudo um jogo de interesses. Mas Manolo me disse, também, que nem todos os grupos ciganos eram iguais. Muitos se perderam no meio dessa sociedade e acabaram caindo na vaidade, na luxúria e no roubo. Usavam seus conhecimentos de magia, de espiritualidade para o mau e para manipular as pessoas e realizar desejos de se destacar na sociedade. Mas nunca deixariam de ser 'os ciganos'. Sempre seriam recebidos entre bochichos e preconceitos.

– Manolo, a relação com tia Mercedez é totalmente diferente, o que aconteceu? – perguntei certo dia, enquanto colhíamos frutas no pomar.

– É uma longa história. Conheço sua tia há muito anos. Quando eu era pequeno, acampamos, no verão, próximo daqui da casa de campo. Estávamos todos dormindo e não sei o que houve que as nossas barracas começaram a incendiar. O marido de Mercedez estava acordado e da varanda viu o incêndio, gritando aos capangas. Mercedez acordou todo mundo e foram correndo para nos socorrer. Todos foram salvos, exceto minha mãe. A barraca estava em chamas e eu estava dormindo com ela, os pilares caíram sobre ela e eu fiquei por debaixo. Ela me salvou. Mercedez ouviu o meu choro e gritou para que nos socorressem. Estavam todos atônitos. Era dia de festa, meu aniversário. Depois disso, fomos trazidos pra cá, e Mercedez e seu marido nos ajudaram a reconstituir tudo que perdemos, e ainda nos acolheram por tempo indeterminado. Temos por eles uma gratidão eterna.

Fiquei impressionada com a história de vida de Manolo. Perder a mãe tão pequeno... Imagino a falta que fizera. Este era o motivo de tanta fidelidade e gratidão à tia Mercedez. Haviam salvado sua vida e dos seus. Passei a mão sobre seu rosto, acariciando com carinho e olhando fundo em

seus olhos marejados. Queria, em silêncio, demonstrar o meu pesar e que ele não estava mais sozinho. Eu estava ali. Abraçamo-nos demoradamente em silêncio e por fim uma vez mais disse o quanto o amava.

– Eu também te amo, Ana, você é minha vida. Um suspiro mútuo tomou conta por fim daquele abraço e de uma declaração vinda da alma.

O tempo foi passando e a cada dia estávamos mais juntos. Paloma praticamente não saía de seu quarto e nunca fazia quaisquer atividades conosco. Tia Mercedez acabou nos deixando mais a sós para fazer companhia à filha. Manolo e eu fazíamos muita coisa juntos nos cuidados da casa e do pomar. Era divertido, sempre com brincadeiras, entremeadas aos serviços. Vez ou outra, eram folhas ou mesmo um torrão de terra que um tentava acertar no outro, para depois rolarmos divertidamente no chão, como duas crianças travessas. Sentia-me plena.

Certa manhã, tia Mercedez nos chamou para conversar:

– Queridos, já se passaram três meses e sinto que é chegada a hora de partir. Recebi um comunicado de meu marido, que mandará nos buscar em dois dias. Deixarei vocês dois aqui e manteremos contato, até mesmo para ver a questão de Ana ir para Barcelona e lá voltar a dançar. Irei com Paloma e, assim que puder, retorno.

Paloma estava toda arrumada e radiante. Não disfarçava a alegria de ir embora. Mas continuava, como sempre, não me inspirando confiança. Havia alguma coisa no ar. Lembrei-me de repente de suas palavras: “Vocês vão me pagar por isso”! Aquele frio no estômago percorria até meu peito, ardendo como se algo de muito ruim pudesse vir a acontecer.

5
O desespero do abandono

TIA MERCEDEZ PARTIU com Paloma. Senti-me aliviada por ela não estar entre nós. Era algo que terminantemente me incomodava. Foi maravilhoso poder estar junto de Manolo e podermos curtir juntos a casa de campo. A cada dia nos apaixonávamos mais. Todos os dias, Manolo me laçava pela cintura e bailávamos juntos. Aquela altivez e sensualidade típica do homem cigano fascinavam-me. Manolo sabia ser envolvente.

Percebi isso no clã nos dias em que passei no acampamento. Eram assim, alegres, sensuais e altivos. Em toda a corte de Madri, nunca vira ninguém assim, mesmo com tanto luxo e glamour. São coisas que transcendem a alma e dinheiro não compra. Presença de espírito. A princípio, achei que todos os ciganos eram assim, mas Manolo me disse que não, que isso independe de classe social, de clã, de cor, sexo e até mesmo de lugar. Que o bom estado de espírito é uma conquista individual e que o amor é a chave de tudo.

Eu ficava encantada com a forma que Manolo tinha de ver as coisas. Era fantástico como ele conseguia enxergar tudo de outro ângulo. Não só ele, mas todos os seus. Cada dia aprendia mais e compreendia as minhas repulsas ao modo estreito de enxergar a vida e à maneira que me fora imposta a religião.

Em tão pouco tempo aprendi tanto, como a nossa conexão com a terra, com as plantas, a água, sobre a ligação que temos com nosso planeta! A água era com o que eu mais me identificava. Adorava sentir a sua energia! Também os raios do sol, como um abraço me aquecendo, era tudo de bom.

Com a chegada do inverno e o barulho triste do vento, voltei a ter maus presságios. Era como se o sol estivesse levando toda a minha alegria. Manolo sentia meus medos e me cobria de carinho com conversas demoradas para me dissuadir dos maus presságios. Mas a cada dia eu estava mais apreensiva. Sentia um medo inexplicável de perdê-lo.

Numa manhã, Manolo se arrumou para sair à cata de lenha para repor o nosso estoque. Por diversas vezes, senti a casa sendo vigiada. Mas eu olhava ao redor e não encontrava nada. Comecei a pensar que estava enlouquecendo. Manolo mesmo, sempre muito paciente, já estava perdendo a vontade de me persuadir.

– Manolo, tenha cuidado, estou com tanto medo!

– Ana, pare com isso! Eu já não sei mais o que dizer e fazer para te ajudar a melhorar os pensamentos! Não consigo mais! Preciso buscar lenha e, além do mais, espairecer. Não estou suportando mais tanta negatividade! Pense, Ana, no que está fazendo da sua vida! Pense! Eu

estou cansado de tentar te dissuadir! Saiu caminhando a passos duros, sem ao menos se despedir de mim.

Aqueles sentimentos eram estranhos para mim. Mas eu não tinha como não os considerar. Eu estava enlouquecendo ou algo de muito ruim iria acontecer. A minha alma pulsava rapidamente e eu sentia no fundo que ele iria se afastar de mim. As lágrimas teimavam em cair, enquanto sua imagem sumia no caminho.

A noite chegou e nada de Manolo aparecer. O desespero foi tomando conta de mim. Passei a noite em claro e na manhã seguinte decidi ir atrás dele. Vesti-me adequadamente e, ao sair pela porta dos fundos, me deparei com um monte de madeira a cerca de cinquenta metros da casa. Fui me aproximando vagarosamente, receosa de que pudesse ser uma emboscada. Olhando atentamente para os lados, não consegui visualizar nada. Em cima da lenha avistei um couro enrolado como se fosse um pergaminho. Ao abri-lo vi uma carta que, que li apressadamente:

" Sinto muito, eu não suporto mais. Seja livre, não existe mais amor. Manolo."

O meu mundo começou a girar. O meu coração palpitava e minha visão ficou turva. Titubeei e caí sentada nas lenhas umedecidas pela neve. As lágrimas caíam terminantemente e eu não conseguia acreditar no que acabara de acontecer. Permaneci ali por horas, chorando compulsivamente e gritando como se metade de mim tivesse sido arrancada a unhas do meu peito. A dor era tão intensa que desejei morrer ali, naquele momento. Ele havia me deixado. Pior, ele havia me abandonado sozinha em uma casa de campo sem ao menos pedir socorro a ninguém!

– Meu Deus! Onde está, Deus? – eu gritava, externando a dor no peito e o desespero.

O silêncio tomou conta daquele lugar. Dias sem comer, sem querer viver, com frio e sozinha. Ele me deixou, era a única frase que eu conseguia esboçar. Mas por quê? O que eu fiz para que isso acontecesse? Eu o amava tanto! Sentia que os meus medos o incomodavam! Mas claro! Fazia todo sentido. Eu já antevia, no fundo, o que ele iria fazer! Claro! Era isso! E por que eu haveria de sofrer por alguém tão cruel?

Após alguns dias, decidi voltar a me alimentar e cuidar de mim. O ódio tomou conta do meu ser no lugar da dor que consumia a minha alma. Deveria traçar um plano para sair da casa de campo e ir atrás dos meus sonhos! Eu iria dar a volta por cima e Manolo ainda iria ouvir falar de mim! Ele pagaria pelo que fez. Revoltada, fiquei maquinando coisas e, imaginando vinganças, fui vencida pelo cansaço. Adormeci.

No meio da madrugada, acordei com uma voz me chamando:

– Ana, me ajude! Tenha cuidado! Via Manolo com uma mão sobre a barriga ensanguentada e a outra estirada a me pedir socorro. Eu estava sonolenta, e quando, por um sobressalto, sentei-me na cama, abri os olhos definitivamente e a imagem sumiu. De imediato, me veio o rosto de Paloma, dizendo que iria se vingar. Um frio me passou pelo estômago, mas, num ímpeto, arranquei aqueles pensamentos da cabeça. Ele havia deixado um bilhete! Havia me abandonado e nada, nem ninguém, iria me dissuadir de dar a volta por cima e jogar na cara dele que ele havia me abandonado.

Sem Manolo, não existiria mais Ana, que estava morta e enterrada. Precisava traçar um plano e esquecer todo o meu passado, toda a minha família e todas as pessoas que eu havia conhecido. Esperaria acabar o inverno e, aí sim, sairia dali.

Por inúmeras vezes ouvi nossas risadas e revi nossas cenas de amor. Diversas vezes tive a impressão de que ele estava ali, mas muito machucado, pedindo socorro. Era como se minha

mente não aceitasse o fim daquele amor, como se não houvesse fim para aquele amor! O frio doía, mas a minha alma doía muito mais, a ponto de esquecer que nevava.

A vontade de morrer me procurava. Mas Deus era tão cruel que nem morrer eu conseguia. A revolta que corria sobre meu peito era enorme. Sentia como se eu não valesse nada, nem para os meus pais, nem para ele. Aqueles que foram meu porto seguro me deixaram à míngua do destino. Mas isso ia mudar! Eu ia me vingar de cada um deles, mostrando o quanto de sucesso eu alcançaria sem eles. Eles me destruíram, mas eu iria dar a volta por cima. Seria capaz de qualquer coisa para isso! Foram capazes de destruir a Ana, mas no lugar, nascia agora uma nova mulher.

O inverno foi findando. Os pássaros começaram a cantar e as flores, aos poucos, a aparecer. A alegria da casa de campo e suas cores voltaram, mas meu peito ainda era pura dor. Sentia pontadas em meu coração, como se o mundo fosse cair sobre minhas mãos. Manolo para mim não existia mais, ao ponto de, em alguns sonhos, ele me pedir socorro e eu gritar que a Ana não existia mais!

Eu chorava copiosamente. Às vezes me pegava no meio da noite gritando, pedindo a Deus que me levasse. Foram dias cinzas, secos, frios, dias sem alma, sem amor. Em tudo pela casa havia lembranças de amor, de cenas de carinho, risadas, promessas...

Inconformada, pensava, como ele fora capaz de me abandonar assim em nosso primeiro e único desentendimento! Eu havia prometido a minha alma a ele. Agora era o fim, fim de Ana Bernardez.

Com a chegada da primavera, decidi não esperar a volta de tia Mercedez e traçar planos para ir embora. Manolo havia me ensinado muito sobre direção e outros assuntos importantes para viagens. Parece que ele havia premeditado isso tudo e resolveu me deixar preparada para que eu pudesse seguir meu caminho. Comecei a arrumar as coisas para partir, dentre elas as joias para poder me manter.

Dois dias antes da viagem, resolvi tomar um banho no lago, para me despedir e também espairecer um pouco. Já era tarde da noite. Caminhei a passos lentos. Despi-me e fiquei ali naquele lugar, relembrando tantas cenas de amor e júbilo. Era como se o tempo não houvesse passado.

Cheguei a sorrir sem perceber, ao lembrar o quanto amei naquele lugar e o quanto sentia paz ali na água. Precisava ir embora e logo, para poder enterrar aquela história de vez. Distraída com o barulho da água, senti-me quase adormecer e, de repente, vi o rosto de Manolo a me dizer: "Cuidado"!

Abri os olhos assustada e senti um cheiro de fumaça muito forte, vindo da casa de campo. Levantei apressadamente, vesti minha roupa e corri para lá. Deparei-me com a casa toda incendiando. Havia fogo por toda parte, sem dar condições de entrar e pegar nada! Era uma emboscada. Deviam ser ladrões e eu precisava fugir dali! Rasguei um pedaço do meu vestido e acomodei nele algumas frutas do pomar. Não existiam mais joias, roupas, mantimentos, nada! Apenas o cavalo, eu, os poucos alimentos, mais nada. Era caminhar para frente e esperar que a morte chegasse. Eu estava exausta e chorava muito, num choro abafado de revolta, como se quisesse dizer algo para Deus. Mas ele não me ouvia.

Apressadamente e com medo de que eu pudesse ser abordada por algum criminoso, parti e varei a noite cavalgando. O cansaço e o estresse eram tão grandes que eu aos poucos me senti adormecer, me entregando ao sono no próprio lombo do cavalo.

Fui tomada por um sonho em que me via deitada dentro de uma barraca delirando em febre. Ao lado, uma senhora de rosto sisudo, porém com olhar bondoso, colocava bandagens em meu rosto. Meus olhos se abriam e ela sorria, dizendo: "Vai ficar tudo bem".

Bem onde? – eu pensava. Não tinha a menor possibilidade de algo melhorar na minha vida, eu tinha perdido tudo quanto mais amava!

Quando acordei, vi que era dia e senhora ali estava, limpando e organizando as coisas na barraca.

– Até que enfim acordou! Há dias está delirando em febre! Claro que é justificável. Depois de... – e deu uma pausa.

– Depois de quê, senhora...

– Andaluz. Me chamo Andaluz. Depois de, você sabe, de ter perdido o seu bebê. Você foi muito imprudente de ter cavalgado grávida! E quem é Manolo?

Aquelas palavras pareciam fel cortando minha alma. Eu, grávida? E havia perdido o bebê? Manolo! O choro compulsivo tomou conta de mim. Sem que eu me preocupasse com a presença daquela senhora, me encolhi como um feto, num desejo de ali permanecer até morrer! Percebendo minha necessidade de ficar só, Andaluz foi recolhendo seus pertences e dizendo:

– Bom, deixarei você agora. Trarei seu café da manhã. Só me responda uma coisa. Qual o seu nome?

– Me chamo Carmem. É isso, Ana estava morta. Morta e enterrada junto com os Bernardez e com Manolo.

– Certo, Carmem, eu volto.

Ao me ver sozinha, chorei copiosamente e com um motivo a mais: De pensar que eu carregava um filho em meu ventre e que agora não existia! Jurei para mim mesma que nunca mais amaria outro homem e nunca mais seria como fui. Ana estava enterrada. A única coisa que eu sentia agora era dor, raiva e revolta. Eu queria gritar para o mundo o quanto o odiava, o quanto odiava todas as pessoas. Mas eu ia dar a volta por cima e fazê-los engolir todo o meu desprezo.

Pouco tempo depois, a senhora Andaluz voltou com meu café, e me pus a perguntar:

– Como cheguei aqui e que lugar é este? Perece um acampamento! Onde estou?

– Bom, Carmem, estamos acampados próximo à cidade de Sevilha. Somos um grupo de ciganos e andamos de cidade em cidade. Vendemos o que fabricamos, panelas, artesanatos. O líder do nosso clã é uma pessoa intensa e muito apegada ao material e certamente vai querer alguma coisa em troca por este favor que lhe fiz. Até me perguntou se você estava melhor para poder contribuir com os afazeres daqui. Pedi a ele paciência. Não demora, ele virá ter com você.

Fiquei apreensiva, mas respirei fundo e me mantive firme, olhando para aquela senhora. Ela possuía os cabelos grisalhos amarrados em um coque caído com alguns fios soltos pela face. Sua pele castigada pelo sol tinha linhas fundas de expressão, determinando sua avançada idade. Sua voz não era de pessoa fraca e sim de alguém que falava pausadamente, porém com firmeza no olhar. Não sei dizer como, mas simpatizei com aquela senhora, que de alguma forma me lembrava Zu...

Uma tristeza percorria o meu peito, fazendo-me lembrar de tudo que havia vivido por tão pouco tempo e marcado a minha vida para sempre. Sem conseguir me conter, as lágrimas desciam pelo meu rosto, fazendo com que aquela senhora se condoesse por mim.

– Carmem, não precisa ter medo, fiquei alguns dias ao teu lado. Presenciei o terror de sua alma

e, pode ter certeza, seu segredo está comigo. Eu ajudarei você no que puder e lhe ensinarei tudo que sei para que você consiga superar todo o mal que lhe fizeram. Conte com a minha discrição e saiba que estarei lhe apoiando no que precisar. Só lhe peço uma coisa: cuidado, a alma amargurada se perde em caminhos sem volta. E estes caminhos são muito árduos.

Sentindo-me confortável perto daquela senhora, consenti com a cabeça, sem nem mesmo pronunciar palavra, fazendo com que ela entendesse que eu precisava ficar sozinha.

Permaneci deitada, pois ainda estava me sentindo muito fraca. Mas a minha mente não parava. Um turbilhão de pensamentos inundava a minha cabeça, flashes de momentos vividos, desde a descoberta dos meus pais até aquele instante, em que me encontrava num acampamento sem nem bem saber como havia chegado até ali.

Sentia-me febril. A tristeza em meu peito havia me adoecido. Foram tantas as decepções que não saberia enumerar a pior. Imagens de amor, ódio, desprezo e desespero se misturavam, e quanto mais elas se repetiam, mais eu me encolhia. Desejava a todo instante acordar daquele pesadelo. Desejava que aquilo não existisse. O nevoeiro de pensamentos junto com o meu estado febril fez com que eu adormecesse e tivesse um sono agitado. Em sonho, via novamente Manolo a me pedir socorro e a me dizer: "Saia daí, Ana, cuidado! Você corre perigo"!

Eu me debatia na cama e suava frio. A febre aumentara novamente e aos poucos quando eu abria os olhos, visualizava a senhora Andaluz a cuidar de mim.

Passado algum tempo, acabei me recuperando novamente e sempre que -Andaluz podia, ia me visitar, levando-me comida. Num desses dias, Andaluz estava em pé à minha frente, quando a cabana abriu-se repentinamente. De pé, estava um homem de meia-idade, barbas grisalhas, com um aspecto de bem descuidado.

– Saia, Andaluz. Quero falar com a senhorita – disse ele, um tanto ríspido.

Andaluz retirou-se sem esboçar palavra alguma e de imediato constatei que seria o tal líder, de quem ela já havia me dito.

– Então, Carmem. Aguardo há dias para ter uma conversa com você. Caso não saiba, os meus a acharam estirada em seu cavalo, você estava sangrando. Socorreram-na e a trouxeram para cá.

– Sim, já me contaram, senhor...

– Arthur, meu nome é Arthur. Bom, o que eu quero deixar claro a você é que todos do grupo contribuem para o andamento e funcionamento do nosso clã. Como a senhorita chegou aqui desprovida de nada, recolhemos o seu cavalo como paga, até que possa contribuir com trabalho para seu sustento. Vejo que a senhorita é bela e pode contribuir de diversas formas para nosso grupo. Ainda mais se eu lhe disser que um homem de garbo e elegância passou por mim há alguns dias à procura de uma Ana, descrevendo perfeitamente a sua aparência, senhora Carmem...Ana – disse ele, rindo cinicamente e me olhando dos pés a cabeça.

Bateu-me um desespero e muito medo de que Carlos não tivesse desistido de me procurar e que pudesse me encontrar. Provavelmente ele havia contribuído para que eu ficasse sem a casa de campo e os meus pertences, com a intenção de me manipular. Ana estava morta e eu seria capaz de qualquer coisa para apagar aquela lembrança.

Aquele homem na minha frente, da forma com que me olhava, me dava nojo.

Lembrei-me de que estava numa situação de penúria, sem ter o que comer, o que vestir e onde morar. Compreendi naquele momento o que deviam sentir as moças que se ofereciam nos cabarés de Madri.

Andaluz me ajudava em minha recuperação, e fui conseguindo aos poucos sair da cabana. Caminhando pelo acampamento, fui aos poucos conhecendo as pessoas.

Aquele lugar não se parecia em nada com o acampamento do clã de Manolo. Ali todos bebiam muito e a presença deles não era leve, fazendo com que eu não suportasse o menor contato. Aos poucos, fui aprendendo muita coisa com Andaluz. Ela me ensinava sobre as ervas, seu uso para curas e tudo o que uma cigana sabia fazer.

6
Carmem, a cigana

PASSEI ALGUM TEMPO mais com aquele povo, quando pude aprimorar meus úteis conhecimentos. No lugar da menina sonhadora e ingênua, a cada dia crescia mais em mim a frieza e a esperteza. Arthur se comprazia em ver como eu estava crescendo e, principalmente, como eu poderia lhe dar lucro. A caravana seguia e, durante as viagens, eu passava a maior parte do tempo com Andaluz, aprendendo mais e mais sobre a cultura cigana. Era a melhor parte do dia e eu estava deslumbrada. Os ciganos possuíam um conhecimento espiritual que me encantava.

Segui viagem de cidade em cidade, usando os dons da dança, como se eu fizesse parte daquele povo.

Muito longe de ter consciência do compromisso que eu adquiria comigo mesma, aceitei a proposta de Arthur, que passou a me oferecer como prêmio para quem pagasse mais para ficar comigo. Uma boa parte do pagamento era minha. Só assim, pensava, conseguiria reunir o dinheiro suficiente para chegar a Paris. Que demorasse! Eu não me importava. Estava disposta a esperar até me sentir pronta para a minha vingança. De lá, eles seguiriam viagem e eu permaneceria para alcançar o meu intento.

Sem me dar conta de que aos poucos ia me entregando, deixando a todos enlouquecidos. Depois, os deixava como objetos descartáveis, abandonando-os como Manolo havia feito comigo.

Não percebia que, em vez de me vingar, passei a ter dentro de mim uma completa desarmonia. Um misto de nojo e desamor!

Por várias vezes me pegava pensando em Manolo, remoendo o que ele me havia feito. Os sonhos com ele ensanguentado foram diminuindo. Via, de quando em vez, Manolo me perguntando: "Ana, no que você se tornou? Não faça isso"!

Eu ignorava aqueles pensamentos, mesmo porque ele fora embora, deixando-me, e Ana definitivamente estava morta.

Queria que todos pensassem assim. Com a minha educação esmerada e meu fino tato, seria fácil me aninhar em Paris. Eu já possuía uma boa quantia de dinheiro e lá permaneceria usando meus dotes para chegar onde queria. A amargura e a dor que eu sentia foram me tornando cada vez mais endurecida e mais forte.

No início, em meus sonhos, ainda surgia aquela linda mulher a me recomendar que eu perdoasse e que seguisse a vida em frente, mas com o passar do tempo, os sonhos com ela foram se distanciando, passando a ser bem mais agitados e luxuriosos. Em minha frieza, me comprazia tanto em sonho quanto no dia a dia, ao perceber o tanto que os homens eram manipuláveis.

Como era fácil tomar dinheiro deles e deixá-los enlouquecidos!

Com o tempo, angariava riquezas e prestígio na Espanha. Comecei a ficar famosa nas cidades, chegando a ser convidada para dançar nos cabarés, o que era o único momento de júbilo em minha vida. O momento em que não existia Ana ou Carmem e sim, uma pessoa só. O palco para mim era tudo o quanto eu mais amava e com o tempo fui apelidada de "Carmem de Sevilha", a cigana que dominava com a dança.

Já não permanecia nas cabanas, enquanto estava nas cidades, mas em grandes estadas luxuosas. Era desejada pelos mais ricos e mais poderosos. Até o dia em que me apresentaria em Madri.

Em Madri, minha preocupação em ser reconhecida me enchia de cuidados. Usava, então, uma máscara, que me dava um ar de mistério, ao mesmo tempo que evitava alguém me encontrar. Na primeira noite, me apresentaria no cabaré mais famoso de da cidade e ele seria o passaporte para eu chegar a Paris, a cidade com que eu sonhava, onde em meu imaginário tudo era possível se realizar. Os planos de Arthur era passarmos pela Europa inteira.

No dia da apresentação, Carlos, que amargas lembranças me trazia, por ter sido ele o início de toda a minha desdita, procurou por Arthur, com a intenção de conhecer a famosa Carmem e com isso avançar o sinal de conseguir a dama da vez, antes que qualquer um a visse. Mas, se Carlos soubesse quem eu era, tudo estaria perdido. Arthur sabia desta minha condição. Apesar de todo desprezo que eu sentia por ele, meu desejo incontrolável de vingança se sobrepunha a toda repulsa sentida.

Os dias em Madri seguiram com Carlos, capaz de pagar o preço que fosse para ficar comigo. Em meu desequilíbrio, o que mais eu desejava era vê-lo louco e sem dinheiro.

Os sonhos com Manolo foram perdendo sua força em minha vida. Havia chegado o momento de acabar com Carlos, desprezando-o e deixando-o morrer de desespero. Envolvido demais com bebida, ele já se perdia entre o dia e a noite. Foi quando dei por fim nossos encontros através de Arthur.

Antes de irmos embora, seguindo viagem, só faltava resolver uma questão. Paloma. Andaluz me ensinou muitas coisas com manipulações e eu resolvi fazer uma surpresa para ela. Contratei uma serva e pedi que levasse uma cesta de comidas e quitutes em nome de Carlos para Paloma. Eu queria que ela ficasse louca e pagasse por tudo que me fizera. Ela iria pagar. E caro. Com essas manipulações é que eu também entorpecia Carlos, que quando estava comigo, mesmo sem me ver por detrás da máscara, delirando, chamava-me por meu nome.

A minha estada em Madri foi regada a muito sucesso e solidão. Gostava de ficar a maior parte do tempo sozinha e a única presença que me fazia bem era a de Andaluz. Eu nunca caminhava pela cidade durante o dia, mas fugia muitas madrugadas após largar Carlos entorpecido com bebidas. Caminhava pela cidade sozinha, vestindo uma capa preta que não definisse a silhueta e, ainda por baixo, uma roupa masculina ajudava-me melhor no disfarce. Passava pela porta da minha casa, chorava silenciosamente, lembrando do amor desmedido de minha mãe e do quanto eu os amava. Sentia falta dos sorrisos na mesa de jantar. Nos amávamos naquela época. As lágrimas teimavam em descer e as lembranças ardiam em meu peito. Como eu amava a minha família e como eu sofria ainda com a mágoa! Me perguntava por que eu passara por tudo aquilo... A essas alturas, para eles, eu devia estar morta. Morta e enterrada. E isso fazia-me lembrar quem eu era agora. Uma mulher fria, amargurada, mas de sucesso. Sim eu era. Fazia sucesso na dança e tinha todos os homens aos meus pés. O luxo não me enfeitiçava, o sucesso não me enfeitiçava,

mas o palco, sim. Meu coração pulsava mais alto e fazia-me sentir viva!

Antes de partir tive notícias de que Carlos estava em frangalhos e Paloma, totalmente transtornada. Partiria dali com todos os meus desejos realizados, apesar de ainda ter a sensação de vazio e de que eu não fizera metade do que fizeram comigo.

No dia de partirmos, houve um alvoroço de Carlos tentando falar comigo. Ele estava bêbado e maltrapilho. Eu me comprazia com isso. Como um louco, ele saiu correndo atrás da caravana, que partia. Eu olhava a cena discretamente para que não fosse reconhecida por ninguém. E enceguecida pela frieza e pela necessidade de fazer justiça, percebendo que já faltava fôlego para ele nos alcançar, retirei do rosto todo o disfarce, mostrei a minha face para ele, que estancou paralisado. Eu ria maliciosamente enquanto ele gritava: "Eu sabia! Era você o tempo todo! Você me paga! Me paga"!

Estampando o desequilíbrio que há muito eu carregava dentro de mim, alimentado pelo ódio, pela volúpia, ri com gosto, ao ver na revolta de Carlos a minha vingança concretizada, e saí daquela cidade de cabeça erguida.

Seguiríamos em viagem por toda a Europa e, depois, iríamos para Paris! E lá eu selaria o meu sucesso. Por onde passava, deixava um rastro de pessoas inebriadas com as minhas apresentações. Eu já havia deixado há muito de ser uma simples dançarina de cabaré. Sentia-me preparada para me apresentar na cidade onde tudo acontecia.

Fomos passando pelas cidades, conhecendo novos lugares, novos costumes, e tudo isso me deixava fascinada. Dinheiro já não era problema. Acabei me afeiçoando a Arthur e Andaluz. Éramos cúmplices. Eu cuidava deles e eles cuidavam de mim.

Com seu olhar malicioso, Arthur enxergava longe, a verdadeira face das pessoas. Sabia descrever cada um e também reconhecer de quem tirar sempre mais dinheiro. Eu já não precisava mais me prostituir para conseguir dinheiro, mas me tornara uma mulher muito poderosa e, se alguma outra atravessasse meu caminho, eu sumia com ela.

Sabia muitos bem os segredos que o povo cigano guardava, e principalmente como usá-los, manipulando pessoas. Fazia o que queria com os homens.

Usei de todo aprendizado que tive para conseguir o que queria, principalmente acabar com Paloma e Carlos. Eu sabia que eles estavam juntos e tinham envolvimento no incêndio da casa de campo e os fiz pagar cada centavo pelo meu sofrimento. E ainda achei pouco. Eles ainda desfrutavam do convívio junto à família e receberiam seus cuidados. Eu, nem isso! Só, me comprazia cada vez mais em ser desejada e idolatrada, satisfazendo meu ego, pois minha 'alma' estava morta. Ela apenas ressurgia nos palcos, no momento em que eu estava dançando. Este era o único momento em que eu ia ao encontro de mim mesma. Cada dia mais egoísta e mais individualista, eu não podia ver uma mulher ameaçar o meu caminho, o meu sucesso, que tratava de colocá-la incapaz de dançar ou fazer qualquer outra coisa. Sentiam-se sugadas, doentes. E assim, não existiam melhores dançarinas e sim, a melhor.

Foram seis dançarinas que atravessaram o meu caminho: Joanna, Rita, Carla, Maria, Olivia e Luna. Aproximava-me delas fingindo amizade. Dava presentes, criava dependência afetiva e, assim, tinha melhores condições de manipular suas vidas. E sempre dava certo. A maioria bebia muito, além do limite, caindo em profunda melancolia, desânimo e tristeza. Assim, eu conseguia brilhar mais e mais, não existindo nenhuma dançarina mais bela ou melhor do que eu.

Mas todo o sucesso nos palcos, todos os inúmeros envolvimentos que eu tive, nada era capaz de

me fazer esquecer Manolo. A saudade doía em meu peito a ponto de sufocar. As lágrimas corriam sobre meu rosto sem que eu pudesse contê-las.

Certo dia, Andaluz não se conteve e me disse: "Você acha que não sei da tua história, minha filha, mas eu sei. Aliás, sei muito mais do que se possa imaginar. Você tem tudo o que quer, mas poderia ter tido sem fazer a metade das coisas que fez. E lhe digo mais! Existem coisas ocultas em sua vida que ainda serão reveladas. Você verá a verdadeira face das coisas e, eu, já não estarei aqui com você. Sinto que meu tempo está acabando e quero lhe pedir que não odeie tanto, que não seja tão dura. Peço-lhe que seja consciente de seus atos, Carmem. E quero que saiba também que me fez muito feliz. Reconheço seu afeto e seu cuidado. Você mudou a minha vida e, mesmo na espiritualidade, estarei lutando em seu favor, testemunhando para que você encontre a luz ao partir. Ensinei-lhe muita coisa. Muito do que hoje você sabe, o bom e o mau, mas vejo que você se esqueceu do bom."

– Hoje você está inspirada, Andaluz! Não diga bobagem! Eu estarei aqui ao seu lado e ficaremos juntas por muito tempo.

– Prometa-me uma coisa, filha. Prometa-me que vai parar de manipular as pessoas e que quando descobrir a verdade e libertar seu coração, usará do perdão e fará somente o bem. Quero que me prometa isso!

– Se isso lhe faz mais calma, minha velha amada, prometo! Realmente tenho por você um afeto de filha para com uma mãe, e nunca me esquecerei do que já fez por mim e de toda fidelidade!

7
Sucesso e dinheiro

Os anos foram passando e Andaluz já não estava muito bem de saúde. Seguíamos viagem por toda a Europa, passando por diversos países. Coincidentemente, ela morreu em Sevilha, após nosso retorno à Espanha antes de partirmos para Paris. Eu já estava com 35 anos e sofri muito com sua partida. Lembrei-me de suas palavras e, desde seu pedido, nunca mais agi para prejudicar mais ninguém.

Andaluz se foi dormindo. Senti sua demora por levantar-se e fui ao seu encontro. Entrava sempre em seu quarto, fazendo muita festa. Cantarolava as músicas que ela mais gostava e desde quando adoeceu, eu fazia questão de levar seu café da manhã. Ela sorria e seu rosto se iluminava sempre com a minha chegada. Eu era a famosa Carmem de Sevilha em toda a Europa e com ela me tornava mais Ana.

Andaluz era minha menina querida e a amava de todo o coração. Mesmo com toda riqueza e todo luxo, gostava da simplicidade de sua companhia. Chorei muito ao vê-la dormindo profundamente e constatando sua morte. Prefiro pensar que dormia.

Eu me afeiçoei muito a Andaluz e, com seus ensinamentos, passei a acreditar em vida após a morte e reencarnação. Ela me explicava que para evoluirmos o espírito de tempo em tempo renascia em outro corpo, vivendo outras vidas para seu aprendizado. Que as reencarnações eram oportunidades que deveríamos agarrar fortemente e dar o melhor de nós. Depois de sua partida, repensei muitas de minhas atitudes. Comecei a sentir culpa por meus atos e por ter me tornado tão amarga.

A caravana tornou-se luxuosa. Eu adquiri muita riqueza e poderia, no momento que eu quisesse, parar com aquela vida. Mas gostava de viajar, conhecer lugares, pessoas e me apresentar em diversos diferentes. E ainda havia Paris. E eu estava indo ao encontro dela, com a realização do meu sonho. Paris...

O meu sucesso era tanto que eu já não precisava fazer força para tirar ninguém do meu caminho, nem me destacar entre as outras. A cada dia eu me sentia dançando melhor e melhor. Arthur já estava velho, mas fazia questão de me acompanhar. Deixou de ser aquele homem duro e lascivo, tornando-se quase um pai protetor. De alguma forma, mesmo errada que fosse, a vida havia me dado uma família.

Comecei a me sentir mais limpa e algo de bom estava brotando dentro de mim, a ponto de querer estar mais perto dos outros ciganos que nos acompanhavam. Comecei a me interessar mais por eles e conhecê-los melhor. A partir daí, a generosidade foi aos poucos brotando mais em mim.

Ah, Andaluz! Quanta falta você me fez... Com certeza havia encontrado a luz e estava no plano espiritual contando nossas histórias.

Muitas noites eu e Arthur falávamos sobre ela e nossas histórias, rodeados pelos nossos companheiros de estrada. A fogueira estalando, o céu brilhando e nós ríamos e chorávamos juntos. Todos adoravam ouvi-las.

Começamos a ter uma vida mais leve, mais humana e às vezes eu sentia que parte do meu amargor havia ido embora. Apenas as lembranças de saudade doíam, mas com a minha mudança, aos poucos elas estavam estancando.

Arthur tornou-se pai de todos e quando via alguma necessidade de alguém, dizia: "filha, precisamos resolver isso". E assim, eu resolvia a parte das finanças e as conversas, se fosse necessário. As viagens seguiam harmoniosamente, vivíamos todos bem. Eu não abria mão de estar com eles e de ajudá-los. Eram minha família.

Quase não gosto de citar o inverno, porque nele minha vida ficou para sempre marcada. Nem todas as coisas erradas que eu fiz se comparam à dor que eu senti. O inverno me trazia lembranças muito dolorosas e eu sempre chorava nessa época. Andaluz me acolhia sempre, mas depois da sua partida, ficava recolhida em meu silêncio. Arthur não sabia lidar com isso. Respeitava e isso já estava de bom tamanho. Lembrava-me de perder Manolo, de sair do sonho ao pesadelo, de perder nosso filho. Isso me doía demais. Doía na alma. Eu sentia que estava sendo queimada viva. Era como se o ardor fosse subindo pelo meu corpo aumentasse e queimasse por dentro.

O inverno chegou e estávamos em Málaga. Arthur já estava em idade avançada e acabou adoecendo com o frio. Fui em busca do melhor médico da cidade. Andando pela praça, na qual já havia passado algumas vezes, deparei-me com um grupo de ciganos saindo de uma venda.

Foi quando ouvi:

– Ana? Ana, é você? Ana, sou eu, Zu! Onde está Manolo?

Meu coração, que estava em frangalhos, veio à boca. Fiquei sem reação ao vê-la e mais paralisada quando Zu me abraçou fazendo festa.

– Ana! Minha querida! Como você está bela! Que bom ver você! Onde está Manolo, me diga?

Friamente me afastei de Zu e disse:

– Senhora, me desculpe, mas não sei de quem fala. Meu nome é Carmem, não conheço essa Ana e muito menos Manolo.

– Venha cá, disse Zu, puxando-me pelo braço. Ana, o que houve? Eu sei que é você, jamais confundiria seu olhar com qualquer outra pessoa. Tenho tido visões pavorosas. Me diga o que houve?

– Eu não posso dizer agora. Mas a única coisa que posso lhe dizer é que Ana está morta e enterrada desde o dia em que Manolo a abandonou, grávida. Disse com os olhos triscando de mágoa e revolta.

– Não, jamais! Este não é nosso Manolo; ele jamais faria isso! Existe algo de errado, isso não. Aconteceu alguma coisa – disse Zu aterrorizada.

– Zu, preciso ir, caso de urgência. Prazer em revê-la – disse friamente, enquanto meu mundo interno desabava.

– Ana, minha filha, não faça assim, nós lhe amamos tanto!

As lágrimas teimavam em descer pelo meu rosto, enquanto eu firmava minha postura. Já não conseguia mais disfarçar a tristeza, no momento em que Zu me abraçava.

– Vamos fazer assim, você vai resolver seu problema urgente e volte a me procurar. Temos muito que conversar. Procure-me.

Consenti com a cabeça e saí olhando para trás, como uma criança que não quer perder os pais de vista, enquanto Zu batia palmas de alegria, por me ver, sorrindo e louvando a Deus por isso.

Corri para encontrar um médico e atender com urgência Arthur. Voltamos rapidamente para o acampamento. Arthur estava acamado e muito debilitado. Ao término da consulta, o médico veio me ver e dar o prognóstico.

– Senhora, sinto muito em dizer, mas seu pai está com tuberculose. O estado é grave e dou poucos dias de vida a ele. Esta doença está mais comum ultimamente e não sei quantos dias de vida terá. Infelizmente não serão muitos. Minha cabeça começou a girar. Senti tontura quase instantânea. Sentei-me rapidamente em uma poltrona. O médico, que estava em pé, correu para pegar água, prestando o seu socorro e, quando eu estava melhor, ele se foi, deixando-me só. Por quanto tempo fiquei ali, não sei. Em minha mente vinham apenas as palavras: 'seu pai' 'tuberculose'... Realmente Arthur era meu pai e tuberculose, uma doença muito triste e que não tinha cura! Atendi a todas as exigências médicas. Desdobrei-me em esforços, chegando a virar noites em claro, mas em vão... Em cinco dias, Arthur veio a falecer. Em sua despedida, um enterro lindo, com direito a choros de guitarra e voz.

Convidei Zu para vir ao meu acampamento. Ela e os seus participaram do enterro. O pai de Manolo já não vivia e quem havia assumido o clã era Zano. Foi a primeira vez que o vi quieto e centrado.

Depois de alguns dias, fui ter com Zu em seu acampamento. Percebi que eles já não possuíam aquele cuidado e zelo com as coisas e senti um ar de pobreza e falta de abundância. Zu, tentando disfarçar os meus olhares a percorrer todo o acampamento, começou me encher de perguntas para poder entender o sumiço de Manolo.

– Falaremos disso mais adiante. Agora me diga, Zu, como está a situação financeira do clã? – perguntei diretamente.

– Minha filha, nota-se que os tempos hoje estão mais difíceis e que nós não temos a mesma abundância do passado. As coisas pioraram muito. Zano é muito sonhador, mas não tem a visão do coletivo. Estamos à míngua. Aquele dia em que nos encontramos, estávamos como pedintes naquela venda, e aquele admirável senhor nos ajudou. Mas... – deu uma pausa enquanto as lágrimas corriam por seu rosto. – Mas em poucos dias, tudo acaba e voltaremos a pedir novamente.

– Zu, eu quero ajudar, vou ajudá-los! Tenho muitas posses e dinheiro não é o problema. Sinceramente, tenho pedidos a fazer. Já estou chegando aos quarenta anos e vejo que é hora de parar. Quero fechar com chave de ouro em Paris, e por lá ficar. Farei algumas apresentações e morarei ali. Os pedidos que tenho a fazer é que venham conosco. Nosso grupo é pequeno e posso aumentar a caravana. Sei que são ciganos e não possuem parada fixa e aí que vem meu segundo pedido. Quero que incorporem e abracem o meu grupo como seu e continuem viagem sem mim. Façam shows, apresentações e usem meu nome, se quiserem. Não lhe faltarão recursos. Eu quero muito que você comande o dinheiro e apoie Zano. Os olhos marejados de Zu se surpreendiam a cada palavra minha e ela passou a gritar de alegria. Abraçando-me repetidas vezes, me olhou nos olhos, dizendo:

"Deus te bendiga, minha filha. Vejo muita dor, muita mágoa aí dentro, mas quero que saiba de

uma única coisa: Manolo jamais a abandonaria e, se partisse, teria vindo até nós. Algo de muito ruim e grave aconteceu. Ele é como um filho, e eu sinto isso! Perdoe-me, filha, ele nunca a deixou!"

Um choro compulsivo tomou conta do meu ser, como se alguém tivesse aberto a porta do dia em que li aquele bilhete dizendo que não aguentava mais. Só sabia chorar e não conseguia falar nada. Tanto tempo se passou e havia enterrado tão profundamente aquela história que palavras não me saíam.

Ficamos abraçadas por longo tempo e Zu entendeu que eu preferia ficar em silêncio. Eu já não sabia mais o que pensar e me lembrei do rostinho de Andaluz, dizendo-me que as coisas estariam claras. Mas a meu ver, ainda existiam dúvidas, muitas delas.

Conversamos com Zano e seu clã. Todos concordaram com as minhas solicitações e ficaram felizes. Naquele dia houve festa, dança e muita música. E eu, muito diferente do passado, estava agora ali sentada, olhando a fogueira. Pela primeira vez, depois de muito tempo, lembrei-me de nossas danças, do quanto eu fui feliz nos braços de Manolo. Realmente eu consegui tudo que queria, só não consegui encontrá-lo novamente e muito menos esquecê-lo. Por fim, lembrei-me da nossa primeira dança, quando Zano começou a tocar a nossa música, dizendo:

– Essa é para você, minha amiga, e para meu irmão, onde quer que ele esteja!

Não pude conter as lágrimas que, caindo pelo meu rosto, faziam com que eu, de certa forma, resgatasse a minha alma naquele momento. Ali estavam não mais uma Ana e uma Carmem, mas um único ser, carregado de experiências boas e ruins, mas disposto a traçar um novo rumo. Já não me importava com a vingança, já não me importava com mais nada. Eu só queria seguir em paz com a soma dos meus sentimentos. Nada mais doía em mim do que a falta que Manolo me fazia.

Na manhã seguinte, começamos os preparativos para juntar as caravanas e podermos seguir rumo a Paris. Zano, alegremente, me ajudou com todos os preparativos e deixei que ele e Zu escolhessem tudo ao gosto deles.

Por toda Europa eu era famosa, e a cidade já estava em polvorosa para receber Carmem de Sevilha. Havia me preparado muitos anos para isso. Estava ansiosa por este dia. Resolvemos fazer uma surpresa na cidade antes disso. Ao chegarmos com a luxuosa caravana, fizemos um círculo em praça pública. Músicas lindas eram tocadas, enquanto as ciganas mostravam os adereços artesanais feitos por elas, pondo-os à venda. Não demorou que eu aparecesse, dançando e acenando para todos. Quem visse, jamais imaginaria que eu não fosse originalmente uma cigana. Ficavam todos maravilhados com a minha desenvoltura descalça e no tablado.

Após a minha pequena dança, me recolhi novamente, deixando todos no embalo do festejo. Foi uma tarde linda em Paris. Chegamos para brilhar, levar música, arte e alegria para aquele povo.

Estava ansiosa para a apresentação que seria no dia seguinte. Era a alta sociedade de Paris que ditava a moda para toda a Europa. E eu queria permanecer ali o resto dos meus dias e fechar com chave de ouro a minha carreira como dançarina.

A primeira apresentação foi um sucesso, aplausos e mais aplausos de pé. Eu falava muito bem o francês, graças à educação que recebi. Vestia-me, alimentava-me e andava com muito esmero e nunca deixei a desejar ante à fina sociedade parisiense.

Foram meses me apresentando ininterruptamente, até chegar o momento de decidir ficar ou seguir com meu grupo. Eu já me considerava um deles, mas algo em mim me pedia para parar. Estavam todos aflitos com a epidemia de tuberculose instalada na Europa e o clã decidiu ir para

bem longe. Pensei em meus pais, meus irmãos. Eu não tinha como ajudá-los, a não ser rogar a Deus por eles, se era que Deus ainda me ouvia.

Decidi, por fim, ficar em Paris e, caso necessitasse, faria a viagem sozinha. Zu cogitou ficar comigo, mas não permiti de forma alguma um espírito tão livre estacionar por minha causa.

Despedimo-nos amorosamente. Foi uma linda festa. Choramos e rimos muito. Talvez aquela fosse a última vez que nos encontraríamos. O clã decidiu ir para Roma e sabe-se lá para onde mais. Deixei-os bem abastecidos com ouro e joias para que nada faltasse. Eles sabiam que comigo poderiam sempre contar. Partiriam na manhã seguinte.

Resolvi passear pela cidade de Paris no final da tarde. Caminhava tranquilamente pelas ruas, quando fui forçadamente puxada para dentro de um beco escuro.

– Você? Deparei-me com Carlos transfigurado.

– Desgraçada... Achou que eu não viria atrás de você? – disse-me apertando meus braços, puxando-me contra o peito, tentando alcançar o meu pescoço.

Assustada com o ataque inesperado, defendendo-me, eu logo o reconheci.

– O que é isso? Me deixe. Eu sempre tive nojo de você, Carlos. Jurei que me pagaria cada centavo do mal que me fez e que eu não vou esquecer nunca.

Colérico, Carlos sacou o punhal que carregava na cintura e, deslizando sobre meu peito, dizia:

– Eu vou acabar com a sua vida hoje! Mas primeiro...

– Nem pense nisso – eu gritava, quando percebi que Carlos tentava se jogar em cima de mim.

– Você não tem saída. E terá o mesmo fim que seu querido Manolo, com o mesmo punhal.

Então era isso! Essa era a revelação que Andaluz falava! Ele nunca me abandonou! Ele havia sido morto por aquele verme! Se eu morresse ali agora, morreria feliz, pois sabia que meu amado sempre foi meu! Ah, Manolo! Ah, meu amor!

Meu sentimento oscilava entre a alegria e o desespero naquele momento, enquanto eu me debatia nos braços de Carlos. Ele esbofeteou meu rosto, por fim, fazendo minha cabeça girar e eu quase perder os sentidos. Totalmente descontrolado, Carlos dizia frases desconexas:

– Vem, vem lembrar dos velhos tempos – e passava o punhal pelo meu corpo, fazendo rasgar minha roupa, enquanto os arranhões da ponta da faca faziam o sangue começar a escorrer.

Eu chorei de desespero e pensei em Deus. Se ele existisse, que me tirasse dali. Enquanto eu pedia, as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Foi quando olhei para trás e vi uma sombra. Reconheci Zano, sinalizando-me com a cabeça.

– Eu sabia! Eu sabia que você seria minha! – Carlos gritou antes de se jogar num bote final sobre mim.

Nesse instante Zano surgiu no clarão, sem que ele percebesse, e enfiou o punhal em suas costas. Com a expressão de traído, fixando o seu olhar em mim, esboçou as últimas palavras:

– Eu vou me vingar! – caindo por fim naquele corredor fétido e escuro.

Abracei Zano chorando copiosamente e ele, prestativo, me ajudava a recompor os meus trajes.

– Vamos, minha amiga, eu cuido de você. Sabíamos que este segredo seria só nosso e que, no fundo, estávamos de alma lavada, por termos vingado a morte de Manolo. Voltamos em silêncio, imersos em nossos pensamentos. Eu estava aterrorizada pelo que acabara de acontecer e carregada de culpa, por ter julgado Manolo e, a partir disso, feito tanta coisa errada. Zu cuidou das minhas feridas, silenciosamente, e me pôs a dormir cantarolando um lamento cigano. Adormeci vencida pelo choque e pelo cansaço, com o rosto e cabelos molhados de tanto chorar.

No dia seguinte, fizemos um enterro simbólico em nome de Manolo, em memória de sua alma. Os irmãos atrasaram a sua partida, esperando que eu melhorasse e na esperança de que eu os seguisse.

– Amiga, tem certeza de que vai ficar em Paris? Poderia vir conosco! Somos uma família – disse Zano, me abraçando afetuosamente.

– Tenho, Zano, tenho sim. Sinto que é hora de parar. Preciso pensar em tudo, estou atordoada com muitas coisas. Talvez faça algum passeio ou uma viagem, ainda não sei, mas estou decidida que está na hora de enterrar Carmem e virar uma lenda, somente.

– Entendo, minha irmã. Sentiremos muito a sua falta! – disse sorrindo e me abraçando novamente. Por mais que me sentisse só, eu tinha uma família, uma família de verdade. Daquelas que se escolhe viver perto. Mas eu sentia necessidade de ficar só e fazer um novo fim.

Após a minha melhora, a caravana se despediu, deixando lágrimas e saudades. Tinha muitas lembranças e podia afirmar com certeza: Os melhores momentos da minha vida havia passado ao lado deles. Fui muito feliz e estava pronta para rever a minha vida e tentar cumprir as promessas que havia feito a Andaluz. Queria fazer algo memorável. Sei que feliz não seria novamente, mas poderia ter paz na alma e esperar o dia em que fosse chamada por Deus.

8
Um estranho em Veneza

DECIDI LARGAR O alvoroço de Paris e passar uma temporada em Veneza. Dei uma pausa nas apresentações e até cogitei parar de vez. Afinal, já estava com quarenta anos e já tinha vivido toda a minha juventude badalando e vivendo intensamente da luxúria e do glamour. Queria viver algo diferente, agora. Só não sabia o quê e como, mas alguma coisa viria até mim. Eu sentia.

A temporada em Veneza foi muito boa. Caminhava pelas ruas tranquilamente, sem o pavor que sentia em Paris. Foi em Veneza e na tranquilidade daqueles campos que consegui refletir muito sobre os últimos acontecimentos. Decidi me reaproximar de Deus de alguma forma e pedir perdão por ter julgado aquele que eu mais amei. Ainda sentia muita dor, culpa, remorso pelas coisas que fiz ao longo da vida por vingança e ambição. Afinal, consegui perdoar Manolo, mas não consegui me perdoar. Essa era a verdade. Sentia-me terminantemente culpada e precisava fazer algo para me redimir. Andaluz dizia que quando se pratica muita crueldade, devemos usar a força contrária, no caso a da caridade, para anular todo mal. Era isto que eu iria fazer, só não sabia como.

– Carmem? Me chama educadamente um homem, enquanto eu me sentava em uma mesa instalada no passeio de uma tenda para almoçar.

– Sim, Carmem, e o senhor? – induzi aquele interessante homem de 45 anos aproximadamente a me dizer seu nome.

– Muito prazer, meu nome é Jean Pierre. Chame-me de Jean. Vi uma apresentação sua em Paris, simplesmente fantástica. Posso? – aponta a cadeira ao lado e pede permissão para sentar-se.

Senti simpatia por aquele homem, ao mesmo tempo que um receio me bateu, julgando que ele poderia estar se aproximando apenas com o intuito de conseguir alguma aventura. Para não ser desagradável, consenti com a cabeça e, caso ele faltasse com o decoro, eu iria embora.

Bem, estou em viagem de negócios em Veneza. Vim sozinho e, quando te vi, pensei: "Por que não sentar, almoçar e conversar um pouco antes do trabalho"? – disse sorrindo.

Aquela gentileza quebrou um pouco do gelo que eu estava sentindo por dentro, e decidi: "Por que não conhecer novas pessoas"? Eu estava tão fechada em meu mundo por tanto tempo e até estranhei alguém de fora querer conversar e ter uma tarde agradável. Aliás, as últimas tardes agradáveis que tive, de verdade, foram com Manolo. Depois disso, eu andava sempre na defensiva.

– Sim, claro. Almoça comigo, Jean? – Jean sorriu, consentindo, e então começamos a conversar. Ele me disse que pesquisava as plantas e buscava a cura através da ciência. Sabia que eu vivia com povos ciganos e isso chamou seu interesse, pois sabia que os ciganos tinham um

conhecimento profundo com as ervas. Confirmei o que dizia e começamos a trocar nossos conceitos. Passamos uma pequena parte da tarde agradabilíssima, depois que almoçamos. Gentilmente, ele se despediu de mim, dizendo onde estava hospedado, seu contato em Paris e pediu para que eu o procurasse, caso tivesse interesse em participar desses estudos.

Fiquei muito contente com o convite e, quando ele se foi, me perguntei: "Usar os meus conhecimentos com ervas para cura? Por que não"?

Ainda fiquei algum tempo sentada à mesa admirando a paisagem e segurando o papel. Nunca tive uma conversa tão interessante com um estranho. Ele havia buscado conhecimento e não aventuras. Simpatizei com aquele homem. Poderíamos nos tornar amigos. Jean era o típico francês. Alto, magro, nariz fino e cabelos amarrados para trás. Ele era moreno, de pele clara e os cabelos castanhos, levemente grisalhos, e de uma gentileza impecável.

A viagem transcorreu tranquila. Aproveitei muito para refletir sobre minhas questões interiores e decidi voltar para Paris e procurar Jean Pierre. Senti uma intensa vontade de trabalhar pela cura. A época era difícil, muitas doenças novas, inclusive a tuberculose que matou meu querido Arthur. Quem sabe não seria este o meu caminho? Engajar-me em alguma causa humanitária! Seria isso o que Andaluz anteviu? Será por isso que ela me ensinava com tanta intensidade e sem receio de me revelar segredos na cultura dos ciganos? Essas eram as questões que pairavam sobre meu espírito inquieto.

Por fim, de qualquer maneira, eu iria atrás de Jean e descobriria se seria essa a minha missão.

Voltando a Paris, alojei-me em uma pequena mansão onde fixaria residência. Tomei as devidas precauções quanto a empregados e mantimentos. O tempo que havia estado em Paris foi bom para que eu não tivesse dificuldade nenhuma de me alojar. Na semana seguinte iria procurar por Jean Pierre para conhecer a pesquisa a que ele se referia. No papel que ele havia me dado, havia os horários e onde encontrá-lo. Achei que não seria de bom tom ir até sua residência e preferi ir diretamente ao centro de pesquisa. E assim o fiz.

Acordei bem cedo e animada. Vesti-me com esmero e simplicidade. Chegando ao centro de pesquisa, deparei-me com um casarão e anexado a este lugar estava o centro de pesquisa coordenado por Jean. Havia muitas pessoas simples no local. De imediato, percebi que deveria ser uma casa que acolhia gratuitamente necessitados. Senti-me bem-disposta e fui ao seu encontro.

– Carmem! Que bom que veio. Fico imensamente grato por ter aceito meu convite! Venha, vou lhe mostrar. Aqui nesta casa acolhemos pessoas desprovidas de bens materiais e de auxílio familiar. Geralmente são pessoas muito pobres, sem a menor perspectiva de vida, com problemas de saúde. Aqui existem leitos, onde são acolhidos com amor e onde recebem tratamento gratuito. Contamos com pouca ajuda da grande sociedade francesa e o restante é bancado por mim e mais um grupo de amigos. Todos nós, nesta casa, dedicamos parte do nosso tempo às pesquisas ou a algum tipo de trabalho voluntário – dizia Jean, enquanto andava pela casa, apresentando-me as instalações.

Conheci a casa toda por dentro, que funcionava basicamente como um abrigo de saúde. Era uma grande mansão de três andares, composta por vinte quartos que se tornaram leitos. Pintada na cor azul clara, parecia um palácio. Muito grande e extensa, era rodeada por um imenso jardim, composto de grama, flores e bancos. E foi ali que avistei muitas pessoas sentadas, tomando o sol da manhã. O primeiro sentimento que aquele lugar me despertou foi o de paz. Uma sensação que há anos eu não sentia.

Com idas e vindas de Ana para Carmem e de Carmem para Ana, naquele momento, eu sentia que havia feito as pazes com as duas. Ainda sentia muita saudade da minha família, principalmente dos meus pais. Mas eles jamais me aceitariam, hoje depois de tudo que vivi, depois de tantas escolhas erradas, de tudo que fui capaz de fazer para obter sucesso, dinheiro e fama. E para depois disso tudo descobrir que Manolo nunca havia me deixado.

Eu me encontrei novamente e, naquela casa, senti algo que me sinalizava intimamente que eu ia conseguir realizar o que prometera para Andaluz e encontrar a minha paz. E, quem sabe, me redimir um pouco com a vida e com Deus. É... Com Deus. Não falava com ele há muito tempo e naquele dia senti uma imensa vontade de estar com ele.

Na maior paciência e respeito do mundo, Jean me mostrou todos os leitos, a cozinha, o refeitório, as pessoas que ali estavam alojadas e trabalhando. Todos eram amigos. Conheci pessoas totalmente diferentes dos demais da sociedade e que não eram ciganos. Comecei a me sentir menos arredia com Jean e percebi que ali brotava uma amizade sincera e sem segundas intenções. Fiquei aliviada, pois não tinha a menor intenção de me desligar de Manolo e voltar a ter uma vida em comum com ninguém. Após conhecer todo o recinto, fomos para o centro de pesquisa.

– Carmem, é aqui que são realizados testes com as plantas medicinais e aqui que eu gostaria de receber a sua contribuição. Nós temos muito a aprender com os povos ciganos e sei que você é um deles. Ao dizer isso, senti uma imensa vontade de me abrir e dizer quem eu era. Algo me tocou intimamente, como se quando ele dissesse Carmem, estivesse se referindo a uma personagem. E, realmente, Carmem era uma personagem.

– Jean, posso pedir-lhe um favor? Chame-me de Ana, este é meu verdadeiro nome. Carmem é um nome artístico e sou filha de tradicional família espanhola, mas por alguns acontecimentos em minha vida fui acolhida pelo povo cigano e me tornei um deles. Amo este povo e tudo quanto aprendi. E hoje estou aqui me propondo a fazer bom uso de tudo o que sei. Isso eu devo a eles. Sinto que tudo aqui me fará muito bem e conte comigo para o que necessitar.

A vibração tão boa que eu sentia ali, das pessoas, a maneira como Jean me olhava, como se nada o chocasse ou causasse repulsa, sem julgamento, tudo isso me fazia um bem enorme. Fazia-me lembrar dos ensinamentos de Zu e Andaluz: "Se quiser saber realmente quem é uma pessoa, leia os olhos dela e sinta a energia que ela lhe transmite. A alma ouve e sente. E não tenha medo".

Como aprendi com aquele povo, que amei de todo o coração e fui filha! Com Manolo também aprendi a usar minha sensibilidade para espiritualmente reconhecer as vibrações dos ambientes. No pomar da casa de campo sempre me pedia para fechar os olhos para sentir o ar, as plantas, as árvores, reconhecendo a beleza e a grande contribuição de cada elemento da Natureza na grande criação divina.

– Entendo, minha cara Ana! Fico muito feliz em poder contar com a sua ajuda. Acredito que nada é por acaso; tudo tem um plano traçado antes de virmos para Terra. E agora, vamos cumprir mais um projeto e que Jesus nos abençoe! – disse Jean.

Jean tinha uma maneira leve e diferente de ver as coisas. Com ele, para tudo existia um porquê e um para quê e estava tudo certo. Cada coisa estava em seu lugar. Senti-me aliviada por poder contar sobre meu nome e dizer um pouco de mim, afinal, passaríamos muito tempo juntos. Acho que Jean foi a primeira pessoa fora dos ciganos, um *gadjo* como eles diziam, a saber da minha verdadeira identidade. Dos *gadjos*, só Carlos o sabia. E este havia sido um inferno em minha vida. Mesmo que não o tivesse matado, sentia culpa por sua morte, como se eu o tivesse feito. Preferia

não pensar nisso, no que era a parte mais tenebrosa da minha vida. Havia decidido de vez mudar e fazer diferente. Sei que foi a pedido de Andaluz, mas ela sabia que eu iria acabar querendo isso. Acredito que, de onde ela estivesse, estaria me conduzindo até ali, para poder realizar algo de bom para a humanidade, em nome do povo cigano e intercedendo a meu favor.

Fiquei extremamente entusiasmada com o convite de Jean e senti que ali, naquele lugar, poderia fazer a diferença. Iria não só doar meu conhecimento, como pensei em propor, para o futuro, participar das atividades e também contribuir financeiramente.

Voltei para casa cheia de planos e feliz por, na manhã seguinte, poder começar uma nova etapa da minha vida. No caminho de volta, senti vontade de ir caminhando e aproveitei o dia para me sentir livre, verdadeiramente livre, em Paris. Porque eu, na verdade, nunca havia sido livre. Fora presa pelos meus pais, depois por uma fuga e em consequência disso, pelo meu ódio, rancor e mágoa.

Caminhando pelas ruas e vendo os jardins, me deparei com a triste realidade de que nunca havia pisado em um palco verdadeiramente feliz. O meu maior sonho foi vivido de forma envenenada pela luxúria, pelo rancor, pela vaidade, muito longe daquilo tudo que um dia imaginei que pudesse ser. Não sabia mais se teria vontade de pisar nos glamorosos palcos novamente. Mas eu ainda amava dançar! Talvez a única coisa boa em mim fosse isso: o amor puro que nutria por Manolo e pela dança, mais nada. Não iria me lamentar por isso, mas estava decidida que eu escreveria a partir dali uma outra história. Não sabia quanto tempo me restava, mas seria o suficiente para tentar recomeçar.

Paris realmente era um lugar maravilhoso, principalmente no verão. As cores se destacavam mais nos jardins daquela cidade. De alguma forma, eu estava grata e por isso decidi parar em uma igreja para conversar com Deus. Como ciganos, tínhamos a consciência de que Deus estava em toda parte, mas naquele momento, meu coração buscava o aconchego e pedia um pouco de privacidade em uma igreja vazia.

Entrei em uma majestosa igreja, onde as pinturas eram a ouro. Ela estava à luz de velas e das pequenas arestas de claridade que entravam pelas janelas fechadas. Senti-me mais confortável ainda para falar com Deus.

– Senhor, primeiramente quero lhe pedir perdão, por ter me afastado por tanto tempo. Me perdoe! Não tenho muito que dizer, somente contar que hoje começo reescrever uma nova história e vim pedir sua bênção. Preciso que esteja comigo daqui para frente. Eu lhe agradeço por confiar em mim, mesmo depois de tudo. Obrigada por esta oportunidade. Amém. Permaneci alguns minutos em silêncio e tive a impressão de ver Andaluz me olhando do altar e sorrindo. Contive-me em abrir os olhos para não perdê-la de vista. Foi lindo, eu estava verdadeiramente feliz. As lágrimas que desciam suavemente sobre meu rosto me faziam sentir-me aliviada.

Lembrei-me de quando Andaluz me aconselhou: “Minha filha, o importante é fazer um novo caminho. Confie em Deus, na espiritualidade e tudo se resolverá. Conte sempre comigo”.

Eu estava grata, se Deus não tivesse colocado essas pessoas iluminadas em minha vida, eu teria ido por um caminho muito mais difícil, sem volta, ou pelo menos muito mais penoso, já que não haverá nunca uma ovelha eternamente desgarrada. Andaluz me punha no eixo, de volta à realidade, e eu devia tudo isso a ela.

Voltando para casa tarde, o jantar já estava pronto e os empregados estavam me esperando para servir. Decidi que não jantaria sozinha e convidei-os para jantar comigo. Era uma família de

italianos, o senhor Lorenzo, sua esposa Milena e sua filha Luna. Foi um jantar agradável, regado a histórias de italianos e ciganos beberrões. Dali para frente, me fariam companhia e seriam meus amigos também.

Preparei-me para dormir, depois de despedir-me do senhor Lorenzo e de sua linda família. Abracei o travesseiro como uma criança feliz e esperançosa no porvir. Adormeci levemente e descansei nos braços do Senhor. Tive um sonho lindo! Caminhava por um jardim florido, vestia um vestido leve e claro acariciado pelo vento suave. Em minha direção vinha Manolo, todo de branco e descalço. Parecia um anjo o meu amor. Seus olhos estavam carregados de amor e ternura. Ah...seus olhos... Nunca mais me esqueci! Era um amor que descompassava meu coração. Beijamo-nos demoradamente, nos abraçamos e caminhamos juntos. Conversamos muito. Ele estava leve e feliz. Era ele, sempre fui dele e de mais ninguém. Ficamos um bom tempo nos falando e caminhando. Ao pararmos de mãos dadas, algo como a me puxar de volta fez com que ele ficasse parado com as mãos estendidas dizendo: "Ana! Volte! Volte"!

Senti como se algo estivesse me enforcando e voltei ao corpo imediatamente. Meio sonolenta e meio acordada, vi a imagem de Carlos a me amaldiçoar e dizendo que ia se vingar. O mais estranho é que não conseguia me mexer! Eu paralisada, e ele gritando que iria se vingar, que ia acabar comigo. Nem que para isso vivesse séculos e séculos! Comecei a pensar em Deus e a chamá-lo. Consegui acordar repentinamente assustada e perplexa com aquela cena. Eu sabia do que se tratava. Entendia que a morte não existia, que a vida continuava e que Carlos estava me perseguindo. Da mesma forma que Manolo tentou me alertar e pedir socorro, Carlos estava ali a postos para me destruir. Um frio percorreu o meu corpo e pensei novamente em Deus e em tudo o que havia acontecido naquele dia e confiei, acreditando que mesmo quando eu não queria, Deus estava comigo e agora ele haveria de estar também. Respirei fundo, imaginando o rio e a cachoeira me banhando a alma e acabei adormecendo novamente.

No dia seguinte acordei bem, porém um pouco abatida. Reagi, me arrumei, tomei café e fui ter com Jean no centro de pesquisas. Comecei a me afeiçoar pela caminhada e quase não pegava charrete para lugar algum, a não ser que fosse muito longe. Mas o centro de pesquisas era relativamente perto. Fui caminhando.

O ar da manhã sempre me fez bem. Ver pessoas... Caminhar era agradável. Dava bom dia a quem passasse por mim e às vezes era até reconhecida por alguns. Pessoas educadas e simpáticas. Não tão secas como no meu país. Estava começando me afeiçoar por aquela cidade. Eram pessoas sempre à frente do tempo. Eu gostava disso.

Chegando ao centro de pesquisas, entrei cumprimentando um e outro com carinhoso aceno e segui até Jean. Estava ansiosa para começarmos.

– Ana, bom dia! Seja bem-vinda ao seu novo posto de trabalho! – disse-me Jean, acolhendo-me com um amigável abraço. Fiquei feliz ao vê-lo lembrar-se do meu nome. Sentia que eu e Jean seríamos grandes amigos.

– Bom dia, Jean! Estou feliz por estar aqui. Muito animada com tudo.

– Que bom, fico feliz. Você está um pouco abatida, o que houve?

– Não sei ao certo, tive um terrível pesadelo esta noite. Como se uma pessoa em espírito me prendesse em meu corpo e me agredisse; foi muito estranho. Acordei cansada.

– Que interessante – disse pensativo. – E você acredita em espíritos?

– Após o meu convívio com os ciganos, passei a acreditar em vidas passadas, que o corpo morre,

mas o espírito é imortal. Aprendi tanto coisas boas, como ruins, através de manipulação de ervas e trabalhos ligados a espiritualidade. Eles são muito focados nisso. Mas eu, sinceramente, me ative somente às coisas ruins, manipulando e me vingando de pessoas. Resolvi mudar o meu destino há pouco, Jean, e você apareceu no meu caminho, interessado em saber mais sobre este povo e seus conhecimentos.

– Que interessante, Ana! Teremos muito o que conversar. Eu sou espírita e tenho aprendido muitas coisas. Podemos trocar conhecimentos. A parte boa, claro! – disse sorrindo. Você pode me contar o que sabe e eu lhe mostrarei o que sei e o que tenho aprendido. Aqui na França, existem muitas pesquisas e comunicações com espíritos, ou seja, pessoas que já partiram para o outro mundo, com intuito de aprendermos mais. São os chamados fenômenos mediúnicos, pelos quais recebemos muitas comunicações pela escrita. Ainda não existe nada muito fundamentado, mas o interesse cresce intensamente. Geralmente, os espíritos mais evoluídos nos instruem e nos orientam à caridade, ao amor e ao perdão. Através dessas comunicações não há dúvidas de que a vida continua e de que estamos aqui de passagem. Se algum dia quiser, poderá ir.

– Sim, claro. Agradeço o convite. Aprendi muito com a minha mãe de alma, Andaluz. Ela era uma cigana conhecedora da cura e da espiritualidade. Comunicava-se muito com eles. E a pedido dela, estou aqui hoje. Porque ela me disse que eu saberia a verdade de coisas ruins que me aconteceram e essa verdade me libertaria. E quando isso acontecesse, que eu mudasse de vida e fizesse a caridade para me redimir de alguma forma com as pessoas que eu feri. E agora cá estou, tentando ser uma pessoa melhor.

– Acredito em você, Ana, e acredito também que essa senhora sabia do seu potencial, dos seus sentimentos aí guardados, pois jamais revelaria segredos tão sérios se não soubesse que você saberia o que fazer. Melhor, ela sabia que esse era o seu compromisso: usar o seu nome, as suas posses e seu conhecimento para garantir um futuro melhor ao próximo. Tenho certeza intimamente que essa senhora Andaluz era muito sábia. Ela sabia que o tempo ruim iria passar porque essa não era sua essência.

– Faz sentido, Jean, Andaluz era muito especial. Como Zu, Manolo e todos os ciganos. Aprendi muito sobre energia, sobre o sentir a terra, o ar, a chuva, o cheiro do vento, as plantas, os minerais, tudo. Eles têm uma ligação maravilhosa com a natureza e os espíritos que nela habitam e dela cuidam. Andaluz salvou a minha vida, me tirou do abismo. Eu não sei como fui parar em seu acampamento. Eu havia perdido meu bebê e tinha perdido muito sangue. Quase não sobrevivi. Ela cuidou de mim e me ensinou tudo que eu sei hoje. Lembro-me de como foi bom. Com o conhecimento que obtive, sei que não vou curar todos os meus pecados, mas poderei me dedicar em honra a duas pessoas que me amaram muito.

– Duas?

– Sim, Manolo e Andaluz. É uma longa história. Outra hora lhe conto. Vamos trabalhar? – perguntei sorrindo.

– Sim, claro! Vamos! Primeiramente, quero que você faça uma lista das ervas e uma classificação do uso de cada uma. Vou catalogar com os conhecimentos já usados há séculos pelo seu povo e, se houver algo para completar que eu já tenha feito, o faremos. Após este processo, faremos alguns testes. Prepare-se, Ana, para encontrarmos a cura para muitos males! Podemos não concluir, mas abriremos caminhos. Gostaria de me apresentar profissionalmente. Eu sou médico, trabalhei muito anos em hospitais e hoje tenho esta casa, que funciona como uma casa

de apoio aos hospitais. Consigo mantê-la graças a ajuda de amigos. Temos conseguido grandes avanços aqui. Faremos uma parceria, certo?

– Certo! – disse com os olhos brilhando de alegria. Jean ficou admirado com o conhecimento dos ciganos e como a ciência deles aliada à cura da alma era fantástica. Eles acreditavam que cada planta possuía um poder energético que atuava na alma do paciente. E que essa cura se dava primeiro na energia do espírito, refletindo assim fisicamente. Achou impressionante essa analogia de não separação do corpo e do espírito, pois também acreditava que isso sim levaria à verdadeira cura.

Eu fiquei muito entusiasmada com tudo e principalmente quando comecei a aprender sobre medicina. Sobre como cuidar do outro. O gosto era tanto que acabei me tornando voluntária na casa, atuando como enfermeira. Descobri um lado em mim que não sabia. Gostava de cuidar das pessoas. Gostava de acompanhar a evolução do tratamento até a cura. Li muito, aprendi muito e aliei tudo quanto sabia ao que Jean me ensinava. Acabou que criamos um senso diferente de tudo que existia. Trabalhávamos não só o corpo, mas também o espírito de cada um dos necessitados. Com a ajuda da espiritualidade, conseguimos muitos resultados satisfatórios, muitas intuições e revelações enriquecedoras. Os pacientes e pessoas abrigadas na casa estavam cada dia mais saudáveis e nosso índice de perdas se tornou cada vez mais reduzido.

Jean permaneceu firme nas pesquisas, buscando cura de doenças desafiadoras, como a tuberculose. Participou de muitos congressos de medicina, enquanto eu me dedicava fielmente aos cuidados dos pacientes com a ajuda de todos da casa. Éramos grandes amigos. Nos dedicávamos com afinco às obras da casa. O engraçado é que meu passado foi ficando para trás. Eu aprendi muito! Com cada pessoa que por ali passava ou permanecia. Aprendi com a simplicidade de cada um, com a sabedoria, aprendi a me tornar mais humana depois disso. Era como se Ana tivesse realmente voltado a ser Ana e Carmem tivesse sido uma lenda. E foi isso que aconteceu. Carmem de Sevilha virou uma lenda. A cigana poderosa que manipulava homens e destruía mulheres já não existia mais: Ana. Simplesmente Ana.

A casa era um lugar onde eu tinha prazer de ficar. Jean conseguira muitas descobertas. Mas era desapegado! Com tantas curas conseguidas, não se preocupava quando perdia o registro para si da patente. Dizia que o importante era curar as pessoas. Eu concordava com ele, apesar de sentir aquele impulso de ir atrás dos que não agiam corretamente. Mas ele mesmo me acalmava:

– Calma, minha amiga, calma. Não pense dessa forma, pense na posteridade e na prosperidade que isso vai trazer para o ser humano. Realmente Jean Pierre era um homem de bem e se tornou uma peça essencial em minha vida. Éramos amigos, parceiros de trabalho.

As minhas noites sombrias continuaram, a dor da saudade também, mas aquela casa acalentava as minhas feridas e me fazia um ser humano melhor. Aprendi a voltar a sorrir com a alma. Aprendi também que quando você cuida de alguém, está cuidando de você e das suas feridas. É como se estancasse o seu sangue, o ardor da dor. Guardaria por toda a eternidade como fazer para o outro era bom para mim, porque não éramos separados, mas somos um só, neste grande universo divino. Ah! Como eu estava feliz! Ainda tinha remorso, culpa, dor, mas possuía a paz, que estancava todos esses sentimentos e me fazia ser melhor e repleta de gratidão à vida.

Por dez anos a fio aprendi muito, mais do que todos os anos da minha juventude, desperdiçada na luxúria e na libertinagem. Ali sim eu poderia dizer que era livre. Muito livre. A relação de amizade entre mim e Jean foi se estreitando cada vez mais. Éramos pares, almas afins.

Certo dia ele me disse, olhando nos olhos sinceramente:

– Ana, anos convivendo com você e a cada dia lhe admiro mais. Somos almas afins, eu tive minhas dores e você as suas, mas hoje já não me vejo longe de você! Gostaria que pensasse com carinho. Tenho uma proposta a lhe fazer. Não se sinta obrigada, nem ofendida. Mas gostaria que ficássemos juntos como marido e mulher! – disse beijando minhas mãos repetidas vezes. Sentia uma ternura e afago imenso por aquele homem, mas estava longe de me esquecer de Manolo! Mas eu já estava com 53 anos e Jean com 55. Achava que ele também não gostaria de findar sua vida na solidão...

– Jean, meu querido, apertei suas mãos contra o peito, eu também o amo carinhosamente, mas eu não sei se poderia ser-lhe completa de alma. Talvez nem você consiga!

Jean havia perdido a esposa e o filho em um acidente e nunca mais se recuperou. Dedicou toda a sua existência à medicina e à vida das pessoas.

– Eu sei, amada! Mas podemos tentar nos amar carinhosamente como companheiros. Eu gostaria de tentar, você quer?

– Sim, eu quero! – Jean me beijou carinhosamente os lábios e senti um amor fraterno, um doce prazer. Ele trazia calmaria para minha vida e era tudo quanto eu precisava.

Resolvemos nos casar rapidamente e eu me mudaria para o centro de pesquisas, onde Jean morava. Comprometi-me a abraçar a causa e já contribuía financeiramente para a casa há muito tempo. Mas eu só me mudaria se pudesse convidar o senhor Lorenzo e sua querida família para fazer parte do nosso querido e tão sonhado projeto. Cada um ajudaria no que pudesse e sua filha poderia concluir os estudos. Estávamos todos felizes e esperançosos por poder realizar o sonho de fazer a diferença na vida dessas pessoas.

Pensei em Zu, em Zano. O coração apertou por me lembrar do meu amor, Manolo. Será que ele entenderia e me perdoaria? Imagino que para ele seria muito mais difícil perdoar o meu passado que essa passagem da minha vida. Ele deveria saber que eu estava exausta e solitária e jamais faria algo que o ferisse.

Eu nunca mais seria inteiramente de ninguém, mas Jean e eu éramos companheiros, comparsas em uma caminhada de luta por um propósito. Cuidávamos um do outro há muito tempo e isso se transformou em um doce amor.

9
Tristeza e desalento

O DIA DO casamento chegou e estavam todos felizes. Todos os amigos da casa foram convidados e seria uma cerimônia muito simples. Mesmo no dia, trabalhamos meio turno para deixar todos muito bem cuidados e amparados. A cerimônia seria à noite e eu aproveitei para descansar um pouco à tarde. Adormeci e acabei tendo um daqueles terríveis pesadelos. Carlos me perseguindo e gritando:

– Eu não me esqueci! Ainda vou me vingar! Desgraçada! Espere para ver o que vou fazer com você! Acordei assustada com o coração descompassado e a respiração ofegante. O medo corria dentro de mim. Até quando aquele monstro iria assombrar a minha vida? Até quando? Tomei um banho, tentando me recompor, e comecei a me arrumar.

A cerimônia seria às oito no jardim da casa. Por volta de sete da noite, Luna filha de Lorenzo entrou para me ajudar a arrumar.

– Tia Ana, como a senhora é linda – Vamos fazer um lindo penteado e uma maquiagem bem suave. Estou muito feliz pela senhora.

Luna era uma doce menina, de cabelos negros, pele clara como a névoa e olhos azuis. Eram os olhos azuis mais lindos que já havia visto. Era como se eu olhasse para o céu em uma linda manhã de domingo.

– Luna, minha querida, linda é você! Um anjo! Tenho muito orgulho de você! Da sua retidão de caráter e seu jeito amoroso com todos. Obrigada por me ajudar. Um dia ainda vai encontrar o grande amor da sua vida e ele a fará muito feliz! – Luna riu alegremente e a conversa correu harmoniosa enquanto me arrumava.

Os convidados já estavam todos a postos no jardim, que havia sido muito bem decorado. Estavam todos felizes e era chegada a hora da cerimônia. Um frio percorreu o meu peito, com uma mistura de medo e alegria. Eu, aos 53 anos, me casando! Estava terminando de vestir o vestido, quando ouvi um barulho imenso e gritos vindos lá debaixo.

Não! Por favor, Jean! – gritavam. Saí correndo do meu quarto, próximo ao dele, que ficava no terceiro andar. Da beira da escada, avistei Jean caído e ensanguentado no chão da sala. Gritei de pavor e desci rapidamente as escadas.

– Jean!, pelo amor de Deus! Jean!

Imediatamente me lembrei de Carlos e senti nitidamente que ele estava ali gargalhando. Agonizando, Jean apenas me disse:

– Cuide dos nossos...

– Não! Jean! Não! Pelo amor de Deus, Jean! Não! – Já era tarde demais. Ele havia partido.

– Senhor! Por que, Senhor? – eu chorava desesperadamente com ele em meus braços.

O que seria festa e alegria virou tristeza e desalento. E mesmo com uma dor imensa em meu peito, eu ainda teria que cuidar de tudo e cuidar de todos. Tomei todas as providências para o enterro e na manhã seguinte fizemos uma triste homenagem para o tão amado Jean Pierre. Eu estava desolada e perdida.

E lá estava eu novamente sozinha e amargurada. A casa azul e feliz tornou-se cinza. Eu me esforçava para fazer as coisas, mas não conseguia. Tomada de tremenda apatia, permaneci assim por algum tempo. Com a ajuda de todos e principalmente de Lorenzo, eu coloquei minha fortuna em suas mãos para que ele tomasse conta de tudo e não faltasse nada para os abrigados.

Lorenzo vivia me dizendo palavras de incentivo, mas minha apatia era mais forte. Eu havia desistido. Não tinha mais nada que me fizesse reviver. A vida havia sido ingrata comigo em todos os sentidos e, assim, apática, permaneci por bons anos.

O tempo foi passando, a dor estancando e comecei aos poucos a me sentir mais forte. Palavras de alento vindas dos amigos me trouxeram mais ânimo. Em um daqueles dias em que eu me esforçava para estar melhor, bateu à porta do abrigo um senhor à minha procura.

– Senhora Ana? Meu nome é Claos, fui amigo de Jean Pierre e venho trazer meus sinceros sentimentos. Aquele homem de estatura baixa, meio gordinho, rosto redondo, trazia singularidade no sorriso. Cabelo liso como dos alemães, pele clara e olhos negros, davam-me a impressão de um bom senhor.

– Obrigada, senhor Claos. O senhor ia às reuniões com ele? Eu nunca quis ir. Sempre tive receio de me aprofundar mais no assunto.

– Eu sei, senhora Ana, Jean já havia me comentado. Éramos grandes amigos e sei também que acredita na espiritualidade e que a vida não cessa aqui.

– Sim, acredito e muito.

– Por isso o motivo da minha visita. Trago notícias de Jean. Ele escreveu uma carta para a senhora. Peguei o papel com meu coração em sobressaltos e uma alegria imensa me invadiu, ao começar a ler aquela pequena carta, que dizia:

"Eu disse para cuidar dos nossos, não foi? E você acabou sendo cuidada por eles. Eu sinto muito. Amo-te eternamente como minha amada amiga, mas quero que você prossiga bem e feliz. Conheci Manolo. Entendi por que vocês se amaram tanto. Aqui tudo é diferente. Não existem posses. Existem sentimentos. Coisa de alma, como diziam os ciganos. Nós te amamos e queremos que erga a sua cabeça! As coisas não serão fáceis daqui para frente, mas não desista! Iremos lhe buscar quando chegar a hora.

Jean Pierre"

Sentia o meu coração disparado e as lágrimas escorrendo sobre meu rosto insistentemente. O senhor Claos, com os olhos marejados de lágrimas, me oferecia seu lenço em respeito à minha dor. Dor, tristeza, amor, felicidade. Naquele momento, eu sentia tudo ao mesmo tempo. Um sopro de luz passou por dentro de mim e me fez acordar para realidade. Eu era amada e tinha uma família para cuidar. Agradeci ternamente aquele senhor e deixei as portas do abrigo sempre abertas para que ele nos visitasse. Decidi que a partir daquele dia eu iria levantar a minha cabeça e continuar a seguir a minha missão.

Com aquela carta, eu tinha certeza de que tudo estava sob o controle de Deus, por mais que tentassem me destruir. Ele estava sempre me amparando. Nos dias que se seguiram, apesar de

abatida, esforcei-me para participar dos afazeres da casa e na manipulação das receitas. Tudo estava caminhando muito bem, eu estava conseguindo me reerguer.

As pessoas abrigadas ficaram felizes ao me ver, assim como os colegas e os voluntários. Éramos todos uma família unida e o único desejo em nossos corações era ficarmos bem e fazermos a nossa parte.

Os dias lentamente foram voltando ao normal e todos recebendo o devido tratamento. Senhor Lorenzo e sua família se tornaram indispensáveis na casa. Ele era meu braço direito. Milena, sua esposa, gostava de cuidar da cozinha. Luna estudava muito, pois queria ser enfermeira também.

A ferida aberta no peito continuava latente, mas conseguia manter o sorriso e cuidar das pessoas que precisavam de mim. Tomei a frente de tudo novamente, embora muitas vezes a fraqueza me baqueasse.

Eu já alcançara os sessenta anos e até então a saúde nunca me faltara. Aparentemente, estava tudo bem e assim eu conseguia dar um curso normal às coisas. Mas não demorou muito e comecei a me sentir muito cansada, com dores espalhadas pelo corpo. Insisti em fingir que não havia nada, mas no fundo sabia que algo de errado acontecia. Não tive medo, por fim, mesmo que eu tivesse que partir, partiria feliz. A vida já havia valido muito a pena e eu sinceramente estava cansada.

O que me segurava em pé eram os queridos do abrigo. Eles sim faziam parte de uma grande família. Todas as pessoas que por ali passaram. Quantas vezes desci de manhã para tomar café e começar as tarefas do dia e logo em seguida, fraca e com dores pelo corpo, voltava para o quarto.

Aprendi com Andaluz e Jean que tudo que fizemos em nossas vidas obedece uma lei natural de ação e reação. Se minha saúde tivesse recebendo o reflexo de minhas ações do passado, então certamente seria uma doença grave a me consumir internamente – eu pensava.

Comecei a ficar muito mal e por fim iniciei o tratamento médico para o diagnóstico do câncer nos ossos.

Era uma doença rara que consumia o meu corpo aos poucos. O sofrimento foi inevitável. Dias e noites intermináveis de dores, estados febris e delírios. Naqueles momentos, eu me perdia entre as realidades da minha vida e as lembranças dos

Seus momentos mais difíceis, como a surra de meu pai, a perda de Manolo e do bebê, o ataque de Carlos, seguido de sua morte. Luna, que ficava mais próxima de mim, aos poucos foi assimilando os meus conhecimentos da cultura cigana que eu guardava com todo o respeito, passando a me tratar com mais carinho. Dizia que nunca havia visto uma mulher tão forte. Mas eu já estava cansada.

Agora, aos 61 anos, sentia aquele corpo que eu tanto amara e que tanto dele me servira se degenerando! As lembranças vinham à tona e voltavam como um filme. Essa era a minha história e este seria o legado que eu deixaria. Deixei toda a minha herança em nome do abrigo nas mãos de Lorenzo e sua família, em quem eu confiava e sabia que fariam bom uso.

Os outros voluntários que ajudavam a casa também zelariam bem por ela. Médicos engajados na causa Andaluz, nome que escolhemos ao projeto, ficariam responsáveis pelas pesquisas e apoio aos doentes.

Sabia que Luna futuramente seria quem responderia pela casa. Ela amava aquilo tudo. Cuidei para que nada faltasse a essa menina e que ela não tivesse que passar por nada do que eu passei. Ela tinha a minha tutela. Amava-a como filha.

E agora deitada e muito cansada, depois de quase um ano de doença, já não saía mais do quarto.

Iria morrer só. Às vezes contava os dias para partir, sonhando em rever Manolo. Foi um período muito difícil. Só eu sei a dor que carreguei!

– Com licença, mãezinha. Nossa Luna me chamava assim, carinhosamente. Temos uma surpresa para senhora. Vamos tomar um pouco de sol?

– Minha querida, sua presença ilumina meus olhos, mas não, prefiro ficar aqui.

– Vamos, mãezinha, não vai se arrepender disse rindo sorrateiramente e pedindo a um enfermeiro da casa que me carregasse até o jardim.

Quando chegamos até lá, avistei um grupo de dançarinos vestidos de ciganos. Alguns homens começaram a cantar o lamento meu e de Manolo. Os dançarinos belamente a bailar e eu emocionada vendo aquilo tudo me pus a chorar. Era como se eu estivesse vendo o meu amor novamente. Eu ajudava discretamente uma escola de dança flamenca e eles encontraram-me para fazer uma homenagem a 'Carmem de Sevilha. Chorava copiosamente e aplaudia repetidas vezes! Eu estava bem debilitada, muito magrinha, pela doença! Mas naquele momento, com marcas de rugas no rosto e meus cabelos brancos desarrumados, me senti jovem e chorei agradecidamente. Oh, Deus! Como eu amei de toda a minha alma a dança e como amei aquele homem! Dançaram repetidas vezes e bailaram maravilhosamente bem, ao som das músicas ciganas.

Fechei os olhos e me vi jovem novamente, dançando com meu amado.

– Manolo! Carinho? É você?

– Sim carinho, sou eu! Como esperei por este momento, como sonhei em rever-te! Como te amo! Dizia beijando-me repetidas vezes. Ah, Deus! O cheiro, a pele, tudo estava ali, eu não estava acreditando! Ele cumpriu o prometido e veio me buscar no momento mais lindo!

Olhei para trás e todos estavam ao meu redor, chorando e sorrindo ao mesmo tempo. A mãezinha querida, a Ana e a Carmem haviam morrido felizes. A feição em meu rosto era de júbilo e paz. Os ciganos continuaram cantando e me aplaudindo, enquanto voltei-me a olhar para aquele que era a razão do meu viver. Manolo...

Jamais em toda eternidade encontraria alguém a me olhar daquela forma. Jamais! Eu, ainda fraca, titubeei um pouco, enquanto ele me carregava no colo para seguirmos juntos. Uma névoa iluminada surgiu abrindo um clarão, nos levando para outra dimensão. Estávamos indo para casa, para nossa verdadeira morada.

10
Amor e perdão

CAMINHANDO NOS BRAÇOS do meu amado, com o coração em júbilo e os olhos maravilhados por aquele lugar, via pessoas vestidas com túnicas alvas nos aguardando e dando boas-vindas. O carinho em seus olhos me deixava emocionada e com a sensação de que estava voltando para um lugar querido.

A grama daquele lugar era de um verde reluzente e o sol, aconchegante. Parecia acariciar a pele. As cores se apresentavam muito vivas e havia muito verde por toda parte. Árvores frutíferas, crianças brincando descalças e correndo alegremente, pessoas sorrindo e se locomovendo de um lado para outro e sempre tão solícitas.

– Manolo, não vai me descer?

– Ainda não, Carinho, você está debilitada e antes precisa de cuidados médicos.

– Mais cuidados médicos? Eu não aguento mais sofrer! Pensei que após a morte, poderíamos viver livres da dor.

– Calma – disse-me ele com sorriso amoroso e beijando-me os lábios com afeto. Calei-me respeitosamente, confiando naquele que sempre me foi fiel e sincero.

Os prédios eram de cores claras, simples, mas passavam um tom de acolhimento. Reparei ao entrar em um desses edifícios o movimento de pessoas, que andavam de um lado para outro, socorrendo necessitados que gritavam de dor. Mesmo em momentos como esses, os atendentes não deixavam o sorriso e a paz em seus semblantes. Também reparei que não possuíam nenhum tipo de aparelho, mas sempre as mãos. No interior desse prédio, havia macas separadas por paredes finas, de cor azul índigo, que deixavam o ambiente à meia-luz, com a iluminação azulada também.

Cumprimentando os atendentes, Manolo encaminhou-me para uma maca vazia.

– Você vai me deixar? – perguntei a ele, com medo, olhando para algumas pessoas que estavam nas macas gemendo em suas dores e outras olhando e rindo estridentemente como se estivessem em transe.

– Já disse, Carinho, calma, confie em mim. Agora tudo ficará bem – disse enquanto passava a mão em meu rosto.

Não sei dizer, mas apesar de todo amor, eu via dor em seu olhar. Algo denunciava que ele ainda estava muito machucado por dentro. Um frio percorreu-me a alma, fazendo-me lembrar daquela fase obscura da minha vida. Quantos desatinos eu havia cometido, meu Deus! E tudo por mágoa e rancor. Eu não era uma pessoa apegada ao luxo e ao dinheiro em minha essência. Lembro disso

em minha casa. Onde eu estava com a cabeça de cair em tentação e querer ser algo que eu não era? Grande confusão começou a passar por minha cabeça, as lembranças a aflorarem em mim e de repente vi que meu corpo escurecia na região do ventre e do coração. Sentia como se eu me corroesse por dentro. Um grande desespero se apossou de mim e comecei a gritar. Gritava, como assim como os outros, assustada, e Manolo pacientemente segurava a minha mão, enquanto se punha em prece.

– Manolo! Socorro! O que está acontecendo? Ajude-me! Ajude-me! Aquela sensação passou para os meus olhos, e a senti também em todo o meu lado direito.

– Manolo! O que está acontecendo? Socorro! Pelo amor de Deus, o que é isso?

– Ana, acalme-se, confie em mim, vai ficar tudo bem!

Em prece, Manolo direcionava suas mãos sobre meu corpo e delas vi que saíam uma luz verde e raios intensos brancos. Comecei a sentir entorpecer o meu corpo e me perdi, quando pela última vez olhei seus olhos e avistei mais uma pessoa o ajudando.

– Me perdoe, Ana, é muito para mim, eu não queria te ver assim. Deus sabe o quanto eu roguei por você, mas ainda não dou conta...tudo ficará bem. Eu te amo. Depois disso, perdi os sentidos.

Não sei dizer ao certo quanto tempo fiquei inconsciente. Lembro-me de acordar algumas vezes aos prantos, rogando o perdão de Manolo. Ele não estava mais comigo, eu sentia. Sabia intuitivamente que eu deveria passar por aquilo sozinha. Aquele problema eu deveria resolver. O que me deixou mais tranquila foi ver o rosto daquela mulher com quem eu sonhava, me olhando com tanto zelo e amor, fazendo-me adormecer novamente.

Foram dias de pesadelo, de dor e muitas cenas repetidas em meu pensamento. Percebi, nas vezes que ficava um pouco consciente, que não estava mais no lugar onde fui recebida. Mas num lugar que mais parecia um quarto.

Esses momentos de consciência duravam pouco, pois a dor atacava. Foram dias difíceis, de dores, delírios, visões e sempre aquela mulher que mais parecia um anjo a me olhar. Cheguei a chamá-la de mãe inúmeras vezes quando abria os olhos, como uma filha que pede socorro, ao se machucar.

Sinceramente, no fundo do meu coração, hoje posso dizer que aquela dor foi necessária. Cada segundo de dor sentida funcionava como um processador a transformar os sentimentos do passado. Eu precisava passar por aquilo e sabia que merecia. A coisa mais certa que aprendi com isso tudo, é que Deus não nos pune. Ninguém nos pune. Nós mesmos nos encarregamos disso, através de nossa consciência. Se de alguma forma ferimos este amor, instala-se a culpa e esta é implacável, parte do processo da grande transformação que se dará em nós, no caminho de nossa evolução.

Após longo tempo inconsciente, eis que abro os olhos. Sim, era um quarto, e eu estava sozinha. Aproveitei para observar e vi que estava em uma maca bem aconchegante, coberta por um cobertor que mais parecia uma capa eletromagnética. Desse tecido saíam ondas de luzes bem suaves, variando de cores, azul, violeta, rosa, verde e laranja. Fiquei encantada ao ver tudo aquilo e, em cima de mim, uma luz um pouco fria na cor verde. Ao redor do quarto havia uma mesinha com um vaso de flores e um copo d'água. O quarto não era branco; tinha um tom de azul claro e, apesar da simplicidade, percebi que eram coisas muito diferentes da minha época. Simples e ao mesmo tempo arrojadas, dando um ar muito aconchegante. Perdida, observando tudo, levei um susto ao ver a porta se abrindo. Ela abria sozinha! Fiquei intrigada com aquilo! Impressionada

com o que havia acabado de ver, vejo Manolo entrando no quarto. Meu coração disparou e sem saber o que dizer, apontei para a porta, perguntando:

– Mas como? Divertidamente, a entender meus questionamentos, Manolo se aproximou, enchendo meu rosto de beijos. Só ele para me fazer esquecer aquela porta abrindo sozinha, só ele!

Começamos a rir juntos e nos abraçamos por um tempo. O silêncio e o suspiro foram nossos únicos companheiros. Não existiriam palavras no Universo para decifrar tudo que nós passamos e ainda estávamos ali.

– Ana, que feliz estou de te ver melhor. Esperei tanto por este momento! Perdoe-me por não ter ficado ao seu lado o tempo todo, mas sempre estava aqui acompanhando seu tratamento. É porque ainda é muito difícil para mim, foram muitas coisas...

– Não diga nada, meu amor, não precisa, eu sei! Abracei-o como se quisesse fazê-lo entender que eu sabia da minha culpa e de todo mal que o fiz passar.

– Eu te amo, você é minha vida, Carinho, me perdoe!

– Eu também te amo muito! – disse Manolo, e por mais um tempo ficamos ali abraçados, até ele:

– Ana, daqui alguns dias volto para lhe buscar. Você vai ficar comigo.

– Manolo, tem certeza que quer que eu fique com você? Talvez precise de um tempo, eu entendo.

– Nem me diga uma coisa dessas, estamos juntos e tudo que eu tiver que curar o farei ao seu lado. Por mais que as coisas tenham sido ruins nos últimos tempos, temos uma longa história e lutamos muito para ficarmos juntos. E vamos ficar! As lágrimas escorriam pela minha face, sem condições de esboçar palavra alguma. Consenti com a cabeça, enquanto as enxugava com suas mãos. Mentalmente, agradeci a Deus por tê-lo em minha vida e por Manolo ser tão bom e sensato.

Novamente a porta se abriu, deixando entrar aquela linda mulher dos meus sonhos, que mais parecia flutuar. Seus cabelos cacheados e muito claros davam um ar angelical e uma paz ao olhar para seus lindos olhos azuis.

– Bom dia, Ana! Como está hoje?

– Bom dia, estou muito bem. Obrigada por tudo e desculpe-me por chamá-la de mãe tantas vezes.

– Não se preocupe quanto a isso. Nos conhecemos há muito tempo e já fui sua mãe em algumas vidas. É mais que natural que ainda se confunda. Hoje, somos amigas, grandes amigas. Pode me chamar de Clara.

– Clara, que nome lindo, combina com você. Uma pessoa iluminada mesmo.

– Não se engane, Ana, somos todos irmãos e em evolução. No nível em que nos encontramos ainda não existe ninguém iluminado por aqui, mas pessoas de boa vontade, lutando para se tornar melhores, lutando para transformar o passado de enganos em luz e benefícios para os que precisam. Ao dizer sobre passado de enganos, uma tristeza enorme abateu meu espírito, fazendo-me lembrar de mim mesma. Como que lendo meus pensamentos, ela retrucou:

– Não se preocupe em achar que é pior do que ninguém aqui. Estamos todos no mesmo barco e servindo o mesmo mestre, que é Jesus Cristo. A batalha contra nossas imperfeições é árdua, mas o trabalho com o Cristo é o acalento que nos guia a alma. Se esforce, Ana, para melhorar a cada dia, que as coisas mudam por si só. Você já começou uma linda caminhada na Terra ajudando pessoas e trabalhando em prol dos que sofrem. Aqui é a mesma coisa. Nós trabalhamos em favor

daqueles que amamos e ainda sofrem na Terra, ou até mesmo nas esferas mais inferiores. É para isto que devemos olhar e não para nossas culpas. Que elas sirvam de exemplo para não julgarmos quem quer que seja e como incentivo de melhora e esforço de cada dia.

Fiquei inebriada com aquelas palavras. Clara possuía um magnetismo que me fazia sentir vontade de ir e lutar para ser alguém capaz e melhor. Realmente fazer a diferença. Deus era muito bom e eu estava grata por tudo aquilo. Manolo observava tudo atenciosamente, como se estivesse embebido igualmente com aquela energia. Senti-me à vontade naquele momento. Estava perto de pessoas queridas.

Os dias passaram e chegou a hora de Manolo me buscar. Antes que ele viesse, Clara passou pelo quarto para se certificar de que eu realmente já estava pronta para ser liberada. Ela era uma das responsáveis pelos serviços prestados daquela unidade, embora nada tivesse comentado sobre isso. Percebi que as pessoas que cuidaram de mim tiravam sempre dúvidas com ela e seguiam as suas carinhosas instruções. Examinou-me e por fim disse:

– Você está ótima! Estou muito feliz com sua recuperação e resiliência. Você precisa se esforçar para estar cada vez melhor, aproveitando tudo o que há de positivo em cada dor e cada erro. Caminhe sempre para frente, Ana. Não olhe para trás. Esqueça

o que passou. De nada adiantará ficar lamuriando estagnada no tempo. Use a sua dor e seu remorso como energia contrária. Como Andaluz lhe ensinou.

– Andaluz... saudade dela. Como ela está? Realmente ela me ensinou muito. Devo muito a ela.

– Ela está muito bem, Ana. Assim que sair daqui, poderão se falar. Meu coração sobressaltou-se ao imaginar que, se Andaluz estava ali, provavelmente minha família também. Como adivinhando meus pensamentos, Clara concluiu:

– Eles não estão aqui, Ana, sua família precisa de ajuda. Ainda estão presos às questões materiais. Mesmo desencarnados, seguem no erro, na disputa por poder.

Senti uma dor imensa na alma, com a dúvida do que poderia ser essa situação, mas pelo ar da conversa, coisa simples não era.

– Ana, acalme-se. Com o tempo saberá de tudo e, quem sabe, com a ajuda de Jesus, não consegue resgatá-los? Vamos por partes, você ainda está um pouco confusa e devagar tudo se ajeita. Está certo?

– Sim, está certo.

– Agora vou lhe ajudar a se vestir, antes que Manolo chegue. Ou você quer ficar com esta camisola?

– Nossa, nem havia percebido – disse sorrindo, olhando para aquela vestimenta. Não que eu ligasse, mas gostaria de estar mais bonita quando ele chegasse.

– Ana, aqui nós mudamos tudo com o poder do pensamento. Podemos mudar de aparência, de vestimenta e até mesmo de cor. Com o tempo, você irá aprender, mas hoje eu lhe ajudarei. Aos poucos, meu rosto foi ficando mais harmonioso e um leve vestido de cor salmão bem claro foi decorando o meu corpo. Era um vestido com tecidos leves e aconchegantes. Ela realmente me conhecia.

– Clara, que lindo, muito obrigada! Sinto-me bem à vontade, obrigada! Abracei-a com alegria e ela, muito dócil, recebeu meu abraço afetuoso e por fim me disse:

– Manolo está chegando. Vá para casa, aproveite o dia e assim que se sentir pronta venha me procurar. Gostaria muito que trabalhássemos juntas. Em tempo de responder, aquela porta

maluca se abre e por ela entra meu amado. Decidi responder depois. Sorrimos como crianças, enquanto Manolo pegava a minha mão e me beijava com afeto. Despedi-me de Clara e saí caminhando com Manolo.

No caminho, ouvia o canto dos pássaros, o sorriso das crianças a brincar. Havia um lindo lago à nossa esquerda e sobre ele uma ponte que me lembrou Paris. De mãos dadas, Manolo respeitava meu silêncio, enquanto eu admirava aquele lindo lugar. As construções ornavam com a natureza. O que me chamou a atenção foi que elas não eram quadradas, mas todas arredondadas e harmônicas. À nossa frente, havia um prédio muito grande, que mais parecia um cone rodeado por uma espiral, lembrando anéis. Esse espiral era uma rampa por onde as pessoas passavam para ter acesso a seu interior.

– Manolo, que lugar é aquele? – perguntei intrigada, olhando para o edifício.

– Este prédio é um lugar onde as nossas memórias podem ser visualizadas. Não só a parte que nos cabe, mas todas as imagens, mostrando o que os envolvidos passaram.

– Impressionante! Ali eu poderia saber notícias dos meus pais?

– Sim, poderia. Quando sentir-se melhor, poderá ir até lá e buscar mais informações. Tenho algumas tarefas na maior parte do dia e ficará livre para conhecer tudo.

– Tarefas? Quais tarefas?

– Depois da minha partida, fiquei muito perdido atrás de você e muito ferido. Estacionei em um estado mental de mágoa tão grande que acabei indo para as moradas inferiores do plano espiritual. Sofri muito por alguns anos, mas como Deus é benevolente, fui socorrido pelos queridos irmãos que aqui residem e fui melhorando a cada dia. Passei pelo mesmo tratamento que você, e depois de minha recuperação, comecei a buscar conhecimento. Com o passar do tempo, interessei-me por suas tarefas na Terra e resolvi aprender um pouco mais sobre cura e os processos utilizados aqui na espiritualidade. Clara nos recebeu com carinho.

– Nos recebeu?

– Sim, recebeu Andaluz também. Aprendemos muito e a cada dia fui me apaixonando pela tarefa com Cristo através da cura dos irmãos em sofrimento. E hoje, eu trabalho com o atendimento a esses irmãos. Sinto-me muito feliz e espero perdurar por muito tempo, estudando e trabalhando em prol desta causa.

– Andaluz! Como a amo, se não fosse por ela, nem sei. Fico muito feliz por você, meu amor, sei o que quer dizer quando fala em fazer algo pelo outro. É muito gratificante. Fui muito feliz no abrigo e no centro de pesquisas. Abaixei a cabeça envergonhada por lembrar-me de Jean, como se Manolo fosse me repreender.

– Mas, que esferas inferiores são essas? Eu não devia ter ido para lá?

– Não se preocupe quanto a Jean, eu sei que era necessário. Não se preocupe – respondeu como se lesse meus pensamentos.

– Ana, eu realmente sofri muito com tudo o que vi, sofri muito. Cheguei a ter ódio de você. Mas quando fui socorrido, aprendi muita coisa e vi que nada é por acaso. A ferida ainda existe, claro, mas já tenho consciência de todo mal que lhe causei em outras vidas e por que você se revoltou tanto, a ponto de se transformar. Houve outros abandonos e isso me mostra que nada está errado, é tudo justo. Vi muita coisa, já a abandonei propositadamente. Não como dessa vez. Com o tempo, você também vai descobrir e acabar se perdoando.

– Eu não consigo me perdoar! – disse, enquanto as lágrimas caíam. Eu não consigo! Jamais faria

algo para lhe machucar, mas estava cega, e quando descobri que havia morrido, a culpa tomou conta de mim. Como fui cruel com você! Não consigo perdoar meus pais, não consigo!

– Calma, não fique assim, vai ficar tudo bem – disse ele, me abraçando com carinho. Olhei em seus olhos e havia tanta ternura! E eu achava que não era merecedora daquele amor.

– Sim, Carinho, você é merecedora, sim. Por isso não foi para as esferas inferiores. Apesar de ter saído de si por um tempo, muitas pessoas além de mim, Clara e Andaluz, rogaram por você. Pessoas socorridas por você e Jean. Isso conta muito. Você fez coisas por amargura e dor, mas a sua alma é boa. Você sempre foi simples e boa. Não se martirize tanto. Siga o que Clara lhe disse. Olhe para frente. Suas dúvidas, com o tempo, serão sanadas.

– Manolo, eu não aguento mais tanta guerra! Eu não aguento mais!

– Calma, nós vamos consertar isso. Tenha fé em Deus, meu amor, que nunca nos desampara. Nós vamos consertar isso.

Confiante no que ele me disse, enxuguei as lágrimas e caminhamos um pouco mais, até chegar à sua casa. Era simplesmente uma delícia a casa de Manolo, aliás, a nossa casa. Pequena, simples, mas muito gostosa. Tinha jardim, com flores e muito verde. Uma pequena varanda na frente com uma rede esteada ali. Desejei passar dias com ele, nós dois, deitados naquela rede, enquanto conversássemos sobre todos os assuntos que tanto amávamos.

– Realmente vai ser bom ficarmos aqui – respondeu sorrindo e deslizando a mão na rede, como a me responder os pensamentos. Como eles conseguiam? Já estava intrigada com isso. Tanto Manolo quanto Clara tinham esse dom.

– Isso não é dom, amada, isso é natural. Você em breve vai perceber que não precisamos falar para nos comunicar. Trocamos pensamentos. Todos nós podemos nos comunicar pelo pensamento. Devagar você se habitua – disse sorrindo e passando os braços ao redor do meu pescoço, puxando-me para dentro da casa.

– Lar, doce lar! Bem-vinda à nossa nova vida! Aqui vamos vencer todos os nossos problemas, aprender a ser melhores e a mudar de vida. Combinado?

– Combinado – respondi sorrindo, enquanto olhava aquela construção. As casas também eram um pouco arredondadas. Aquela era toda branca e muito bem decorada, com simplicidade e aconchego. Ao chegar no quarto, deparei-me com alguns cristais e uma colcha com detalhes suaves de arco-íris.

– Você não existe... sorri olhando para tudo.

– Existo sim e te amo muito. Rimos com alegria e naquele momento, num abraço, esqueci-me de todos os problemas, todas as culpas e mágoas.

Os dias seguiram tranquilamente, Manolo com suas tarefas, e eu, passeando por aquele lugar, conhecendo pessoas e tudo que havia por ali. Após algumas semanas, caminhando pela redondeza, parei em frente àquele prédio dos anéis e resolvi subir. Já dentro, avistei um balcão com algumas pessoas pegando informações. Elas eram encaminhadas para uma sala com várias mesas pequenas. Em cada mesa havia um aparelho muito estranho de que saíam imagens e uma confortável cadeira para assentar. Avistei alguns chorando e outros sorrindo. Por fim, chegou a minha vez. Um rapaz muito simpático, chamado Antônio, conduziu-me até uma dessas mesas e finalizou:

– Ana, aqui você vai receber, primeiramente, algumas instruções. Só depois poderá receber notícias de quem você deseja. Caso queira futuramente saber mais, fique à vontade em nos

procurar. Agradeci com carinho e comecei a assistir às imagens transmitidas por aquela interessante máquina.

Ao contrário de um treinamento técnico, as orientações iniciais vinham mais como um preparo para a realidade que, não demorava, seria mostrada pelas imagens, como que me ajudando a tirar o véu da ilusão e também me fortalecendo para me deparar com fortes acontecimentos.

Me surpreendi quando vi que eu não estava só.

– Ana, você pode não me reconhecer, mas estou aqui ao seu lado.

O acesso aos acontecimentos do passado e que envolvem pessoas que nos foram caras é um recurso acompanhado de perto por nós, quando o candidato como você ainda está se organizando emocionalmente.

– Você é...

– Sim, seu mentor espiritual...

– Eu, eu...

– Não diga nada, agora.

– O seu despertar para se tornar uma pessoa melhor já foi acionado. É preciso ter força e amadurecimento para que a revolta não lhe desajuste os sentimentos. Peça a Jesus forças para entender que o hoje nada mais é que uma faísca diante da eternidade. Tudo segue dentro da harmonia e da perfeição das leis do Pai.

As imagens voltaram a ser exibidas. As que surgiram cortaram o meu coração. Meus pais acreditaram piamente que eu havia morrido e sofreram muito. Sempre muito sozinhos, eles remoíam a dor, cada um a seu modo, culpando-me por minha morte prematura. Diziam que, se eu não houvesse cometido tantos erros, estaria ao lado deles. Presos a uma ilusão, foram ficando amargos e envolvidos por vibrações pesadas, por uma grande névoa escura. Meu pai só pensava em dinheiro e minha mãe só pensava em morrer. A relação, desgastada pela cegueira da ilusão, acabou fazendo minha mãe cair em depressão e meu pai cada vez mais afastado dela. Envolveu-se com outras mulheres, com bebidas, tornando-se impaciente e amargo. Mamãe fazia de tudo para chamar-lhe a atenção e, passando dos limites, pensou em tentar o suicídio. Mas achando que seria só um susto, acabou acordando no plano espiritual, em regiões muito densas, sobre as quais Manolo havia me dito. Como ela sofreu, Deus meu!... Não pude conter as lágrimas, ao vê-la tão suja e se arrastando sobre um vale escuro e sombrio. Tinha crises de lucidez que duravam pouco.

Meu pai por sua vez, sentindo-se culpado, bebia desregradamente, contraindo doença grave que o levou para a mesma região.

Lá os dois tornaram-se inimigos, pois minha mãe vivia acusando meu pai pelo que ele havia se tornado, sentindo grande ódio de suas atitudes lascivas e querendo puni-lo a todo preço. Muitas ações já haviam sido postas em prática pela espiritualidade, na tentativa de resgatá-los, mas em vão, pois eles estavam imersos num mundo de rancor, ódio e mágoa. Nem percebiam como estavam.

Via meu pai chorar escondido várias vezes, minha mãe, também. Saudosos dos tempos em que éramos crianças, revertiam essa saudade em dor e atacavam um ao outro, culpando-se mutuamente por minha criação e minha morte. Senti-me um monstro naquele momento, por tudo que havia feito, concluindo que eu não era amada por eles e sim odiada pelas escolhas que eu fiz.

Chorei muito, senti culpa, desejei sumir, senti remorso, por ser quem eu era, mas senti vontade

de protegê-los. Mas como faria? O que faria? Sem titubear, coloquei as mãos sobre o meu rosto e usei de toda a força que tinha em meu coração, rogando a Jesus para que me ajudasse e ajudasse a minha família.

Senti um torpor invadir a minha alma e um clarão veio à minha frente. Estava eu em um lugar escuro, sentada em um tronco de madeira com as mãos no rosto a chorar e rezar. Aquele foco de luz me chamou a atenção, fazendo-me levantar a cabeça. Um homem muito elegante, com vestes antigas, aproximou-se de mim. Eu não conseguia fixar meus olhos nos seus, de tanta luz que havia.

Sorrindo, ele amorosamente se aproximou, estendendo-me a mão. Percebi que estava naquele mesmo vale frio que meus pais e ele, por fim, me disse:

– Quantas vezes você vai atentar contra sua própria vida, minha querida amiga? Eu já não lhe disse que você é especial? Todos os seres são amados pelo Pai. Puxou-me pela mão e deu-me um longo abraço afetuoso. Era muito amor que eu sentia. E eu não conseguia esboçar palavra, apenas sentir o júbilo daquele momento, enquanto ele continuava:

– Volte para a luz, esforce-se e pare de criar julgamentos infundados. Mude e seja feliz. Melhore a cada dia e confie no Pai. Ele acariciava meus cabelos, e isso ia me acalmando. Tinha muita vontade de dizer o quanto o amava, mas não conseguia esboçar palavra alguma. Tinha vontade de olhá-lo nos olhos, mas a luz era muito intensa. Mas agradeci em pensamento todo o auxílio.

Despertei sem saber onde estava. Ao olhar melhor, fiquei surpresa, por me ver no quarto de Manolo, ou seja, em nossa casa emprestada com todo esmero. Lembrando nitidamente do sonho, e em estado de júbilo, prometi segredo em pensamento e agradeci a Jesus por aquele momento. Sabia que dali para frente tudo que fosse verdadeiramente pelo mestre, eu me esforçaria por fazer.

O tempo foi passando e a cada dia eu e Manolo estávamos mais unidos, engajados no propósito com o Cristo. Encontrei muitos amigos, como Andaluz, Zu, Zano, Arthur, Jean, meus irmãos Antônio e Ana Clara. Todos estavam muito felizes por aquela oportunidade de recomeço. Aprendi muito com Clara e tomei gosto pelo atendimento de urgência. Gostava de receber aqueles que estavam do mesmo jeito que eu, quando cheguei. Sim, aqueles que gritavam e estavam transfigurados de dor. Era por eles que eu trabalhava com dedicação e amor.

Certo dia, recebemos uma quantidade de pessoas que estavam no Vale dos Suicidas socorridos pelos seguidores de Maria. Chegaram em tristes condições, gritando por ajuda. Devotada naquele trabalho, junto com Clara e Manolo, começamos a atendê-los apressadamente. Esforcei-me com todo zelo e amor que possuía em meu peito, atendendo-os prontamente, até que me deparei com meu pai e minha mãe. Paralisada ao vê-los, lembrei-me de Jesus e agradeci imensamente por aquele momento. Eles não me reconheceram. Mas em meu peito, uma mistura de dor e amor acometeu-me. Busquei toda a força em Deus para ampará-los como irmãos, rogando ao mestre Jesus que os auxiliasse. Junto com outros socorristas à minha volta, emitimos num intenso pensamento com muita luz, fazendo com que eles logo adormecessem e fossem socorridos pela equipe do resgate. Agradeci imensamente a Maria, a Jesus e a Deus por aquele dia. Tive a certeza de que não estávamos desamparados e de que tudo estava em seu devido lugar.

Percebendo a minha emoção, Manolo me abraçou com carinho, dizendo:

– Amada, estamos no caminho. Em breve poderíamos pensar na possibilidade de retornarmos à carne para darmos continuidade ao que aprendemos aqui. Ajudando os outros, curaremos nossas feridas.

– Sim, eu concordo com você. Você ficaria comigo novamente?

– Mas é claro, se nos for permitido, eu ficarei! Eu a amo e não se esqueça, sempre estarei ao seu lado!

– Ai, Manolo! Como eu te amo e como sou feliz por isso! Você é o responsável por tudo! O amor que sinto por você me move e me impulsiona a ser alguém melhor. Eu quero voltar, quero ser o melhor que puder, quero cuidar da minha família e de você. Quero nascer e fazer algo de bom!

– Nós vamos fazer e estaremos sempre juntos!

Abraçamo-nos demoradamente cheios de amor e esperança em um porvir melhor. Sabíamos que a experiência na carne não seria fácil. Mas estávamos confiantes de que mesmo com todas as dificuldades, estaríamos com Jesus e ele conosco.

Palavras Finais

Nem sempre as coisas são tão fáceis. Nem sempre conseguimos aceitar os desafios pelos quais passamos. Mas é preciso ter fé em Deus e a certeza de que tudo gira em torno de um único propósito: a conquista de nós mesmos.

Nossa própria dignidade, muitas vezes dilacerada pelo orgulho e pela vaidade, se esfacela, quando, iludidos, nos afundamos no poço do ódio e da vingança.

Mas é preciso não se resistir ao amor maior. É preciso ter consciência de que resignação não é mera aceitação. Inclui ação, com o melhor que possamos dar de nós ante as intrincadas questões da vida.



Esta edição digital foi convertida com base na primeira edição. O texto original foi composto em Goudy Old Style 12/15 e os títulos em Cygnet Round 26/30. Eliana Haddad e Izabel Vitusso realizaram a preparação do texto. André Stenico elaborou a programação visual da capa e o projeto gráfico do miolo.

Setembro /2020